



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**ARTHUR ANTUNES SANTOS ALEXANDRE**

**O SENTIDO NA VIDA E A SAÚDE MENTAL DAS(OS) PROFESSORAS(ES)  
BRASILEIRAS(OS) NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19: UMA  
VISÃO DA LOGOTERAPIA.**

RIO DE JANEIRO

2024

ARTHUR ANTUNES SANTOS ALEXANDRE

**O SENTIDO NA VIDA E A SAÚDE MENTAL DAS(OS) PROFESSORAS(ES)  
BRASILEIRAS(OS) NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19: UMA  
VISÃO DA LOGOTERAPIA.**

Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-graduação em Educação da  
Universidade Federal do Estado do Rio de  
Janeiro como requisito parcial para  
obtenção do título de Mestre em Educação

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lúcia Helena  
Pralon de Souza

Coorientador: Prof. Dr. David Moises  
Barreto dos Santos

Rio de Janeiro

2024

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

A771 Alexandre, Arthur Antunes Santos  
O sentido na vida e saúde mental das(os)  
professoras(es) brasileiras(os) no contexto da pandemia de  
covid-19: Uma visão da logoterapia. / Arthur Antunes  
Santos Alexandre. -- Rio de Janeiro, 2024.  
129

Orientador: Lúcia Helena Pralon .  
Coorientador: David Moises Barreto dos Santos.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado  
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação,  
2024.

1. Sentido na Vida . 2. Saúde Mental Docente . 3.  
Logoterapia . I. Pralon , Lúcia Helena , orient. II.  
Santos, David Moises Barreto dos , coorient. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCH  
**Programa de Pós-Graduação em Educação**

**ATA DA 477ª DEFESA DE DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE  
MESTRE EM EDUCAÇÃO**

Aos vinte e um dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte quatro, no prédio do Centro de Ciências Humanas e Sociais, na Sala de Defesa do PPGEduc, às quatorze horas, teve início a Defesa de Dissertação para obtenção do grau de MESTRE EM EDUCAÇÃO intitulada **“O SENTIDO NA VIDA E A SAÚDE MENTAL DAS/OS PROFESSORAS/ES BRASILEIRAS/OS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19: UMA VISÃO DA LOGOTERAPIA”**, defendida pelo mestrando **Arthur Antunes Santos Alexandre**, regularmente matriculado no Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCHS da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. A Banca Examinadora foi composta pelos seguintes membros: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lucia Helena Pralon de Souza - orientadora (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO), Prof. Dr. Davi Moisés Barreto dos Santos – coorientador (Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS), Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adriana Rocha Bruno (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO) e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adriana Maria de Assumpção (Universidade Estácio de Sá - UNESA). A Dissertação foi apresentada em sessão pública. Após sua apresentação, o candidato foi arguido pelos membros da Banca Examinadora. Em reunião reservada a Banca Examinadora:

*Aprovou o texto apresentado, ressaltando a qualidade da pesquisa e recomenda sua publicação e sua indicação pelo Programa ao Prêmio CAPES de Teses e Dissertações.*

A Banca Examinadora atribuiu à Dissertação o seguinte **PARECER FINAL**:

APROVADA      ( ) NÃO APROVADA

Na forma regulamentar, esta ata foi lavrada e assinada pelos membros da Banca Examinadora.



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lucia Helena Pralon de Souza  
(orientadora)

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** DAVID MOISES BARRETO DOS SANTOS  
Data: 22/02/2024 12:53:41-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

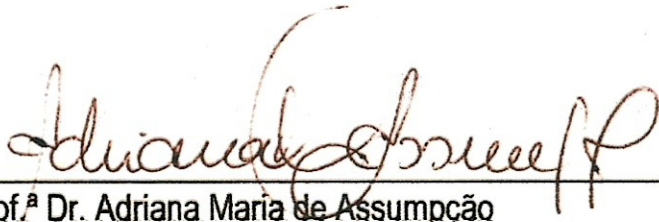
---

Prof. Dr. Davi Moisés Barreto dos Santos  
(coorientador)



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adriana Rocha Bruno  
(avaliadora interna)



---

Prof.<sup>a</sup> Dr. Adriana Maria de Assumpção  
(avaliadora externa)

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro, agradeço ao desconhecido que conheço, ao tempo que passa e ao ar que dá viço a tudo o que vive; a Deus, em seu oceano infindável, minha gratidão. A partir daí, também aos demais, que são expressão concreta desse amor que experimento e me esforço por compartilhar.

Em memória, trago meu Pai, Carlos Alberto, e meu Irmão, Álvaro, suas presenças-ausentes marcantes são combustíveis e afago na memória. À minha mãe, Eliana, da qual carrego o ímpeto da persistência numa vida valorosa e com sentido.

Ao meu irmão, Carlos André, a quem tenho profunda estima e amor filial, a quem devo a oportunidade de ter seguido meus estudos, sempre com seu olhar terno e cuidadoso, junto a ele agradeço à sua esposa e minha cunhada (e madrinha) Dayse, que com ternura e cuidado também foi determinante para que eu me entenda hoje como profissional. Com eles ainda, às minhas sobrinhas, Joana e Maria Clara.

Aos meus amigos e amigas, vocês que, permaneceram e permanecem, fazem parte de todas as minhas versões. A vocês, minha gratidão por permanecerem.

À minha turma de mestrado, “ainda bem que a gente tem a gente”, vocês foram ímpares e essenciais nessa jornada. Nossa troca afetuosa que fez teias e conexões me transformou como homem; vocês nunca serão esquecidos.

Ao meu namorado, Thiago Murro, que chegou como parte de um todo que se ergueu durante as muitas manifestações do Amor que me alcançaram. Seu cuidado vigilante, atento e cheio de incentivo foram fundamentais. Obrigado pela coautoria na vida.

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Lúcia Helena Pralon, nossas trocas foram muito além dos requisitos de orientação, sou imensamente grato de ter sido seu orientando e ter podido conhecer e receber de você tanta sabedoria. Algumas das nossas conversas foram verdadeiras sessões de terapia.

Ao professor Davi Moisés que se tornou coorientador desta dissertação, a quem devo às muitas boas oportunidades relativas ao andamento da pesquisa e a insondável troca de reflexões em logoterapia.

A todas as professoras e professores que passaram pela minha vida, em especial, cito quatro professores do PPGedu-UNIRIO que marcaram minha trajetória: Claudia Miranda, Celso Sanchez, Léa Tiriba e Ivan Amaro. Vocês foram fundamentais na minha formação. Também às professoras e aos professores que compõem a amostra desta pesquisa, muito obrigado por tornarem este trabalho possível.

Por fim, agradeço também às professoras Ana Cunha, Adriana Assumpção e Adriana Bruno que compuseram a minha banca (de qualificação ou de defesa) e com muito carinho se dedicaram a este trabalho.

A todas e todos que não citei. A gratidão é a linguagem de quem ama, e eu amei muito construir este trabalho, aqui provei que a academia pode ser um lugar de cura.

## RESUMO

ALEXANDRE, Arthur Antunes Santos. **O sentido na vida e a saúde mental das(os) professoras(es) brasileiras(os) no contexto da pandemia de covid-19: uma visão da logoterapia.** Rio de Janeiro, 2024. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Esta pesquisa buscou investigar os níveis de sentido na vida e saúde mental numa amostra de professoras e professores coletada no período relativo à pandemia de covid-19. Com o auxílio de métodos quantitativos de análise estatística e tomando por referencial teórico a Logoterapia e Análise Existencial de Viktor E. Frankl, buscou-se evidenciar os desafios das professoras(es) no Brasil e os impactos relativos à pandemia. Foram utilizados três instrumentos de coleta: um questionário sociodemográfico, o de sentido na vida (MLQ) e o de saúde mental positiva – forma abreviada (MHC-FC). Os resultados revelaram que os níveis de sentido na vida são preditores de saúde mental, apresentando uma correlação positiva para todos os parâmetros de saúde mental positiva, ou seja, o bem-estar psicológico, emocional e social. Na comparação do grupo de professoras/es com a população em geral, os achados sugerem que as(os) professoras(es) possuem melhores índices de sentido de vida e de saúde mental. E especificamente para o grupo de professoras(es), se verificou as influências para o sentido na vida e a saúde mental com relação ao sexo, idade e aspectos pandêmicos como o isolamento social e vacinação, oportunizando uma ampliada compreensão de aspectos que impactaram a saúde docente. A pesquisa revela o fator protetivo do sentido na vida na vida das professoras e a importância de se preservar em totalidade a vida das professoras e professores.

**Palavras-chave:** Sentido na Vida; Saúde Mental; Logoterapia; Saúde docente.

## ABSTRACT

ALEXANDRE, Arthur Antunes Santos. **The meaning in life and the mental health of Brazilian teachers in the context of the covid-19 pandemic: a vision of logotherapy.** Rio de Janeiro, 2024. Dissertation (Master's in Education). Education University. Federal University of the State of Rio de Janeiro.

This research sought to investigate the levels of meaning in life and mental health in a sample of teachers collected during the period related to the covid-19 pandemic. With the help of quantitative methods of statistical analysis and taking Viktor E. Frankl's Logotherapy and Existential Analysis as a theoretical framework, we sought to highlight the challenges faced by teachers in Brazil and the impacts related to the pandemic. Three collection instruments were used, a sociodemographic questionnaire, the meaning in life questionnaire (MLQ) and the positive mental health questionnaire – abbreviated form (MHC-FC). The results revealed that levels of meaning in life are predictors of mental health, presenting a positive correlation for all parameters of positive mental health, that is, psychological, emotional and social well-being. When comparing the group of teachers with the general population, the findings suggest that teachers have better levels of meaning in life and mental health. And specifically for the group of teachers, the influences on meaning in life and mental health were verified in relation to gender, age and pandemic aspects such as social isolation and vaccination, providing an opportunity for a broader understanding of aspects that impacted teacher health . The research reveals the protective factor of meaning in life in the lives of teachers and the importance of preserving the lives of teachers in their entirety.

**Keywords:** Meaning in Life; Mental health; Logotherapy; Teacher health.



## LISTA DE QUADROS E TABELAS

**QUADRO 01** - Descrição da Metodologia a partir das Questões de Pesquisa.

**TABELA 01** - Características sociodemográficas da amostra estudada.

**TABELA 02** - Testes de normalidade, médias e desvio padrão das variáveis na população geral e no grupo de professores, valor de  $t$  e tamanho do efeito.

**TABELA 03** - Porcentagem de respondentes da população geral acima e abaixo da média.

**TABELA 04** - Porcentagem de respondentes do grupo de professores acima e abaixo da média.

**TABELA 05** - Resultados do teste de diferença nos níveis de sentido de vida e saúde mental positiva entre a população geral e o grupo de professores.

**TABELA 06** - Estatísticas descritivas das variáveis para amostra total e separada por grupos.

**TABELA 07** - Resultados dos testes de post-hoc com Bootstrapping (95% IC Bca).

**TABELA 08** - Estatísticas descritivas das variáveis para os participantes que realizaram o isolamento social.

**TABELA 09** - Estatísticas descritivas das variáveis para os participantes que não realizaram o isolamento social.

**TABELA 10** - Estatísticas descritivas das variáveis para os professores que haviam se vacinado.

**TABELA 11** - Estatísticas descritivas das variáveis para os professores que não haviam se vacinado.

## LISTA DE SIGLAS

- BNCC** – Base Nacional Curricular Comum
- CNE** – Conselho Nacional de Educação
- CNS** – Conselho Nacional de Saúde
- CNTE** – Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação.
- CONASS** – Conselho Nacional de Secretários de Saúde.
- CONASEMS** – Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde.
- ERE** – Ensino Remoto Emergencial
- FCC** – Fundação Carlos Chagas
- GESTRADO** – Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho.
- INEP** - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
- LAE** - Logoterapia e Análise Existencial
- MEC** – Ministério da Educação
- NUTES** - Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde
- OCDE** - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
- OIT** – Organização Internacional do Trabalho.
- OMS** – Organização Mundial da Saúde
- OPAS** - Organização Pan-Americana da Saúde.
- PNI** – Plano Nacional de Imunização
- PPGEDU** – Programa de Pós-graduação em Educação
- TDIC** - Tecnologias digitais de comunicação.
- UEFS** – Universidade Estadual de Feira de Santana
- UFMG** – Universidade Federal de Minas Gerais
- UFRJ** – Universidade Federal do Rio de Janeiro
- UNESCO** - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
- UNIRIO** – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

## SUMÁRIO

I. APRESENTAÇÃO.....	8
MAIS MANCHAS DO QUE CONTORNOS.....	8
II. INTRODUÇÃO .....	11
OBJETIVOS DA PESQUISA .....	17
III. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	19
1. A PROFISSÃO DOCENTE.....	19
1.1. OS DESAFIOS DA DOCÊNCIA.....	20
1.2. A SAÚDE DAS/OS PROFESSORAS/ES E O SENTIDO NA VIDA.....	28
2. A LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL DE VIKTOR E. FRANKL.....	36
2.1. O VAZIO EXISTENCIAL E A CRÍTICA AO REDUACIONISMO.....	36
2.2. FUNDAMENTOS DA LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL.....	42
2.3. A REALIZAÇÃO DE SENTIDO E OS VALORES .....	46
IV. METODOLOGIA.....	50
PERCURSO METODOLÓGICO .....	50
INSTRUMENTOS DE COLETA.....	52
ANÁLISE DOS DADOS .....	53
QUADRO METODOLÓGICO .....	55
V. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	56
1. DA SAÚDE EXISTENCIAL AO BEM ESTAR GERAL.....	57
1.1 O SENTIDO NA VIDA E A SAÚDE MENTAL DAS/OS PROFESSORAS/ES. ...	57
1.2. O QUE O SENTIDO TEM A DIZER SOBRE A SAÚDE MENTAL DAS PROFESSORAS?.....	64
2. OS IMPACTOS DA PROFISSÃO DOCENTE NOS NÍVEIS DE SAÚDE MENTAL E SENTIDO NA VIDA.....	69
2.1 COMPARAÇÕES ENTRE O GRUPO DE PROFESSORAS/ES E A POPULAÇÃO EM GERAL.....	70
3. AS DOCÊNCIAS NO TEMPO E NO CORPO.....	75
3.1 AS DOCÊNCIAS FEMININAS E A SAÚDE EM TEMPOS DE PANDEMIA. ...	76
3.2 AS DOCÊNCIAS ATRAVÉS DOS TEMPOS E DOS SENTIDOS.....	82
4. OS IMPACTOS RELATIVOS À PANDEMIA.....	92
4.1. AS DOCÊNCIAS E OS EFEITOS DO CONFINAMENTO.....	92
4.2. OS EFEITOS DA VACINAÇÃO NO CORPO E NO ESPÍRITO.....	101
5. CONSIDERAÇÕES PARCIAIS .....	107
VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	108
VII. REFERÊNCIAS .....	112

## I. APRESENTAÇÃO

### MAIS MANCHAS DO QUE CONTORNOS.<sup>1</sup>

“Minha Transgressão é a Vida.” (Edith Eva Eger)

Este texto é fruto de recomeços e reviravoltas. O mundo vive um período de retomada advindo de uma guerra, até então não travada por esta geração – a pandemia da covid-19<sup>2</sup>. De todos os temores que assolam a vida humana, nestes tempos, fomos interpelados pelo maior de todos os medos, pela maior de todas as angústias e pela mais inquietante e pavorosa prova, a morte. O medo de perder a vida por um mal que nem mesmo podíamos ver ocupou nossas mentes, nossos noticiários e o nosso cotidiano. Quantas lições a *cruel pedagogia do vírus* nos ensinou (Santos, 2020)? Quantos amanhãs deixaram de ser colocados à venda, na urgência de se preservar o hoje (Krenak, 2020)? O ser humano, acostumado à dominação, foi forçado a se deixar dominar pelas contingências para sobreviver a ela. Antes habituado a colonizar, se viu forçado a questionar algumas estruturas reprodutoras de morte, porque a morte tornou-se ameaça iminente a toda humanidade.

No entanto, este questionamento, que impôs freio ao mundo industrial globalizante e opressor, evidenciou as mazelas e fragilidades escondidas nas rotinas barulhentas e agitadas dos grandes centros urbanos. Ofuscadas pelo brilho forte das telas dos smartphones, computadores e tablets, a sociedade enxergou em tons desagradáveis, sua mais profunda verdade: Perdemos! Perdemos o rumo da vida, não sabemos mais como viver em comunidade, em grupos, em famílias. O sul da quarentena (Santos, 2020) nos revelou que as estruturas de morte não dependiam necessariamente da ação do vírus, mas eram reforçadas pela lógica que seleciona e decide quem vive e quem morre. Lógica que anterior ao

---

<sup>1</sup> Frase proferida por Virna Bemvenuto, amiga e colega de mestrado, durante uma aula da turma de Práticas do Programa de Pós-graduação em Educação da UNIRIO.

<sup>2</sup> Pandemia declarada pela Organização Mundial da Saúde em 11 de março de 2020. O primeiro caso registrado no Brasil foi na Cidade de São Paulo em 25 de fevereiro de 2020. Até o momento em que este texto foi produzido, o mundo registrou um total de 6.919.573 mortos.

surgimento da Sars-Cov-2<sup>3</sup> já imperava oferecendo menos condições de vida para uns do que para outros.

“Somos piores que a covid-19” (Krenak, 2020, p. 6). Esta afirmação de Ailton Krenak deve nos fazer refletir acerca dos sofrimentos evidenciados no período de pandemia que, de maneira tão cruel, foram ameaças à vida humana e que contribuíram para o escandaloso número de mortos, mais de 700 mil somente no Brasil, chegando a cerca de 14 milhões de mortos no mundo inteiro por consequência direta ou indireta da pandemia (BRASIL, 2023; OPAS, 2022). Boaventura de Souza Santos, em seu ensaio *A cruel pedagogia do Vírus*, numa obra oracular, nos adverte para as aprendizagens que estaríamos ou não dispostos a extrair dos contextos da pandemia; uma delas está na retomada de percepção de um senso de comunidade, de nos entendermos a partir de algo comum, de sermos um com os outros e com a natureza, afinal, como diz Krenak, “Tudo é natureza” (Krenak, 2021).

Além disso, Boaventura sugere uma viragem epistemológica, cultural e ideológica que garanta a continuidade da vida humana no planeta (Santos, 2020). Figuras públicas de relevância mundial também foram na mesma linha de advertência, como o Papa Francisco, então líder religioso da Igreja Católica, que numa memorável prece solitária na praça de São Pedro, disse que a tempestade causada pela pandemia “mostra-nos como deixamos adormecido e abandonado aquilo que nutre, sustenta e dá força à nossa vida e à nossa comunidade” e que a pertença como irmãos, é a força que sustenta a nossa vida e a nossa comunidade humana (Francisco, 2020 p. 2).

No entanto, mesmo depois de quase seis meses após o rebaixamento do quadro pandêmico pela Organização Mundial de Saúde (OMS), ainda são sentidos os efeitos desse período desafiador<sup>4</sup>. A fome, a pobreza e devastação ambiental e o adoecimento mental são fatores que nos atravessam a todas e todos, sem contar ainda, os inúmeros entraves sociais que minam potências de viver. Viktor Frankl (1905-1997) ao longo de sua obra, nos evidencia a centralidade e o valor inegociável da vida, sua dignidade e resistência diante das mais controversas circunstâncias de morte.

É por isso que a epígrafe que abre este texto assume enorme relevância. Assumir a vida como um ato de transgressão, me põe frente à necessidade de não permitir que nada

---

<sup>3</sup> Sigla em inglês para "severe acute respiratory syndrome coronavirus 2". Em português é 'síndrome respiratória aguda grave coronavírus 2'.

<sup>4</sup> A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou numa sexta-feira dia 5 de maio de 2023, em Genebra, na Suíça, o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) referente à covid-19.

possa minar o valor e o sentido inegável de cada vida humana em todas as suas possibilidades de existência e re-existência. Aqui, me sinto impelido a dar contornos, às manchas que me trouxeram até aqui. Esta dissertação, longe de se propor a um percurso metodologicamente balizado e cientificamente padronizado, se preocupa em refletir e extrapolar as vivências das professoras e dos professores brasileiros. O pesquisador, aqui em questão, se enquadra neste escopo e esta pesquisa nasce também de suas inquietações, reviravoltas, recomeços e experiências.

Ao concluir a graduação em Ciências Biológicas na UNIRIO, o desejo e decisão pela docência eram certezas que me orientavam profissionalmente. O percurso acadêmico também me atraiu, porém uma inquietação pessoal era ainda mais profunda e mesmo tendo sido aprovado para dar seguimento ao mestrado em educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIRIO (PPGEdu-UNIRIO), decidi seguir as pulsões que, naquele momento, me afetavam e decidi ser missionário em uma instituição religiosa, cujo trabalho e centralidade eram a juventude. Ali, pude experimentar de grandes alegrias, que me forjaram e fizeram de mim o homem que sou hoje.

Não caberiam aqui, nestes contornos de algumas páginas, todos os recortes de uma vida doada sem reservas à uma causa maior do que eu mesmo. Foram mais de 15 cidades, três países e uma infinidade de homens, mulheres e jovens que cruzaram a minha existência ao longo dos sete anos que estive dedicado a este trabalho. Foi durante este período também, que me confrontei com uma das dores humanas que mais me inquietaram e essa foi a razão pela qual pude me conectar novamente com os estudos e a pesquisa, a fim de responder às demandas que me chegavam. Conheci o vazio existencial e a falta de percepção de sentido na vida em muitas pessoas que encontrei, foi então que a logoterapia de Viktor Frankl e sua teoria acerca do sentido de vida, começaram a fazer parte da minha história.

Só quem esteve diante de uma vida interrompida pelo sofrimento de viver pode experimentar a violência e a urgência de se lutar por recuperar a alegria e o sentido na vida. Uma experiência ao longo desta minha trajetória me coloca diante desta dissertação como quem se abre a um compromisso de vida e de missão. A vida me chamou à difícil posição de estar muito próximo à uma família cujo filho, um jovem com menos de 20 anos, cometeu suicídio. A experiência de ver seu corpo jovem marcado por esta violência me atingiu profundamente e tenho certeza que foi determinante para os desdobramentos que viriam a seguir.

Esse episódio foi em 2019, a partir daí, decidi – ainda mais fortemente – que não ficaria inerte diante do sofrimento existencial que assolava a humanidade. No período da pandemia, quando fomos todos forçados a um mergulho de reflexão, eu também pude revisitar as minhas motivações, a minha trajetória pessoal e revisitar escolhas que havia feito. Isso mudou por completo os rumos da minha vida.

Em fevereiro de 2021, retornei ao Rio de Janeiro, impelido pelo desejo de buscar sentido na minha vida, estando mais alinhado às escolhas profissionais que se abriam diante de mim. Foi então que resgatei um desejo antigo de voltar a estudar, ingressei numa segunda graduação, dessa vez em psicologia e me determinei a principalmente retornar à pós-graduação. Na escolha sobre o tema desta pesquisa haviam duas certezas: eu ia pesquisar sentido na vida e logoterapia, e a pesquisa deveria ser na área da educação. A partir daí, a vida se encarregou de fazer deste percurso “mais manchas do que contornos”. Conduzindo-me até aqui.

Esse recorte sobre a minha jornada serve para evidenciar como a pesquisa é uma prática libertadora (bell hook, 2017). Foram tantas as experiências de cura, que hoje posso afirmar que pesquisa me transformou. Quando entrei no Programa de Pós-Graduação em Educação, encontrei um coletivo de educadoras e educadores que foram capazes de me fazer florescer para a vida em lugares inimagináveis, curando-me através dos afetos, da acolhida, do respeito e do confronto amoroso de ideias. Este trabalho assume o contorno de muitas mãos e vozes, da minha turma de mestrado, da linha de práticas educacionais do PPGEdU 2022.

Passada esta explanação, retomo o fio de prumo desta proposta investigativa. Certo de que não venho sozinho, as muitas versões de mim estão postas nestas páginas, elas vão se inter cruzando com as vozes das minhas professoras e professores. Vão se ajustando pelos suaves conselhos da minha orientadora, a quem tenho profunda estima e gratidão. Vão se evidenciando também nas vozes daqueles que falam no texto junto comigo: os autores, meus alunos, familiares, companheiro, amigos e todos aqueles e aquelas que de alguma forma fazem de mim o que sou e o que devo me tornar.

## **II. INTRODUÇÃO**

## **DANDO CONTORNOS E JUSTIFICATIVAS, NÃO LIMITES.**

A fim de tornar todas as vivências narradas até aqui, e dar os contornos necessário à legitimação do conhecimento produzido na vida, essa pesquisa de mestrado segue seu percurso evidenciado a vida daquelas e daqueles que são a centralidade de todo o discurso sobre educação em nosso país. As professoras e professores, suas vivências e sua saúde assumem a centralidade desta proposta, que se entende aberta, em contornos que não impedem as manchas, em rotas que não fecham as portas, mas abrem a novas possibilidades em cada compreensão e em cada entendimento.

Pensar a escola e os demais espaços de educação envolve repensar suas estruturas emparedadas (Tiriba, 2018), seus mecanismos de poder (Quijano, 2015), suas facetas de política e território (Walsh & Salazar, 2022). Questionar e refletir sobre as redes complexas que a compõem em oposição ao pensamento simplificador (Morin, 2005) e envolve sobretudo, pensar seus agentes. Pensar em educação é, mais do que tudo, pensar em pessoas que tecem relações complexas na luta por desbravar o profundo do que são e manifestarem na vida, em essência, o que exalam.

Sobre os atores que tecem os fios complexos de suas existências dentro da escola, emerge a figura da professora(or), habituada(o) desde as origens do seu ofício a aventurar-se pelas tessituras exigentes da profissão docente. Desde os conflitos sacerdotais de seu laborioso exercício (Nóvoa, 1999), até as lutas paradoxais por valorização e garantia de direitos básicos. A figura docente assume um papel fundamental naquilo que entendo como práxis de pesquisa: pensar a escola como um lugar de cura.

Edith Evan Eger (2019) em seu livro autobiográfico *A Bailarina de Auschwitz*, afirma que talvez a cura não significa apagar a cicatriz. Curar, em última análise, é cuidar da ferida (EGER, 2019). bell hook, em sua obra *Ensinando a Transgredir*, nos aponta que a teoria é um caminho para a cura (bell hooks, 2017). Neste sentido, as professoras e os professores, em sua prática transgressora a favor do conhecimento, são promotores de cura, são promotores de valorização da vida e daquilo que sustenta nossa existência neste mundo em que compartilhamos.

Para se pensar uma escola promotora de vida, há de se pensar naquelas(es) que em potencial são promotoras(es) de vida dentro da escola. Se estas(es) são como árvores sem seiva, como produzirão este fruto viçoso para seus alunos? O Sentido de Viver, antes de ser ensinado, deve ser testemunhado. E só podemos despertar nos outros o sentido na vida, a



medida em que nós mesmos somos luzeiros ou tochas acesas, que sabem porque estão acesas, iluminando no escuro e aquecendo no frio. Desta forma, olhar para a figura de professoras e professores, em seu aspecto existencial, naquilo que há de saudável em sua existência, assume papel valorativo para a educação e se torna tema central desta pesquisa que pretende contribuir para a compreensão da maneira como se apresenta o sentido na vida e a saúde de professoras(es) brasileiras(os) no contexto da pandemia de covid-19.

Neste sentido, os cenários e contextos sociais onde a professora atua assumem total relevância e merecem ser contextualizados em toda e qualquer averiguação acerca dos aspectos idiossincráticos destes profissionais. Segundo Esteve (1999) as rápidas e por vezes repentinas mudanças sociais geram um contexto de grande insegurança nas professoras(es), ocasionando, dentre outras coisas, o que chama de “mal-estar” docente.

O autor compara os professores a um grupo de atores que se preparam para um espetáculo ambientado numa época, com trajes e roteiro específico, porém, sem prévio aviso, o cenário é alterado, o público é trocado por outro e o espetáculo se faz desajustado e descontextualizado. No entanto, com a “cara em cena” estão os atores que não puderam opinar ou escolher a nova realidade, mas que precisam lidar com ela e garantir ao público um espetáculo de excelência. Portanto, as professoras(es), que de maneira geral não são as(os) responsáveis pelas mudanças significativas e generalistas nos contextos educacionais, se tornam a vitrine dos insucessos gerados por elas (Esteve, 1999).

A percepção dos impactos de mudanças repentinas na educação pode ser evidenciada pelo que a humanidade viveu recentemente no contexto da pandemia da covid-19. Sem aviso prévio, escolas, universidades, ambientes formais e não formais de ensino se viram obrigados a modificar radicalmente a sua prática de atuação, tendo alguns aspectos centrais do processo de educar profundamente influenciados.

O relacionamento presencial, por exemplo, permeado de encontros de afeto e acolhimento foi substituído pelas telas, essa nova modalidade de relacionamento, tão distante do contexto da educação e da rotina de trabalho da maioria das(os) professoras(es), foi combustível para mudanças significativas na rotina das(os) trabalhadoras(es) da educação. Mesmo diante das novas tendências em educação e uma melhor compreensão acerca das potências de ensino e de aprendizagem por meio dos recursos digitais, a maneira como fomos inseridos nesta nova modalidade foi ainda promotora de lacunas que merecem nossa atenção.

O necessário e inevitável distanciamento social indicado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como meio para controle das infecções, forçou professoras(es) ao distanciamento físico, levando-as à difícil e árdua missão de redescobrir a relação com seus alunos, inclusive emocional, através das telas (Bruno, 2010). Os quadros deram lugar às telas, os papéis aos jogos interativos e, as horas de trabalhos extenuantes, foram somados os medos, as angústias e os sofrimentos produzidos pela pandemia, num cenário onde o estresse era o cotidiano e a qualidade de vida se tornou, num primeiro momento, uma luta por sobrevivência.

Segundo dados da UNESCO, no Brasil, 81,9% dos alunos da educação básica deixaram de frequentar as instituições de ensino, no mundo, o total de estudantes afastados da escola chega a 64,5%, o que em números absolutos soma cerca de 1,2 bilhões de pessoas (FCC, 2020). Esses números demonstram a grandiosidade do impacto causado na vida dos estudantes durante a pandemia e sugerem que muito esforço foi necessário para atenuar os impactos de tal problemática, evidenciando certamente o trabalho das professoras e professores juntamente com as equipes gestoras das escolas.

As(os) professoras(es) tiveram seus contextos de trabalhos completamente alterados, causando um aumento significativo no uso das tecnologias aplicadas aos processos de ensino e de aprendizagem, sendo essas, as únicas ferramentas possíveis para suprir a demanda causada pelo distanciamento social. Neste tocante, um levantamento realizado pela Fundação Carlos Chagas (FCC, 2020) aponta para um aumento de 91,4% nas demandas de trabalho dos professores associadas ao uso de recursos tecnológicos como e-mail, WhatsApp, SMS e etc.

Além disso, houve um aumento de 80,1% nas atividades relacionadas a preparação dos conteúdos de aula, como planejamento e organização dos materiais para o contexto digital, e ainda um aumento de 77,4% na participação de cursos de formação específicos à nova realidade educacional. Isso significa que, durante este período, as jornadas de trabalho dos professores foram substancialmente aumentadas, elevando os níveis de desgaste laboral (FCC, 2020).

Outro aspecto importante a ser sinalizado, diz respeito à vida cotidiana das(os) profissionais da educação. Muitas professoras são mães e seus filhos também viveram em casa esta nova rotina educacional gerando um acúmulo de funções onde a professora, muitas vezes ao mesmo tempo, tinha que ministrar suas aulas e atender aos filhos que também

estavam em momentos de aula, revezando tempo, materiais e atenção. Sem contar todos os entraves gerais, relacionais e de ordem emocional causados pelo isolamento social.

Ademais, esse cenário pandêmico somado aos problemas clássicos da docência, torna-se uma perfeita e perigosa combinação. Estamos falando de uma classe trabalhadora que carrega um papel fundamental na sociedade, aquela que possui em sua prática a missão de formar as novas gerações e de garantir, em certo sentido, a manutenção de valores importantes para a sociedade.

É por isso que esta pesquisa assume relevância e parte da inquietação acerca das vidas das(os) professora(es) e da maneira como se apresenta a saúde mental e o sentido na vida destas(es) profissionais, num contexto tão desafiante como o da pandemia da covid-19. Nesse sentido, assumimos um compromisso com a valorização da profissão docente, a partir das reflexões teóricas tecidas ao longo desta investigação, tendo como alicerce a Logoterapia e Análise Existencial, e partindo da análise empírica que se desenrolará ao longo deste trabalho.

Ao longo do meu percurso acadêmico no desenvolvimento da pesquisa, entre as muitas buscas, encontros e desencontros, tive a oportunidade de participar de um curso online promovido pela Universidade Estadual de Feira de Santana na Bahia (UEFS). O Curso era sobre a Logoterapia aplicada à educação, voltado para educadores que desejam trabalhar com a Pedagogia do Sentido na Vida. Na ocasião, conheci o professor David Moises Barreto dos Santos, pesquisador da área de educação que trabalha com a Logoterapia em suas pesquisas. Neste bom encontro, demos início a uma relação de trocas e conversas que foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa que se apresenta.

O professor David sempre foi muito solícito e me deu muitas dicas valiosas sobre a elaboração de meu projeto de mestrado e sempre acompanhou de longe os meus passos acadêmicos. Sendo um dos poucos pesquisadores brasileiros que trabalham especificamente com a Logoterapia de Viktor Frankl no contexto da educação, tornou-se um grande colaborador dos meus passos acadêmicos. Essa nossa *logovivência*<sup>5</sup> acadêmica nos reservou uma oportunidade singular que fez com o que o professor David se tornar-se, além de colega de pesquisa, coorientador desta dissertação depois de um convite feito por ele, num momento muito importante de delineamento da pesquisa antes da qualificação.

---

<sup>5</sup> Termo informal muito utilizado pelas pessoas que trabalham com a Logoterapia e Análise Existencial e entendem que, mais do que estudar, vivem os pressupostos da teoria.

Durante a finalização do primeiro ano do mestrado, a pesquisa entrou na fase de fechamento da metodologia para coleta de dados e início das investigações propriamente ditas. Nesse momento, a vida me oportunizou diversos bons encontros em disciplinas externas com professores e colegas mais experientes – aqui trago com gratidão as(os) colegas do Instituto NUTES de Educação em Ciências e Saúde da UFRJ – que me ajudaram a colocar em perspectiva a minha pesquisa e os desenhos metodológicos que eu estava disposto a abraçar para alcançar meus objetivos. Neste momento, de desnudamento epistemológico, o professor David fez um convite audacioso e generoso.

Ele me convidou para ingressar em uma pesquisa em andamento, conduzida por ele em parceria com outros professores, que tinha como objetivo principal investigar os níveis de sentido na vida e saúde da população durante o período pandêmico. No banco de dados, existia uma amostra de professoras(es) que não havia sido analisada e que naquela altura do desenvolvimento da pesquisa, precisava de alguém que se dedicasse a isso, pois este não era o objetivo central do grupo. Como eu tinha um grande interesse pela área da formação docente e dos processos que envolvem a profissão professora(or), o convite me pareceu de grande relevância e pertinência.

No entanto, a crise que me abateu foi sem precedentes, me colocou diante de uma decisão difícil de mudar alguns caminhos, reorganizar algumas leituras e mergulhar em referenciais metodológicos novos. O que antes se encaminhava para ser uma pesquisa com análise de materiais didáticos, altamente qualitativa, ganhava contornos quantitativos que traziam novos desafios para o desenvolvimento deste trabalho. Em diálogos profundos e cheios de afeto com minha orientadora, decidimos juntos aceitar o desafio de desenvolver esta dissertação de mestrado como uma pesquisa dentro da pesquisa.

Neste sentido, as vivências que serão relatadas nesta dissertação extrapolam os desejos, as dúvidas e as inquietações de muitos pesquisadores. Desde os que participaram da concepção inicial deste projeto de pesquisa e, que por meio do professor David, estão também entrelaçados nos contornos deste texto, aos que a partir disso assumiram a tarefa de dar continuidade às análises dos dados. Seguem também os limites próprios de uma pesquisa nestes termos, o desenho metodológico, as nuances e escolhas de abordagem, precisaram atender a critérios dos quais eu inicialmente não participei e precisei ir me apropriando ao longo do tempo.

Sendo assim, esta dissertação nasce a partir dos dados da pesquisa: “*Relação entre saúde e sentido de vida durante a pandemia de covid-19 no brasil: uma pesquisa nacional*” da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS e que foi aprovada pelo comitê de ética da mesma instituição (C.A.E.E. 43225521.7.0000.0053). E faz o recorte específico do grupo de professoras(es) que responderam aos questionários. Os detalhes metodológicos, os instrumentos escolhidos e as análises feitas serão apresentados na sessão da metodologia propriamente dita.

Ao que segue, é importante notar a riqueza que se tenta revelar aqui. Uma pesquisa que propõe refletir sobre a temática do sentido na vida traz em todas as suas facetas uma infinidade de vidas que de uma forma ou de outra participam e dão significado aos contornos que aqui se revelam. Desde os jovens com os quais me encontrei, aos colegas da pesquisa, familiares, amigos, amores e professores. Todos se conectam e revelam seus modos de significar a vida, evidenciando o que penso ser o eixo da complexidade que se interpõe na pesquisa em educação e em ciências humanas. São manchas! Mais manchas do que contornos, o que se revelam nestas páginas, nestas lidas, nestas vividas.

## **OBJETIVOS DA PESQUISA**

Com relação ao que se deseja ao final desta pesquisa, partimos das inquietações referentes à saúde mental da população em geral que na pandemia da covid-19 sofreu com um aumento no acometimento de transtornos variados. A Organização Pan-Americana de Saúde relata que mais de quatro em cada dez brasileiros sofrem com ansiedade. Sinaliza ainda que o fechamento das escolas foi um fator de risco para essa problemática, exatamente por ser a escola um lugar de informação e promoção da saúde (OPAS, 2021). Neste sentido, emergem as inquietações que relacionam a educação aos contextos relacionados à saúde da população.

Outrossim, como educador que se propõe, desde as premissas de suas práticas, ser um promotor do sentido na vida, sempre fui confrontado com a possibilidade de, em toda e qualquer circunstância, enxergar e ajudar meus educandos a verem as possibilidades de sentido escondidas em cada situação. Portanto, há relevância em compreender como o sentido na vida foi mobilizado neste contexto da pandemia se relacionando aos inúmeros atravessamentos desse tempo tão particular.

Uma pesquisa realizada pela Universidade de São Paulo (Grandisoli, Jacobi e Marchini, 2020) demonstrou que sentimentos como medo, tristeza, insegurança, ansiedade e angústia estão presentes em 48,1% dos professores entrevistados, todos da rede estadual de educação de São Paulo. Estudos internacionais também apontam um aumento generalizado nos níveis de estresse e adoecimento mental em professores durante o período da pandemia (Jakubowiski *et al.*, 2021; Lizana *et al.*, 2021; Araújo *et al.*, 2020; Wang, 2020; Shaw, 2020).

Compreendemos que neste período de retomada no pós-pandemia, há grande relevância em avaliar os impactos causados por estes contextos na vida e na profissão das(os) professoras(es) brasileiras(os). Se vivemos um momento de repensar a escola, precisamos repensar os atores que a compõem e fazem o cotidiano educacional. Esta pesquisa tem como objetivo geral investigar as relações entre o Sentido na Vida e a Saúde Mental das(os) professoras(es) brasileiras(os) no contexto da pandemia de covid-19, tomando por referencial teórico a Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl.

Em seus objetivos específicos pretende:

1. Descrever os dados coletados e identificar as correlações existentes entre o sentido na vida e a saúde mental das(os) professoras(es) investigadas(os).
2. Investigar em que medida os níveis sentido na vida e saúde mental são diferentes entre o grupo das(os) professoras(es) e população em geral.
3. Identificar as diferenças nos níveis de sentido na vida e saúde mental das professoras(es) investigadas(os) em relação aos dados sociodemográficos coletados.
4. Perceber os efeitos da pandemia sobre o sentido na vida e a saúde mental das(os) professoras(es), a partir da relação entre os dados sociodemográficos relativos à pandemia da covid-19.

A partir daqui, seguiremos com a apresentação da fundamentação teórica deste trabalho, que nos ajudará a compreender e atender os nossos objetivos no desenrolar das análises e resultados.

### III. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

**“A vida sempre oferece possibilidades de realização de sentido”**

**Viktor E. Frankl**

Como percurso teórico desta pesquisa, assumimos um caminho que pretende apresentar uma visão geral sobre a profissão docente, origens históricas e os desafios e entraves sociais que permeiam a vida das(os) professoras(es); seguimos com uma visão ampla sobre o conceito de saúde, saúde mental e o sentido na vida<sup>6</sup>, numa abordagem mais específica destas temáticas na vida das(os) professoras(es), alinhados ao referencial teórico da Logoterapia e Análise Existencial. Em seguida, apresentamos os conceitos fundamentais da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor E. Frankl como principal respaldo teórico desta pesquisa.

#### 1. A PROFISSÃO DOCENTE

A profissão professora(or) encerra uma série de questões relativas à história do desenvolvimento desta atividade como trabalho. É marcada por aspectos sociais, políticos e organizacionais do pensamento educacional e, sobretudo no Brasil, nos apresenta uma gama infinita de possibilidades e caminhos de discussão acerca desta atividade. Neste texto, entendemos ser necessária uma breve contextualização destes cenários sociais que atravessam a profissão e sua influência, sobretudo na saúde destas(es) profissionais. Com uma breve explanação acerca do mal-estar docente e da síndrome de burnout pretende-se problematizar alguns aspectos relativos aos desafios das docências e, partindo deste cenário, passamos ao entendimento dos contextos de saúde e sentido na vida a partir do referencial teórico da nossa pesquisa.

---

<sup>6</sup> A utilização da distinção entre Sentido na Vida, Sentido de Vida ou Sentido da Vida é uma discussão que ainda carece de maior fundamentação, no entanto, há um consenso na literatura atual que prefere adotar o termo sentido na vida por assumir o caráter único de realização de sentido em determinada ocasião, evitando uma visão absoluta, sobre um sentido único para todas as ocasiões e pessoas. Este também é um desafio de semântica ligado à tradução dos termos. Os três termos são possíveis em determinadas abordagens do conceito, no entanto, o que está posto (sentido na vida) é mais adequado.

## 1.1. OS DESAFIOS DA DOCÊNCIA

A profissão docente, ao longo do seu desenvolvimento histórico, sempre sofreu com muitas influências dos campos exteriores à prática do seu trabalho em si, respondendo aos interesses de grupos, ações governamentais ou organizações sociais que investem ou regulamentam a educação (Nóvoa 1999, 2022; Tardif e Lessard, 2005). Neste tocante, o trabalho docente se estabelece como uma prática laboral cuja finalidade excede aos exercícios típicos de um único encargo de trabalho, ou seja, as(os) professoras(es) se dedicam, além do exercício da docência em si, a uma série de outras atribuições sustentadas pelas lógicas que pressionam os sistemas de ensino (Carlotto, 2010).

Além de se preocupar com os processos de ensino, de aprendizagem e a transmissão dos saberes relativos aos processos educacionais, a(o) professora(or) assume funções administrativas como o preenchimento de planilhas de planejamento e controle de notas; organiza eventos em torno da escola ou da universidade; elabora e prepara feiras, festas, encontros, viagens pedagógicas ou de lazer; atendem os pais e responsáveis dos alunos; participam de reuniões, conselhos de classe, reuniões de colegiado, encontros de formação continuada, além de uma série de demandas extracurriculares próprias do trabalho docente (Tardif e Lessard, 2005; Carlotto, 2010; Reis, 2006).

A este cenário, soma-se o fato de a profissão docente ser profundamente marcada por uma particularidade que a torna ainda mais desafiante e promotora de contextos que podem afetar a vida do professor. Tardif e Lessard (2005) definem a profissão docente como uma profissão de relações humanas, o que confere a este exercício profissional, características de baixo controle e previsibilidade de sua prática, evidenciando a vulnerabilidade da rotina docente (Tardif E Lessard, 2005).

Antônio Nóvoa (2023) em ensaio onde reflete acerca dos futuros da educação, afirma que nada substitui um professor, o que pode entrar em contraste quando olhamos para os cenários que ameaçam o fazer docente em todos os níveis, não só pela inserção das tecnologias, numa perspectiva de hipervalorização tecnicista, mas também, pelas mudanças globais que parecem não refletir toda essa noção de importância que a figura do professor carrega e possui, quanto a isso o ator afirma que:

Nada substitui um bom professor. Nada. Nada mesmo. Nada o substitui para apresentar o mundo, todos os mundos, os mais novos. Nada o substitui para dar aos alunos a possibilidade de chegarem mais longe, onde nunca



chegariam sem o seu trabalho, sem a sua dedicação [...] Para isso, precisamos de professores inteiros, seguros e confiantes. E aqui surge um primeiro problema, que se arrasta há anos. Como construir essa confiança num tempo em que os professores parecem culpados de todos os males, de todas as dúvidas, de todas as hesitações que a escola vive? (Nóvoa, 2023 p. 43).

O autor sugere essa centralidade do papel das(os) professoras(es), porém, ao que parece, é uma via de mão dupla, ora impõe privilégios por ocupar destaque nas discussões e reflexões acerca dos caminhos da educação, ora por infligir caráter responsivo às(aos) professoras(es) acerca dos inúmeros problemas que atravessam os mais diversos e diferentes setores da educação, desde a básica à superior e em todas os tipos de instituições. Essa centralidade parece ainda mais antagônica, quando comparamos o que está encerrado nos discursos com o que de fato se desenvolve na prática acerca da valorização das(os) professoras(es) (Nóvoa, 2023).

O contexto de desvalorização progressiva da figura do professor ao longo dos anos, é um problema alarmante que deve ser levado em consideração. De um lugar de status e privilégios sociais, a profissão passa a ser considerada uma espécie de subemprego, refletido de maneira concreta, por exemplo, nos baixos salários e excessivas cargas de trabalho que se observam nos mais variados sistemas de ensino (OCDE, 2021; Steve 1999; Carlotto, 2011). Com relação à remuneração por exemplo, dos países membros da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o Brasil é o que possui o menor piso salarial para as(os) suas(seus) professoras(es) (OCDE 2021), este dado é ainda mais evidenciado num comparativo entre outras profissões de formação superior. As(os) professoras(es) recebem menos do que outras(os) trabalhadoras(es) com o mesmo nível de formação e isso é ainda mais grave para professoras e professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, onde a diferença chega a 80% quando comparada à média das(os) outras(os) trabalhadoras(es) de mesmo nível de formação (OCDE 2021).

Ainda sobre o contexto brasileiro, no que compete à valorização salarial, o relatório da OCDE aponta que diferentes fatores interferem na distribuição equitativa dos salários. O tempo de profissão, horas trabalhadas, nível de formação, região do país em que atua ou ainda, se a atuação é em escola municipal ou estadual, são aspectos determinantes para a distribuição salarial dos professores (OCDE, 2021).

Em seu conhecido texto: *Mudanças Sociais e Função docente*, Esteve (1999) descreve como estes contextos sociais que atravessam a profissão do professor são profundamente prejudiciais a sua própria vida e defende a existência de um cenário que contribui para o mal-estar docente (Esteve, 1999). “A expressão mal-estar docente designa os efeitos de caráter negativo e permanente que afetam a personalidade dos professores como resultados das condições psicológicas e sociais em que exerce a docência em face das mudanças sociais aceleradas” (Esteve 1999, p. 98).

O autor argumenta que, ao se falar de mal-estar docente, estamos diante de um conceito difícil de ser delimitado, dada a variedade de razões que produzem nas(os) professoras(es) tal estado. Neste sentido, estas(es) profissionais apresentam estratégias diferentes para lidarem com tal problemática, ocasionado uma dificuldade para se encontrar caminhos mais precisos de investigação para destrinchar o que as investigações chamam de “desajustamento”, “problemas psicológicos”, ou até mesmo a “saúde mental” dos professores (Esteve, 1999).

Destarte, Esteve (1999) sugere, a existência de consequências diretas do mal-estar docente nos aspectos qualitativos do ensino, pois ao se depararem com suas circunstâncias de mal-estar e adoecimento, as(os) professoras(es) veem-se obrigadas(os) a ativarem mecanismos protetivos que colocam em risco o bom desempenho da docência, mas que em certo sentido aliviam as pressões advindas das inúmeras cobranças e das aceleradas mudanças sociais e dos contextos educacionais (Esteve, 1999). Porém, em última análise, essa postura focada na diminuição dos aspectos de potencial adoecimento, podem aumentar a frustração deste profissional, que estando insatisfeito com seu trabalho, assiste a um decréscimo significativo do seu bom desempenho.

O conceito apresentado por Esteve (1999), vai ao encontro das definições clássicas de burnout no que concerne aos problemas ocasionados em ordem psíquica relacionados ao trabalho (Carlotto, 2010, 2011; Reis *et al.*, 2006;), no entanto, o diferencial apresentado pelo autor português diz respeito às origens das problemáticas que afetam a saúde das(os) professoras(es) e que podem gerar adoecimento na medida em que estes níveis de mal-estar não são devidamente assimilados e manejados.

Esteves (1999) aponta doze características de mudanças globais no contexto dos sistemas de ensino que caracteriza e potencializa a existência do que chama de mal-estar docente. Dentre os quais, destacamos: a. O aumento das exigências em relação ao professor; com suas altas demandas sobretudo de carga horária (OCDE 2022). b. O aumento das

contradições no exercício da docência, com o aumento das teorias pedagógicas e influências ideológicas na educação fazendo com que os professores sintam-se pressionados pelas disputas de interesse e jogos de poder no âmbito da educação; c. Menor valorização social da(o) Professora(or), o que pode gerar contextos de maior frustração com a prática da profissão e d. Mudança dos conteúdos curriculares, como por exemplo visto no Brasil com a reforma do ensino médio que estabeleceu a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) e alterou programas curriculares inteiros bem como a distribuição da carga horária das disciplinas escolares sem o devido diálogo com a classe trabalhadora na docência.<sup>7</sup>

a. Aumento das exigências em relação ao professor

O autor defende que, ao longo da história, observou-se uma alteração no papel central do professor, que passou a acumular uma série de responsabilidades além daquelas oriundas de sua disciplina e formação docente. Se antes o professor deveria dominar a arte de sua disciplina, com seus códigos e signos próprios, hoje, lhe é esperada uma gama de habilidades para transmitir os saberes curriculares. Além das atribuições que competem às relações humanas nos contextos professor-aluno, os docentes precisam ainda dominar como “profissionais do futuro” todas as novas tecnologias educacionais projetadas por técnicos especializados em educação que nunca pisaram numa sala de aula. Todos esses fatores, somadas às diferentes habilidades que precisam ser desenvolvidas para as demandas de relação profissional fazem da prática docente uma arte semelhante à dos malabaristas em que todos observam angustiados sua tentativa de equilibrar todas as coisas e lamentam muito quando tudo vem à baixo, mesmo que este seja um mau anunciado já que o malabarista está sempre a extrapolar os limites de sua técnica.

b. Aumento das contradições no exercício da docência.

Devido ao aumento das diferentes teorias que influenciam a educação e a ruptura com os consensos sobre o que é melhor, o professor sempre estará sujeito a críticas e a não

---

<sup>7</sup> Até o momento, o governo federal não conseguiu concluir as mudanças definitiva no projeto que foi chamado de reforma do novo ensino médio, a questão política, ideológica e de governança na educação, aparecem com entraves ao projeto.

conformação com uma ou outra visão relativa a sua prática docente. Desta forma, surge um cenário de incertezas e contradições que coloca no centro da tensão a figura docente.

Este ponto fica ainda mais evidente naquele professor que não optou por uma tendência clara alinhada à sua visão idiossincrática. Ao que faz uma escolha, seja qual for, resta ao menos a certeza de ter decidido o seu caminho, mesmo sabendo que arcará com as devidas consequências, ao outro grupo, o que não toma posição clara, fica o risco de a todo momento sofrer ataques e críticas desmedidas.

#### c. Menor valorização social do Professor

Outra importante mudança no cenário diz respeito ao valor social atribuído ao professor. Não a muito tempo, a figura do professor gozava de uma apreciação social muito maior, desde a educação infantil até o ensino médio, o prestígio e a valorização social da figura do professor eram evidentes. No entanto, atualmente, o que se percebe é uma desvalorização em escala global, a começar pelas professoras e professores que atuam nos seguimentos iniciais do ensino fundamental. O que se percebe é um grande descrédito em nível de profissão, pois as diferenças de remuneração são desproporcionais e mesmo a formação em nível superior não tem garantido uma mudança no *status quo*.

Tem-se verificado uma menor adesão aos cursos de formação de professores, a profissão docente deixou de ser considerada razão de orgulho e ascensão social. Somada à desvalorização salarial, este cenário tem produzido um contexto de total fracasso da profissão que reverbera no demérito da qualidade dos sistemas educacionais (Nóvoa, 1999; Esteve, 1999). Desta forma, é vão o esforço de qualquer medida de reforma que não atenda a esta necessidade: a revalorização da profissão professor - que passa, dentre outras coisas, pela valorização salarial - é ponto de partida para as demais reformas estruturais que a educação necessita. É indiscutível a necessidade de dar mais atenção aos parâmetros de motivação pessoal do professor sobre a abundância de meios materiais (OCDE, 2021).

#### d. Mudança dos conteúdos curriculares

As visíveis mudanças sociais no campo das ciências e da tecnologia geram a necessidade de se repensar os conteúdos curriculares. É notória a exigência de que os professores estejam sempre atualizados em seus conteúdos e disciplinas de forma a oferecer

uma formação alinhada com o que há de mais atual, inventivo e de potencial solucionador de problemas futuros, porém, o que professor pode garantir que, de fato, está ensinando o que há de mais atual e moderno dentro do seu campo de especialidade? Até onde pode-se garantir que a formação docente consegue abarcar a velocidade de produção de conhecimento nos contextos dos avanços tecnológicos e científicos? Soma-se a isto, os desafios de implementação das políticas públicas curriculares que seguem modelos de “top-down”, impactando negativamente os cotidianos escolares e os espaços formativos de professores, seja na formação inicial ou continuada (Santos e Gardin 2020).

Este cenário, unido aos vários desafios apresentados até aqui, anuncia que a profissão professor encerra uma série de problemáticas que podem mitigar a grandiosa noção de valor e satisfação em se dedicar à arte de educar. As(os) professoras(es) parecem ter que assumir para si a difícil tarefa de travar uma verdadeira batalha pelo prestígio da profissão, pela defesa da educação pública e privada de qualidade e pelo protagonismo nas decisões de políticas que interferem na dinâmica da profissão (Nóvoa, 2023). Neste sentido, precisa-se assumir a postura protetiva de quem se entende atravessando um tempo de profundas mudanças. Nóvoa (2023, p. 45) sinaliza que:

“Estamos perante transformações só comparáveis às que aconteceram em meados do século XIX, quando se consolidou, em todo mundo, o modelo escolar que ainda hoje prevalece. A geração atual é a geração que vai mudar as escolas. Não sabemos como será o futuro, mas sabemos que este modelo escolar tem os dias contados. Debaixo dos nossos olhos e, por vezes, perante certa indiferença da nossa parte, está surgindo uma realidade nova. Para compreendê-la precisamos de coragem, de uma certa abertura ao futuro, de uma profissão forte, dentro e fora, na escola e na sociedade.” (Nóvoa, 2023 p. 45).

Porém, de onde emana essa força que pode se contrapor aos desafios da docência? As docências são plurais, assim como plural é a gama de professoras(es) que atuam nos mais variados segmentos da educação, a formal (da educação básica ao ensino superior) e também na educação não formal, que contribuem fortemente para o desenvolvimento da educação. Estas(es) profissionais precisam de espaços de reflexão e ação, e precisam sobretudo, de maneiras que possam possibilitar que de suas vidas emane a força capaz de suportar essas mudanças. Preservar a integridade das(os) professoras(es) e sua saúde geral é meio para que

a sociedade possa atravessar suas mudanças, pois se “nada substitui um bom professor” é importante garantir que estas(es) tenham vida plena e digna para se tornarem aquilo que podem e devem ser.

Neste sentido, entende-se ainda, que há uma grande necessidade de se perceber maneiras e formas de se valorizar as práticas educativas que emanam das vivências docentes enraizadas no tecido social. Não se trata aqui de uma análise minuciosa da técnica e da excelência metodológica advinda dos grandes salões do conhecimento ou dos laboratórios onde o saber pode ser controlado e estandardizado. Se de acordo com Nóvoa (2023), estamos diante da geração que irá transformar a escola, precisamos nos situar numa nova posição de entendimento da docência. Nesta perspectiva de um tecido social complexo cheio de nuances, faz-se necessário, como afirma Candau (2014) enxergar a docência e a profissão docente a partir de um prisma socioculturalmente localizado (Candau, 2014).

Nestes tempos de grandes e aceleradas mudanças globais, a(o) professora(or) precisa dispor de ferramentas que possam, além de salvaguardar sua própria constituição individual, valorizar as inúmeras possibilidades de vivências que emanam dos diferentes contextos culturais e sociais que emergem na escola. O modelo escolar presente na sociedade pós-moderna é profundamente constituído num formato monocultural, valorizando e propagando a hegemonia sobre os conteúdos, as práticas, os saberes e os agentes relacionados à cada uma dessas vivências, promovendo um apagamento que atinge à escola como um todo, inclusive o professor (Candau, 2014).

Tais lógicas, que dispensam o afeto e a possibilidade de fruição de vida no contexto da educação, apartam do centro do debate, a possibilidade de se construir e valorizar o multiculturalismo presente nos espaços educacionais. Desafio percebido e atentado nas docências que, por estarem inseridas neste contexto, são vítimas das lógicas de apagamento e silenciamento, tornando-se por vezes armas de manobra dos interesses de poucos que concentram o poder, firmam-se em sua hegemonia e reproduzem lógicas de morte e desvalorização da vida (Candau, 2014).

A valorização desta potência de vida imersa na possibilidade de coexistência das diferentes culturas, na vida das(os) professoras(es) serve ao intuito de combater a lógica matadora e modeladora de gente, que padroniza ao ponto de esvaziar potências vitais e padronizar pessoas em vista de programas que visam o lucro e a técnica acima de tudo (Krenak, 2022).

Outro caminho nos é apontado com bell hooks (2017), que profundamente tocada e inspirada pela vida e práxis de Paulo Freire (1921 - 1997) nos aponta caminhos para uma pedagogia engajada que coloca a figura da(o) professora(or) num outro prisma, diferente daquela visão vocacionada e sagrada que anteriormente foi apresentada. Para a autora, a(o) professora(or) que se descobre vocacionado a esta profissão não carrega o peso do sagrado como uma confirmação aos modelos e às práticas vigentes, pelo contrário, porque reconhece o aspecto sagrado da sua profissão, sente-se impelido a mover-se em direção à transgressão, para que sua prática seja profundamente questionadora e problematizadora do *status quo* (bell hooks, 2017; Freire, 2021).

A autora propõe, dentre outras coisas, uma prática emancipatória e holística, capaz de promover o conhecimento sobre o viver no mundo e não somente sobre o que está nos livros. É uma noção que enxerga as potencialidades de uma visão integral dos estudantes, mas que brota também da capacidade de cada professora(or) de enxergar-se também a partir desta visão. É necessário emergir uma noção da(o) professora(or) como ser integral, que detém não somente os conhecimentos acadêmicos, mas é constituída(o) de corpo, alma e espírito (bell hook, 2017).

Segundo a autora, os docentes correm o risco de, partindo das expectativas dos interesses que vigoram no *status quo*, serem inseridos numa prática que esvazia o ser total, adoecendo e minando a prática docente, tornando-a desgostosa para os estudantes e igualmente para as(os) professoras(es). “Com efeito, a objetificação do(a) professor(a) dentro das estruturas educacionais burguesa parecia depreciar a noção de integridade e sustentar a ideia de uma cisão entre mente e corpo, uma ideia que promove e apoia a compartimentalização” (bell hooks, 2017 p. 29, grifo nosso). É neste sentido que a autora propõe que a profissão docente deve se estabelecer numa postura de autoatualização em que o professor, juntamente com seus estudantes, se coloca num constante movimento de crescimento e desenvolvimento.

Longe de ser indicativo de um método, o que bell hooks sustenta a partir de sua prática libertadora, é um recurso curativo e protetivo para as(os) professoras(es). A cisão existente entre mente, corpo e espírito parece sugerir que a(o) professora(or), intelectual, é intrinsecamente instável emocionalmente e que pouco importa, que fora do espaço acadêmico/escolar, a sua vida seja um grande desastre. Quer dizer, “pouco importava que os acadêmicos fossem drogados, alcoólatras espancadores da esposa ou criminosos sexuais; o único aspecto importante da nossa identidade era o fato de nossa mente funciona ou não, ou

sermos capazes de fazer nosso trabalho em sala de aula. ” (bell hooks, 2017 p. 29). Essa visão reforça uma noção utilitarista da profissão docente.

Neste aspecto, entre o fazer docente que se sustenta por uma noção sagrada – conformada aos sacrifícios sacerdotais historicamente legitimados – passamos à uma prática consciente, em que a sacralidade do processo educacional está mais vinculada ao comprometimento com o desenvolvimento integral e sadio de cada um dos envolvidos, do que necessariamente com uma indiscriminada perpetuação de saberes livrescos vazios de sentido, reprodutores dos mais variados estigmas de dominação, bancário, compartimentalizado, monolítico e monocultural (bell hooks, 2017; Candau, 2014, Frankl, 2011; Pereira, 2020, Krenak 2022). Desta forma, os desafios da docência estão para além da prática, mas se encerram na possibilidade de reinvenção de si, do ser e do devir.

## **1.2. A SAÚDE DAS/OS PROFESSORAS/ES E O SENTIDO NA VIDA.**

No tocante ao conceito de saúde, segundo Scliar (2007), ele está diretamente relacionado às conjunturas sociais, econômicas, políticas e culturais. Estas determinantes ao longo dos percursos históricos da humanidade impactam diretamente na forma como as pessoas enxergam a saúde pessoal e coletiva, bem como influenciam as próprias concepções normativas sobre o tema (Scliar, 2007). Ao longo da história, fomos sendo atravessados por diferentes visões sobre o assunto até chegarmos à definição mais usualmente recomendada para o conceito de saúde, que ainda é cercada de controvérsias.

Na antiguidade, por exemplo, a ideia de saúde era profundamente enraizada em visões místicas sobre o tema. O homem bíblico, por exemplo, representante do povo Hebreu, era cercado de normativas impostas por Deus, normas estas que na verdade, revelam verdadeiros cuidados sanitários. Ademais, o próprio Deus era visto como o provedor da cura e da saúde. Então ter saúde é uma benção divina e sua ausência um castigo ou consequência dos pecados cometidos (Scliar, 2007).

As concepções de saúde advindas dos contextos religiosos foram sendo reforçadas ao longo da história, ora pelo desconhecimento ora pelos interesses que mantinham as estruturas de dominação e de classe. Na idade média, por exemplo, leprosários e manicômios serviam não só para doentes de fato, mas para todo tipo de pessoas que de alguma maneira não eram consideradas enquadradas dentro dos padrões vigentes da época (Scliar, 2007). Por



se tratar de ocasião de pecado, o doente era excluído da sociedade “sã”, para que não pudesse contaminar com sua impureza os demais, considerados abençoados.

Assim sendo, vemos ao longo do desenvolvimento das sociedades, que o conceito de saúde assume algumas vertentes. Segundo Batistella (2007), vemos o conceito de saúde sob três primas, como ausência de doença, a saúde como bem-estar e a saúde como um valor social. A saúde vista como ausência de doença está ligada às origens históricas reforçada ao longo dos séculos e fortemente reforçada pela visão mecanicista do séc. XIX. Segundo esta visão, o corpo é reflexo de saúde quando não possui sintomas de doença associados. Esta ideia foi determinante para o que mais tarde se entendeu como a visão biomédica dos conceitos de saúde (Batistella, 2007).

Com relação a visão de saúde e bem-estar, vemos que esta percepção se origina no esforço de cooperação internacional de diversos países depois da Segunda Guerra Mundial. Este esforço coletivo deu origem, em 1948, à Organização Mundial de Saúde (OMS), órgão subordinado às Nações Unidas e que, em seu documento de constituição, define saúde como “um completo estado de bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença ou enfermidade” (Batistella, 2007; Scliar, 2007). Este conceito é profundamente criticado, especialmente por ser considerado utópico na adoção do termo “completo” logo no início de sua definição. Esta terminologia exclui o caráter dinâmico da saúde e desconsidera o fato de a saúde não ser algo estável. Ninguém permanece sempre completamente saudável.

Por outro lado, a redação do conceito reforça aspectos subjetivos da visão sobre saúde, o que dificulta o estabelecimento de parâmetros que possam medir a saúde da população em geral. Desta forma, a promoção da saúde em contextos coletivos, a partir deste conceito, se torna um desafio (Batistella, 2007). Segundo Caponi (1997), o grande problema deste conceito, além de seu caráter utópico e subjetivista, reside no fato de abrir precedente para a determinação arbitrária de medidas de controle e exclusão de tudo aquilo que for considerado indesejável ou perigoso.

O terceiro conceito – a saúde como um valor social – incorpora os aspectos sociais relativos à saúde e está diretamente relacionado à histórica VIII Conferência Nacional de Saúde (VIII CNS), realizada em Brasília, no ano de 1986 (Batistella, 2007). Este conceito é fruto de intensa mobilização de vários países da América Latina impulsionado pelas concepções críticas vigentes no âmbito dos movimentos de resistência aos regimes totalitários em diversos países Latinoamericanos. O texto da conferência assume que:

Em sentido amplo, a saúde é a resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso aos serviços de saúde. Sendo assim, é principalmente resultado das formas de organização social, de produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida (Brasil, 1986, Art. 4).

Este conceito é considerado mais amplo, pois abandona a visão reducionista e mecanicista da vertente biomédica e amplia a noção de bem-estar, evidenciando as condicionantes de saúde que estão muito relacionadas aos mecanismos estruturais que vigoram nas sociedades. Essa evidência de marcadores sociais, influenciando os aspectos de saúde, é nítida nos contextos da pandemia da covid-19 em que as camadas mais populares da sociedade foram as mais negativamente afetadas nos mais diversos aspectos (Matta *et al.*, 2021).

Como visto, o conceito de saúde assume um caráter polissêmico. Epistemologicamente, revela a complexidade e a incerteza do conhecimento (Morin, 2005) pondo em evidência, que a compreensão do fenômeno saúde não pode partir de visões reducionistas do ser e da sociedade. É nesta prerrogativa também que podemos compreender uma visão de saúde no pensamento de Viktor Frankl. Para o autor, não é a ausência de doença ou transtornos de ordem psíquica que caracteriza o ser saudável, e sim, sua capacidade de ativar a dimensão potencialmente sã no ser humano, aquilo que não adoece e onde se localiza sua potência de realização de sentido na vida (Frankl, 2011).

Ao que não adoece e resguarda o ser humano de sua capacidade de realização de sentido, Frankl chamou de dimensão noética, que junto com a dimensão biológica e psíquica formam o ser humano, esta temática será melhor desenvolvida adiante, neste momento, queremos introduzir a temática do sentido na vida. Este conceito foi amplamente desenvolvido em diversos e diferentes contextos da sociedade. Na filosofia clássica, nas religiões e também na psicologia, esta pergunta acerca dos porquês da existência, qual a finalidade da vida humana e a fatídica pergunta: Qual é o sentido da vida? Se intercalam ao longo da história nos mais variados fenômenos científicos, religiosos, artísticos e antropológicos (Vieira e Dias, 2021; Glaw et al., 2016).

Já existe um consenso na literatura que aponta por diferentes vias empíricas e teóricas que a presença de uma maior noção acerca do sentido individual da vida, tem relação direta

com fatores de saúde e qualidade de vida. Igualmente, a ausência desta percepção mais apurada vem a se tornar fator de risco para a depressão, sintomas ansiosos, psicopatologias diversas, abuso de drogas, álcool e suicídio (Glaw, et al., 2016).

Estas pesquisas foram se consolidando mais fortemente no campo da psicologia, em que a abordagem desta temática aparece com mais ênfase, dada essa relevância que transpõe a reflexão filosófica ou religiosa e chega à clínica como suporte psicoterapêutico nas diferentes abordagens, que epistemologicamente conseguem abarcar esta reflexão. Por exemplo, Carl Jung já considerava que em sua prática clínica, uma boa parcela dos seus pacientes não padecia do que ele dizia ser uma neurose clinicamente definível, mas que sofriam por falta de sentido em suas vidas (Glaw, *et al.*, 2016).

É Viktor Frankl, médico psiquiatra austríaco, o grande responsável por sistematizar esse conceito e elaborar uma teoria no campo da psicologia clínica que fosse capaz, de não somente considerar este tema, mas identificar a maneira como o paciente o percebe e apontar caminhos de superação do que ele mesmo chamou de neurose noogênica, ou seja, um tipo específico de sofrimento psicológico que tem como plano de fundo o vazio existencial, ou ausência de percepção de sentido (Glaw, *et al.* 2016; Frankl, 1997; 2011).

Neste contexto, é que a noção de sentido na vida surge como um recurso psicossocial de enfrentamento para questões desafiantes e estressoras na vida (Heintzelman e King, 2014). Inúmeras pesquisas confirmam os pressupostos defendidos por Frankl de que o Sentido na Vida é preditor de saúde geral, mental e de bem estar psicológico. Estudos brasileiros (Damásio, Melo e Silva 2013; Silva, Damásio e Melo 2009) e internacionais (Glaw *et al.*, 2016; Jim e Andersen, 2007; Ho *et al.*, 2010; Melton e Schulenberg, 2008) reforçam a importância desta percepção na vida das pessoas e confirmam esta prerrogativa, enquanto que a falta de sentido na vida tem sido associada a elevados índices de depressão, ideação suicida e drogadição (Mascaro e Rosen, 2006; Edwards e Holdes, 2001; Henrion, 2002).

No tocante à saúde das(os) professoras(es), toda problemática evidenciada sobre os desafios da profissão docenterev ela que professoras e professores estão submetidos a grandes fatores estressores que podem ocasionar problemas de saúde de ordem física e psicológica. O estresse é por definição um estado geral de tensão fisiológica que mantém relação direta com os fatores ambientais (Reis, 2006), e é muito bem convencionalizado pela literatura que altos níveis de estresse são preditores de doenças e transtornos dos mais variados (Reis, 2006; Damásio 2013; Carlotto 2010).

Sobre a saúde global das(os) professoras(es), pesquisas apontam para altos índices de doenças cardiovasculares, labirintite, faringite, neuroses diversas, fadiga, tensão nervosa e síndrome de burnout (OCDE 2022). Essas e outras manifestações, relacionadas ao exercício da profissão, levaram a Organização Internacional do Trabalho (OIT) a classificar a profissão docente como uma das mais estressantes, com fortes elementos que conduzem, por exemplo, à síndrome de burnout (Carlotto, 2011).

A síndrome de burnout, que de maneira geral “se refere aos aspectos negativos do trabalho capazes de produzir redução da condição mental dos trabalhadores” (Reis, 2006) vem sendo amplamente investigada entre os professores. De todos os exercícios laborais em que se investiga esta problemática no mundo, a profissão docente reúne um enorme quantitativo de trabalhos de pesquisa, justamente pela natureza particular deste campo (Reis, 2006; Carlotto, 2006; Cherniss, 1980; Taris *et al.*, 2001; Zacharias *et al.*, 2011). No Brasil, a categoria docente concentra um grande número de investigações sobre o tema, juntamente com o estresse e ambientes corporativos de trabalho no campo da administração (Carlotto, 2011; Goelzer, Rocha e Berlese, 2023).

Santos e Silva (2022), num estudo de revisão integrativa, demonstraram que o Sentido na Vida se correlaciona negativamente com burnout e percepção do estresse, e proporciona melhores índices de funcionamento psicológico e satisfação vital em professores (Santos e Silva). Além disso, destacou-se a necessidade da retomada da investigação desta temática, sobretudo no âmbito brasileiro.

Outro estudo, realizado com uma amostra (n=517) de professores na cidade de Campina Grande, Paraíba, Brasil, demonstrou que Sentido na Vida é uma variável moderadora para índices de qualidade de vida e bem-estar psicológico, demonstrando que este fator assume caráter protetivo para a saúde mental dos professores (Damásio, Melo e Silva, 2013).

De maneira geral, as relações de trabalho são importantes preditoras de sentido na vida, já que o trabalho exerce importante função do desenvolvimento dos indivíduos (Frankl, 2011). No entanto, no tocante ao sentido na vida na profissão docente, mais especificamente, as pesquisas carecem de dados mais consistentes para continuar a legitimar tal afirmativa. Como proposto nos objetivos desta pesquisa, pretende-se também contribuir para este campo de investigação.

Neste tocante, como supracitado neste trabalho, os inúmeros desafios da profissão docente parecem colocar este profissional sempre no limite da manutenção de sua qualidade

de vida. A mudança paradigmática no âmbito da relação professora(or)-trabalho colocam este profissional, que antes possuía grande prestígio social, num modelo altamente tecnocrata, associada a baixos salários e condições precárias de trabalho (Carlotto, 2011; Zacharias *et al.*, 2011; OCDE 2021).

Várias pesquisas no âmbito da síndrome de burnout, por exemplo, apontam que esta problemática se relaciona com aspectos pessoais e contextuais, no entanto, é unânime que são as condições de trabalho que implicam em altos níveis de burnout (Carlotto, 2011) sendo esta síndrome altamente encontrada em professoras(es) (Reis, 2006, Carlotto 2011, Carlotto e Palazzo, 2006, Zacharias *et al.*, 2011).

Um estudo epidemiológico com professores realizado por Carlotto e Palazzo (2006) apontou que, com relação aos índices indicadores da síndrome de Burnout, o fator da exaustão emocional foi o que atingiu maior índice de pontuação entre os entrevistados (Carlotto e Palazzo, 2006). Este desgaste emocional entre os professores pôde ser profundamente verificado na pandemia da covid-19 em que as jornadas de trabalho somadas ao isolamento social e a sensação de medo que vigorava na época atingiram profundamente essas(esses) profissionais.

Por exemplo, dados de uma pesquisa com professoras(es) polonesas(es) revelou aumento de 46% nos índices de depressão na amostra analisada (Jakubowski e Sitko-Dominik, 2021). Resultados semelhantes foram encontrados por Reis *et al.* (2006) que identificaram, também num estudo epidemiológico, que cerca de 70,1% das(os) professoras(es) apresentavam queixas de cansaço mental e 49,2% de nervosismo, para um n=808 professoras(es) de Vitória da Conquista, na Bahia, Brasil (Jakubowski e Sitko-Dominik, 2021; Reis *et al.*, 2006)

Ainda com relação a pandemia, outro estudo em caráter longitudinal com professoras(es) chilenas(os), demonstrou uma acentuada queda na percepção de qualidade de vida das(os) participantes da pesquisa com reflexos na saúde mental (Lizana *et al.*, 2021). Estes fatores apontam para a necessidade de se estabelecer parâmetros de análise bem como planos de ação para a promoção da qualidade de vida das(os) professoras(es), com positivo impacto na saúde mental docente.

Outra problemática que toca essa vivência e revela contornos assimétricos na prática docente diz respeito às diferenças que existem no nível de ensino em que a(o) professora(or) atua. O relatório da OCDE (2021) apresenta as diferenças de carga horária e tempo de atuação em relação aos salários recebidos nos diferentes níveis de ensino. O relatório revela,

que no Brasil, mais da metade das(os) professoras(es) dos anos finais do ensino fundamental (57%) trabalham em meio período e que cerca de um terço das(os) professoras(es) possui um emprego adicional como forma de complementar a sua renda (OCDE, 2021).

Este cenário evidencia a incapacidade que o sistema educacional brasileiro possui de oferecer condições minimamente aceitáveis para um bom desenvolvimento do trabalho das(os) professoras(es), sobretudo nos anos iniciais de escolaridade. Este contexto afeta o bom desenvolvimento do trabalho em si e compromete a saúde dessas(es) profissionais que precisam complementar a sua renda como garantia de subsistência digna.

Essa diferença entre os níveis de ensino reforça os contextos de desvalorização impostos aos anos iniciais de escolaridade. Fator que se soma ao fato de que pouco mais de dois terços das(os) professoras(es) do ensino fundamental são mulheres (77,5%). A feminização da educação básica é um fenômeno que revela outros contornos relativos às assimetrias de gênero historicamente sustentadas e que possuem grandes impactos sobre as vivências docentes (OCDE, 2021; INEP, 2022; Araújo e Yannoulas, 2020).

Os dados assimétricos relativos aos salários das(os) professoras(es), nos anos iniciais e nos anos finais da educação básica ou do ensino superior, não podem ser dissociados dos dados que evidenciam as diferenças de gênero existentes nos segmentos. A desvalorização é maior, exatamente nos segmentos que concentram o maior número de mulheres professoras. As problematizações relativas às diferenças de gênero serão mais detalhadamente discutidas na seção de resultados desta pesquisa, pois o tema merece nossa atenção em detalhe (OCDE, 2021; INEP, 2022; Araújo e Yannoulas, 2020).

Este apanhado com relação aos conceitos de saúde e especificamente, algumas condicionantes acerca da saúde das(os) professoras(es) torna-se relevante para nos encaminhar às reflexões sobre a necessidade de se repensar com estamos problematizando e promovendo saúde no contexto da educação. Isso em nível de condições de trabalho para as(os) profissionais da educação em todos os níveis e também em nível de uma compreensão conceitual mais ampliada, não reducionista, que possa revelar com mais fidedignidade a complexidade do fenômeno.

Ainda com relação ao conceito de saúde mental em específico, faz-se necessária uma abordagem que conduza à compreensão deste conceito a partir dos referenciais que orientam esta pesquisa. A noção adotada neste estudo segue em concordância com o que é definido pela Organização Mundial de Saúde (OMS). A saúde mental não significa, apenas, a ausência de transtornos mentais, mas também se define como um “estado de bem-estar em

que cada indivíduo realiza seu próprio potencial, pode lidar com o estresse normal da vida e é capaz de fazer uma contribuição para a sua comunidade” (OMS, 2005, p. 12). A noção de saúde mental envolve fatores de segunda ordem que precisam ser considerados e que podem ser mais facilmente mensuráveis (Machado e Bandeira, 2015).

Machado e Bandeira (2015) apresentam a noção de saúde mental positiva a partir da proposta teórica desenvolvida por Keyes *et al.* (2002) que pode ser entendida a partir de um modelo que leva em conta três fatores de segunda ordem: o bem-estar emocional, psicológico e social (Machado e Bandeira, 2015). O modelo proposto por Keyes *et al.* (2002) surge como uma opção que complementa outras duas visões de saúde mental e bem-estar que se apresentam mais orientadas aos aspectos subjetivos e individuais, como o bem-estar psicológico desenvolvido por Ryff *et al.* (1989) e o bem-estar subjetivo, sistematizado por Diener (1984).

O bem-estar psicológico (Ryff *et al.*, 1989) se orienta ao fato da pessoa apresentar bons níveis de satisfação pessoal e auto aceitação, construir bons relacionamentos pessoais com os outros, apresentar um bom domínio das situações ao seu entorno, ter um bom direcionamento para metas em seu viver e um forte sentimento de abertura a novas experiências e crescimento pessoal. O bem-estar subjetivo (Diener, 1984) é dividido em três principais componentes: satisfação com a vida, afeto positivo e afeto negativo. “O indivíduo com altos níveis de bem-estar subjetivo está satisfeito com sua vida como um todo e tem afeto positivo frequente e afeto negativo pouco frequente” (Machado e Bandeira, 2015; Diener, 1984; Ryff, 1989).

O modelo proposto por Keyes *et al.* (2002) leva em consideração o aspecto social do bem estar, que se traduz como a capacidade do indivíduo em demonstrar atitudes positivas frente às diferenças individuais (aceitação social); aceitar a possibilidade de que a sociedade e os seus membros são capazes de crescer e evoluir positivamente (atualização social); perceber que as atitudes e atividades de alguém são úteis ao desenvolvimento social (contribuição social); preocupar-se e ter interesse com outras pessoas no tecido social (coerência social) e possuir sentimento de sustentação e suporte na comunidade (integração social) (Machado e Bandeira, 2015).

Neste sentido, a noção de saúde mental positiva, que incorpora os aspectos de bem-estar emocional, psicológico e social, sugere uma abordagem mais ampla do conceito de saúde mental, revelando sua dinamicidade, conferindo grandes possibilidades de articulação.

Não restrita a um único aspecto, essa compreensão vai ao encontro dos pressupostos teóricos abordados nesta pesquisa, compreendidos em termos não reducionistas.

Neste sentido, Viktor Frankl (1987) tem uma anedota que revela em contornos, a profundidade do conceito de saúde mental defendida pelo autor, sobretudo quando em articulação à noção de sentido na vida. O autor - fundador da logoterapia e análise existencial - compara a saúde com um elástico. Um elástico frouxo, não tensionado, não serve à sua função, por outro lado, se ele é tensionado em demasia, arrebenta e igualmente não por exercer a sua função (Frankl, 1987).

Para o autor, a saúde (sobretudo a mental) supõe uma certa dose de tensão, o que o autor chama de noôdinâmica, aspecto que se relaciona com a capacidade humana de autodistanciamento e autotranscendência. Neste sentido, o ser saudável se compreende numa profunda postura de movimento, de não paralisia e estagnação. Estes e outros tópicos relativos à teoria preconizada por Viktor E. Frankl e que fundamenta a análise teórica desta pesquisa serão apresentadas na próxima sessão desta dissertação.

## **2. A LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL DE VIKTOR E. FRANKL.**

Como uma pesquisa alocada na intersecção de saberes entre a educação e um referencial teórico do campo da psicologia, faz-se necessário uma abordagem ampla acerca deste referencial que vem sendo amplamente utilizado em pesquisas nas mais variadas áreas, mas que ainda se apresenta de maneira discreta no campo educacional como sugerido pela análise de campo supracitada. Apresentamos os fundamentos teóricos básicos da logoterapia, bem como a visão antropológica defendida pelo autor e sua profunda crítica ao reducionismo. Por fim, são apontados os caminhos sugeridos pela teoria para realização de sentido na vida a partir dos valores, desta forma, pretendemos dar subsídios às discussões e análises que seguem.

### **2.1. O VAZIO EXISTENCIAL E A CRÍTICA AO REDUCIONISMO**

Por volta dos anos 1930, Viktor E. Frankl (1905-1997), fundador da Logoterapia e Análise Existencial, fundou em Viena, e posteriormente em outras seis cidades da Europa central, os chamados postos de aconselhamento da juventude (Frankl, 1978). Estes centros dedicavam-se ao apoio de pessoas jovens que se encontravam em sofrimento psíquico. O



que motivou a criação destes centros foram os números alarmantes de suicídio entre os jovens daquela região da Europa. Ao decorrer dos anos, foram evidentes os resultados positivos com exuberante diminuição nos casos de morte por suicídio entre os jovens Vienenses (Frankl , 1987).

Uma das constatações advindas dessa experiência é que, diferentemente dos tempos de Freud, os pacientes que buscavam os centros de aconselhamento, não mais buscavam os terapeutas com suas questões relacionadas à sexualidade, ou ainda, como nos tempos de Adler, por questões relativas ao seu complexo de inferioridade. Os pacientes que enchem as clínicas psicoterápicas atualmente chegam imbuídos de um sentimento de falta de sentido, mergulhados no que Frankl chamou de “vácuo existencial” ou “vazio existencial” (Frankl, 1977; 2011)

Essa aparente sensação de que a vida não tem sentido, provoca no indivíduo uma falta de orientação a um propósito, gerando apatia, desgosto pela vida e uma insatisfação cotidiana. Segundo Frankl, observam-se três sintomas principais no indivíduo acometido pelo vazio existencial: a agressão, a drogadição e a depressão, tendo o suicídio como consequência drástica (Frankl, 1977).

Com relação à etiologia deste fenômeno, Frankl (2011) aponta duas causas. Primeiramente, o ser humano, ao longo do seu processo evolutivo perdeu sua orientação instintiva, ou seja, ao contrário do que ocorre nos animais, o ser humano não possui o domínio dos instintos ou das pulsões que lhe dizem o que ele deve fazer. Em segundo lugar, o desenvolvimento das sociedades abandonou progressivamente a transferência das tradições, das convenções e valores que orientam o homem sobre o que ele deveria fazer. Como consequência, o ser humano acaba por fazer o que os outros fazem (conformismo) ou fazendo o que os outros querem que ele faça (totalitarismo), atitudes estas muito presente nos dias atuais em diferentes contextos da sociedade (Frankl, 2011).

Em ambas as ocasiões, o que se percebe é um ser humano vazio, literalmente mergulhando num vácuo de existência, sem referências ou seguranças acerca do seu próprio ser, muito menos sobre o que deve ou pode vir a ser. Este cenário é muito observado na juventude, período que por si só, já reserva inúmeras possibilidades de confronto com estas questões de cunho existencial (Aquino, 2011). O que se revela reforçado no contexto atual da sociedade do cansaço, que habituada ao alto rendimento, vê-se em diferentes níveis etários imersa em sinais de esgotamento, manifestado em elevados índices de depressão, ansiedade e síndrome de burnout (Han, 2018).

Para além destas consequências, o fundador da logoterapia apresenta ainda uma terceira problemática ocasionada pelo vazio existencial e que está profundamente relacionada ao adoecimento psicológico. Trata-se da neurose noogênica que antes de se caracterizar como um conflito de ordem psicogênica, apresenta-se em outro âmbito, como afirma Frankl (1977, p.19):

Ao contrário da neurose no sentido estrito da palavra, que por definição representa uma doença psicogênica, a neurose noogênica não se volta para os complexos e conflitos no sentido tradicional mas para os conflitos da consciência moral, para a colisão de valores e por último, mas não menos importante, para a sensação de falta de sentido, que às vezes também pode encontrar expressão numa sintomatologia neurótica (Frankl, 1977 p.19).

A sensação de falta de sentido é considerada então como uma problemática que não necessariamente acarreta doenças específicas, mas apenas potencialmente. É possível que outras manifestações de ordem psicogênica ou somática levem a pessoa a um momentâneo estado de sensação de falta de sentido, desta forma, a sensação de falta de sentido, ou ainda, um distúrbio na procura por um sentido, se tornam sintoma e não patologia. Sendo, portanto, a aparente sensação de falta de sentido, causa de uma outra doença, na medida em que essa se resolve, o indivíduo recupera a sua orientação para um sentido na vida (Frankl, 1977).

A busca por um sentido existencial ou o questionamento acerca do sentido não é uma condição de adoecimento em si, pelo contrário, pode apontar para o que existe de mais saudável na pessoa humana. “O sofrer de vida sem sentido [...] não é necessariamente de forma alguma expressão de uma doença psíquica, pode ser muito mais expressão de maturidade espiritual” (Frankl, 1977 p. 21).

A pergunta acerca do sentido da vida é uma expressão unicamente humana, um animal não pode fazê-la e, sendo algo propriamente humano, não é essencialmente problemático. O problema está precisamente no vazio existencial, quando a esta pergunta se encontra um eco que retorna para o próprio indivíduo em posturas hedonistas e egoístas. O indivíduo pode cair num desespero graças a esta frustração existencial. A fim de sanar esta angústia, na busca por prazer e satisfação, acaba por negar uma condição fundamental da existência humana: a autotranscendência (Frankl, 2011).

A logoterapia e análise existencial concebem a pessoa humana como um ser autotranscendente, isso nos coloca frente a um ser orientado para fora de si mesmo, para o mundo que está além de si. Frankl (2020) compara essa dimensão com um olho saudável. O olho quando "está doente", não enxerga o que está "fora de si", assim também o ser humano "não saudável" não consegue se orientar para fora de si, fecha-se em si mesmo, volta-se para si. O ser humano (*Homo Sapiens*) é um ser aberto ao mundo diferente dos outros animais que são limitados ao ambiente onde estão os elementos necessários e constitutivos de cada espécie. "O ser humano busca – e, em sua busca, tende a atingir – o mundo, mundo esse repleto de outros seres humanos a encontrar e de sentidos a preencher." (Frankl, 2011 p. 45). Sobre este fato essencial na pessoa humana, Frankl (2020) afirma:

Por isso compreendo o fato antropológico primordial que o ser humano deva sempre estar endereçado, deva sempre apontar para qualquer coisa ou qualquer um diverso dele próprio, ou seja, para um sentido a realizar ou para outro ser humano a encontrar, para uma causa à qual se consagrar ou para uma pessoa a quem amar. Somente na medida em que consegue viver essa autotranscendência da existência humana, alguém é autenticamente homem e autenticamente si próprio (Frankl, 2020, p. 36).

É precisamente esta capacidade, que se contrasta ao princípio da homeostase e da manutenção do bem-estar a qualquer custo, tendo como fundamento a obtenção de prazer e satisfação. Na perspectiva Frankliana, o prazer, assim como a felicidade, assume um lugar de consequência e não de finalidade. Para Viktor Frankl, o princípio do prazer é autoanulativo. Quanto mais se faz do prazer ou da felicidade um alvo, mais se erra a mira. É exatamente na orientação a um "porque ser feliz" que a felicidade (e o prazer) é alcançada como consequência (Frankl, 2011). "Em outras palavras, se há uma razão para ser feliz, a felicidade se apresenta automática e espontaneamente." (Frankl, 2011 p. 48).

A busca por um sentido, longe de se manifestar numa esfera de equilíbrio interior, assume, pelo contrário, uma dinâmica de certa tensão que, na visão da logoterapia, é uma condição indispensável à manutenção da saúde mental. "Pode-se ver assim que a saúde mental está baseada em certo grau de tensão, tensão entre aquilo que já se alcançou e aquilo que ainda se deveria alcançar, ou o hiato entre o que se é e o que se deveria ser" (Frankl, 1985, p. 72). A este movimento de busca, do direcionamento do ser a um dever-ser, se

caracteriza uma dinâmica propriamente humana, a “noodinâmica”, ou seja, a dinâmica da existência humana. Sobre isso, Frankl (1985, p. 72) afirma:

O que o ser humano precisa não é de homeostase, mas daquilo que chamo de “noodinâmica”, isto é, da dinâmica existencial num campo polarizado de tensão, onde um pólo está representado por um sentido a ser cumprido e outro pólo, pela pessoa que deve cumprir. E ninguém pense que isto é válido somente para situações normais; isto vale ainda para indivíduos neuróticos. (...) Da mesma forma, se os terapeutas desejam incrementar a saúde mental de seus pacientes, não deveriam ter receios e criar uma sadia quantidade de tensão através da reorientação para o sentido da sua vida” (Frankl, 1985, p. 72).

Destarte, onde se localiza no ser humano, esta capacidade de busca por um sentido na vida? Como supracitado, Frankl é altamente crítico a todos os tipos de reducionismos, sobretudo no que concerne à existência humana. De modo algum, o autor se contrapõe aos limites e contingências impostas pelas dimensões biológica, psicológica e social, que a todo instante se erguem diante o ser humano lhe impondo condições por vezes extremas e adversas.

O que ocorre aqui é que o ser humano tem uma capacidade que lhe é única, a de elevar-se sobre si mesmo. Por meio, por exemplo, do humor pode distanciar-se de tais condicionantes superando-se a si mesmo, olhando “por cima”, a partir do “alto”. A esta característica chamamos de autodistanciamento, atributo unicamente humano, resguardado ao que há de mais humano o ser (Frankl, 2011).

Esta característica antropológica bem como toda dinâmica de busca de sentido estão reservadas à uma dimensão diferente no ser humano. Se as vivências biopsíquicas são contingentes e o ser humano pode elevar-se acima delas, existe por consequência uma área no ser que se mantém guarnecida de aspectos que oferecem ao ser humano uma possibilidade nova, de realizar-se, de opor-se contra as determinantes e se necessário, contra si mesmo. Esta dimensão propriamente humana, é a dimensão noética ou espiritual (Frankl, 2011).

Por espiritual, aqui, deve-se compreender que não existe nenhuma conotação religiosa no termo. Esta categoria é antropológica e pelos limites impostos pela tradução, o termo espiritual acabou se consolidando e é o que melhor designa o que Frankl concebe como “nous”. No entanto, a fim de manter um maior resguardo conceitual e evitar

entendimentos ambíguos, optamos por utilizar a partir daqui o termo noético para se referir a dimensão espiritual do ser.

A visão antropológica da logoterapia é extremamente rica, sendo uma das preciosas contribuições do autor para o conhecimento sobre o ser humano, ela se estabelece a partir de duas noções principais. A primeira, apresenta a visão noológica do ser humano, que corresponde aos fenômenos especificamente humanos, não acessível a um animal, como a tomada de posição em face das condições corporais e de existência psíquica, além das decisões pessoais de vontade, intencionalidade, interesse prático e artístico, criatividade, senso ético e a compreensão do valor (Lukas, 1989). A segunda, a visão de uma “ontologia dimensional”, aponta para o modo por meio do qual a logoterapia organiza e enxerga as dimensões que compõem a pessoa humana: Corpo, Mente e Espírito. Frankl (1978, p. 177) descreve que:

“O homem é mais do que organismo psicofísico, é pessoa espiritual. Nessa qualidade, é livre e responsável, livre “do” psicofísico e “para” realização de valores e o preenchimento do sentido na sua existência. É um ser que luta para realizar valores e preencher o sentido. Não identificamos no homem apenas a luta pela vida, mas também a luta pelo sentido da vida. E auxiliá-lo nessa luta é talvez a ação mais notável da ação psiquiátrica” (Frankl, 1978, p. 177)

Quanto a visão dimensional de ser humano, a logoterapia apresenta uma ontologia dimensional, ou seja, o ser enquanto manifestação “Bio-Psíquica-Espiritual”. De acordo com a logoterapia, as três dimensões que compõem o ser humano são a somática, a psíquica e a noética. Não se trata de uma teoria estratificada das dimensões humanas, elas se relacionam profundamente. Para Lukas (1989), elas se penetram reciprocamente como as três dimensões do espaço, o comprimento, a largura e a altura, ou seja, não exclui ou diminui o papel de uma ou outra dimensão, mas fazem parte de um todo dinâmico e indissociável. Para a Logoterapia, a pessoa constitui um “In-dividuum”. Frankl define o ser humano como uma unidade na pluralidade, preservando tanto a sua unidade antropológica, quanto a sua diversidade ontológica, complementar e antagônica (Frankl 2011; Lukas, 1989).

A ontologia dimensional de Frankl se propõe a ser uma crítica clara ao reducionismo, ao pensamento simplificador e à visão cartesiana, ideias que promovem a disjunção do ser e por consequência de todo o conhecimento humano. Neste sentido, há uma noção

epistemológica, além de antropológica e a visão de Frankl, encontra-se com o *unitas multiplex* de Edgar Morin (2005) e toda dinâmica da complexidade, já que se vai de encontro com a “era de especialistas” que se ocupa de uma visão compartimentalizada, reducionista e fragmentada do ser humano, do conhecimento e das ciências.

O reducionismo contemporâneo, segundo Frankl, é um disfarce ao niilismo, que recorre ao “nada mais que”, ou seja, considerar que o ser humano é, por exemplo, nada mais que uma série de reações químicas e o resultado de combustões ou pulsões instintivas do psiquismo. Este entendimento este que pode ser associado ao pensamento simplificador que considera apenas o “uno” (Pereira, 2021).

Sendo assim, ao contemplar a visão humana da logoterapia, percebe-se a necessidade de abrir o entendimento acerca dos determinismos que nos cercam, sejam os antropológicos ou epistemológicos. Compreender a realidade do fenômeno humano sob a ótica da análise existencial frankliana nos coloca frente a possibilidade de perceber a realidade a partir da totalidade, da unicidade e irrepetibilidade de cada ser e de cada experiência. Valorizando aquelas resguardadas à dimensão noética, não limitada à somática e à psíquica, mas igualmente por elas afetada e influenciada, como num todo contínuo e dinâmico (Frankl, 1997; Morin, 2005).

## **2.2. FUNDAMENTOS DA LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL.**

A Logoterapia e Análise Existencial (LAE) é considerada a terceira escola vienense de psicoterapia, precedidas pela psicanálise de Freud e a psicologia analítica de Adler, para a logoterapia, não é a pulsão de prazer – como preconizado pela psicanálise – ou a pulsão de poder – como defendido pela psicologia analítica – que orientam e motivam o ser humano. No entendimento de Viktor Frankl (1905-1997), fundador da Logoterapia, é a busca por um sentido existencial que orienta a vida humana (Frankl, 2011). Viktor Frankl, era judeu, contemporâneo de uma das páginas mais sofridas dos tempos modernos. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi capturado e preso, passando por dois campos de concentração, o de Auschwitz e o de Dachau (Frankl, 1987).

Como médico psiquiatra, Frankl poderia ter experimentado a vida nos campos de concentração exercendo em certo nível a sua profissão, mas com ele mesmo afirma, foi como

um prisioneiro comum que pôde vivenciar seus dias de horror. Junto com os seus outros colegas, Frankl pode, vivenciando aquela rotina, experimentar e confirmar as bases da teoria que vinha desenvolvendo antes mesmo de ser preso. “Não é sem orgulho que digo não ter sido mais que um prisioneiro ‘comum’, nada fui senão o simples nº 119104” (Frankl, 2005 p.10). Não obstante sua intenção e experiência em ser um prisioneiro comum, as vivências, os relatos e as conseqüentes conclusões advindas do Dr. Viktor E. Frankl, originou um sistema completo em psicoterapia, com base filosófica, antropológica e metodológica.

A logoterapia se sustenta sobre três pilares: A Liberdade da Vontade, a Vontade de Sentido e o Sentido da Vida (Frankl, 2011). A liberdade da vontade se opõe ao determinismo que entende o ser humano sob uma perspectiva limitada aos seus condicionamentos. Como afirma Frankl (2011, p. 26): “O homem não é livre se suas contingências, mas, sim, livre para tomar uma atitude diante de quaisquer que sejam as condições que são apresentadas a ele”. Em seu relato sobre o campo de concentração, o autor defende que a liberdade interior é a característica mais intrínseca da pessoa humana, Frankl (1987) afirma:

Quem dos que passaram pelo campo de concentração não saberia falar daquelas figuras humanas que caminhavam pela área de formatura dos prisioneiros, ou de barracão em barracão, dando aqui uma palavra de carinho, entregando ali a última lasca de pão? E mesmo que tenham sido poucos, não deixam de constituir prova de que no campo de concentração se pode privar a pessoa de tudo, menos da liberdade última de assumir uma atitude alternativa frente às condições dadas. E havia outra alternativa! A cada dia, a cada hora no campo de concentração havia milhares de oportunidades de concretizar esta decisão interior, uma decisão da pessoa contra ou a favor da sujeição aos poderes do ambiente que ameaçavam privá-la daquilo que é a sua característica mais intrínseca - sua liberdade - e que a induzem, com a renúncia à liberdade e à dignidade, a virar mero brinquedo e objeto das condições externas, deixando-se por elas cunhar um prisioneiro "típico" do campo de concentração (Frankl, 1987 p.49)

A liberdade da vontade não nega a existência das inúmeras contingências às quais a vida humana está submetida, porém assume que em todo e qualquer limite, o ser humano é livre para assumir uma nova postura, mesmo diante de um destino que se impõem. Para se

compreender como que na prática se dá a manifestação desta liberdade, faz-se necessário perceber a relação dialética existente entre destino e liberdade (Pereira, 2020).

Como um ser condicionado, o ser humano está ligado a um destino, uma influência que ele nem sempre pode controlar, mas que, em última análise, tem a escolha do modo como se colocará frente a ela (Frankl, 2003; Pereira, 2020). O ser humano se confronta com três formas básicas de influências condicionantes sobre sua vontade livre, são elas: os condicionamentos psíquicos, os condicionamentos biológicos e os condicionamentos sociológicos. Ou como o próprio Frankl os chamou: destino biológico, psicológico e sociológico (Frankl, 2003).

Cada um destes destinos está ligado a um fenômeno que é muito combatido por toda teoria postulada por Viktor Frankl, o reducionismo. Nesta perspectiva, cada área da ciência clássica pode oferecer uma possibilidade de reducionismo, a biologia se torna biologismo quando compreende o ser humano apenas pelos seus mecanismos fisiológicos; a psicologia se torna psicologismo quando compreende o ser humano apenas com um fenômeno psíquico entregue às suas pulsões inconscientes e as suas disposições instintivas; e as ciências sociais se entregam ao sociologismo ao reduzir o fenômeno humano aos entraves sociais e, por exemplo, as questões de classe. Sobre isto, o autor afirma:

No reducionismo, porém, não é ignorada apenas a vontade de sentido, mas a própria vontade. Podemos falar aí de um reducionismo. O comportamento é reduzido respectivamente a processos psicodinâmicos de aprendizagem, bioquímicos ou socioeconômicos. O comportamento humano, assim quer fazer-nos acreditar o reducionismo, “nada-mais” é senão resultado e produto de outra coisa. Mas seu “auto entendimento ontológico pré-reflexivo”, como eu o chamo, ensina ao homem algo melhor: ele é formador - e em casos necessários reformador - da própria realidade (Frankl, 1990 p. 41-42).

Neste sentido, a compreensão da liberdade da vontade como a última das possibilidades humanas frente a todo e qualquer condicionamento nos coloca diante da manifestação complexa da existência humana revelada no cosmos. Esta crítica ao reducionismo emergirá em outros momentos desta dissertação como uma crítica ao pensamento simplificador, mutilador e disjuntivo que fragmenta o conhecimento e por consequência o ser humano (Morin, 2005; Frankl, 2002).



No âmbito da vontade, outro fundamento basilar em logoterapia, esta define-se como a motivação primordial da pessoa humana, isto é, sua vontade de sentido. Conforme Frankl (2011, p. 50): “O que chamo de ‘vontade de sentido’ pode ser definido como o esforço mais básico do homem na direção de encontrar e realizar sentidos e propósitos”. Nesta prerrogativa, não são as pulsões de prazer ou poder que orientam a vida do ser humano, mas essencialmente, é a sua vontade de realizar um sentido existencial que lhe dá energia vital e impulso para viver.

Quando Frankl evidencia esta questão da busca pelo prazer ou do poder não está negando em primeira análise a existência dessas pulsões e motivações na pessoa humana, o que existe, na verdade, é um deslocamento hierárquico destas motivações. A pulsão de prazer e/ou poder existem, mas estas são meras derivações da motivação primária do ser humano, a sua vontade de sentido (Frankl, 2011). A vontade de prazer e de poder assumem um lugar derivado da vontade de sentido, o prazer como consequência dos sentidos realizados em cada situação e o poder como um meio na proposição e realização de sentidos.

Por exemplo, um profissional de saúde que se expõe ao risco de contaminação por que é consciente do seu papel e do seu potencial de salvar vidas realiza sentido no seu trabalho e obtém prazer em suas tarefas laborais como consequência desta sua escola. O prazer no trabalho não é o fim em si mesmo, mas deriva da realização de sentido em cada atividade.

Assim como o poder que também não é um fim em si mesmo, mas um meio para uma finalidade. No intento de viabilizar a concretização da vontade de sentido uma certa dose de poder, é necessário o poder financeiro, o status profissional ou social. As situações de poder podem ser colocadas a serviço da realização de sentido, tornando-se assim, meio e não fim. Uma liderança pública que põe seu status de poder à serviço do bem comum de sua função, atende a esta prerrogativa, fazendo bom uso do poder que lhe foi concedido. Somente na frustração da vontade de sentido é que alguém pode contentar-se com o poder ou fixar-se no prazer (Frankl, 2011).

Acerca do sentido da vida, vale salientar os apontamentos que levam Viktor Frankl a afirmar que: “Em última análise, a vida sempre oferece uma possibilidade de realização de sentido” (Frankl, 1987). Sendo este um importante construto em logoterapia e também aquele que sustenta a nossa pesquisa, segue uma seção específica, dedicada ao sentido da vida e às formas pelas quais Frankl afirma que o ser humano pode encontrá-lo.

### 2.3. A REALIZAÇÃO DE SENTIDO E OS VALORES

O Sentido na Vida é apresentado por Viktor Frankl como um dos pilares da logoterapia juntamente com a Vontade de Sentido e a Liberdade da Vontade. Acerca do sentido da vida, como supracitado, a defesa primordial é de que a vida sempre apresenta um sentido a ser realizado e experimentado em cada vivência humana. No entanto, como é que de maneira objetiva o ser humano pode realizar e experimentar sentido na vida?

Uma vez assumida que a autoranscendência é uma característica da pessoa humana, percebe-se que toda estrutura psíquica do ser humano se orienta para fora de si mesmo, neste sentido, não se traduz em auto expressão do psiquismo ou pulsões subjetivas dos instintos. Se o ser humano está orientado para o mundo fora de si, os sentidos e os valores se revelam, portanto, aí, no mundo fora do ser humano. Por isso, a visão antropológica de Frankl se apresenta contrária ao psicologismo subjetivista, que gera como consequência uma visão monadológica do ser humano (Pereira, 2020).

A problemática advinda desta visão psicologista, radica-se no fato de impossibilitar o verdadeiro encontro do ser humano com o mundo e os seus objetos, pois estes não são vistos em sua "essência objetiva", mas passam a ser interpretados e entendidos apenas como manifestações para a manutenção de um equilíbrio interno ou satisfação pessoal (Pereira, 2020). Frankl parte de uma crítica às lógicas historicamente perpetuadas e que aos poucos precisam ser superadas em vista de oferecer uma visão humana mais ampla, sobre isto, Frankl (2005) afirma:

O sistema de Wilhelm Wundt foi criticado como uma: “psicologia sem psique”. Isto foi logo superado, mas ainda está circulando aquela que eu chamaria de uma “psicologia sem logos”, uma psicologia que interpreta o comportamento humano não como induzido por razões que estejam fora do indivíduo, na realidade exterior, mas sim como consequência de causas que operam no interno de sua psique (ou soma). (Frankl, 2005, p. 63).

Portanto, o sentido da vida assume um caráter profundamente objetivo, realiza-se no mundo exterior, no mundo objetivo dos valores, o que segundo Frankl pode ser observado a partir de uma análise fenomenológica do “homem comum” da rua (Frankl, 2011). A logoterapia é profundamente empírica ao observar que no cotidiano as pessoas estão a todo

instante respondendo a sentidos latentes e revelados em cada situação singular, única e irrepetível. Como então se manifesta a partir dos valores as possibilidades de realização de sentido? A Logoterapia apresenta três categorias de valores para explicar como de maneira objetiva os sentidos se manifestam na vida ordinariamente.

O primeiro grupo de valores são categorizados como valores de criação. Estes dizem respeito àquilo que o homem “dá” ao mundo, entrega e realiza a partir de si para fora de si (Frankl, 2011). Está ligado às atividades laborais e ao empreendimento de ordem prática na vida cotidiana. Pesquisas empíricas já associam de maneira clara que o âmbito do trabalho tem forte correlação com níveis satisfatórios de sentido na vida (Damásio, Melo e Silva, 2013). No entanto, não é só o exercício profissional que pode despertar fontes de realização de sentido a partir de valores criativos, toda e qualquer atividade humana que se origine na intenção e direção do ser para fora de si num ato criador (criativo ou não) pode ser promotor de sentido na vida. Uma atividade escolar, doméstica, em contextos de lazer, nas vivências artísticas e etc.

A segunda categoria de valores se relaciona com o processo inverso. São os chamados valores de experiência, ou seja, dizem respeito às vivências em que o ser humano “recebe” algo do mundo ou de alguém (Frankl, 2011). Esse ato de receber está diretamente relacionado aos encontros e as experiências que o homem faz por meio dos relacionamentos, do contato com a natureza, com a arte, com o conhecimento e etc.

A terceira categoria de valores diz respeito aos momentos na vida em que se espera uma atitude frente a uma realidade que não se pode mudar. Os valores atitudinais emergem em circunstâncias em que as possibilidades se esgotam, em que a única resposta possível emerge dos recônditos interiores do ser livre e responsável que pode sempre e em qualquer circunstância optar sobre como viverá seu sofrimento inevitável (Frankl, 2011). Os valores de atitude assumem uma posição hierárquica superior em relação aos valores criativos e de experiência. Não necessariamente por se tratar de uma categorização qualitativa, mas por ser inevitavelmente a única categoria possível de se realizar quando as outras duas são totalmente esgotadas.

Quando o *Homo sapiens* se articula no *Homo faber* (homem que faz) cumpre seu destino existencial ao criar, enquanto que, ao se expressar como *Homo amans* (homem que experimenta, que sente) realiza-se ao experimentar, ao encontrar o outro e a amar (Frankl, 2015). No entanto, estas duas categorias são profundamente condicionadas e contingenciais e em última análise, diante de um sofrimento inevitável, resta ao *Homo sapiens* tornar-se

*homo patiens* (homem que sofre) numa atitude livre e responsável para colher realização e não desespero. “Quando não é mais possível moldar o destino, então se faz necessário ir ao encontro deste destino com atitude certa.” (Frankl, 2015).

A fim de ilustrar com mais precisão e alargar a compreensão desta categoria de valor, Viktor Frankl apresenta-nos como exemplo o encontro que teve com um paciente, segue o breve relato deste episódio que pode em poucas linhas evidenciar a força que habita na livre aceitação da suprema dignidade do homem que é o sofrimento. Frankl (2015 p. 76) relata;

“Procurou-me um médico idoso, que, por muito tempo, exercera as funções de clínico geral. Um ano antes falecera sua esposa, a pessoa que amava mais do que tudo, e não conseguia, no entanto, afastar a dor da perda. Perguntei a esse meu paciente, fortemente deprimido, se já havia refletido sobre o que poderia ter acontecido se tivesse falecido antes da esposa. Nem “pensar”, respondeu, “minha mulher teria ficado totalmente desesperada”. Só precisei então chamar-lhe atenção: “Veja o senhor, tudo isso acabou por poupar a sua esposa, ainda que ao preço, sem dúvida, de que seja o senhor quem deva agora suportar a saudade”. Seu sofrimento adquiriu um sentido naquele mesmo instante: o sentido na um sacrifício (Frankl, 2015 p. 76).

Seu sofrimento não podia lhe ser retirado, nem tampouco seu destino alterado, mas a partir daquele instante sua atitude foi transformada. Este exemplo deixa claro a força promotora de sentido na vida a partir dos valores de atitude. O relato trazido acima continua com a afirmação de que a depressão que perseguira o senhor enlutado o deixará sem mais voltar, a partir do momento em que sem sofrimento existencial foi preenchido pelo sentido reservado àquela situação em específico.

Partindo de toda visão acerca do ser humano trazida pelo logoterapia, é que o autor concebe que a educação tem um papel muito particular na formação do ser humano. Para Frankl, a educação assume o papel de trazer à luz aspectos que já estão presentes na vida e no cotidiano dos educandos (Frankl, 2011). A educação deve se comprometer em oferecer condições para que os estudantes encontrem sentidos únicos contidos em cada situação. Sobre isso, Frankl 2011, afirma:

“[...] a educação não deve limitar-se a transmitir conhecimento, nem se contentar com o repasse das tradições. Ela deve sim, refinar a capacidade humana de encontrar aqueles sentidos únicos que não se deixam afetar pelo declínio dos valores universais. Essa capacidade humana de encontrar o sentido escondido por trás de cada situação singular é o que chamamos de consciência. A educação deve, portanto, garantir o homem com os meios para encontrar sentido.” (Frankl, 2011 p. 108).

A Logoterapia e Análise Existencial como uma teoria do campo da psicoterapia tem sido amplamente utilizada em outras áreas do conhecimento como na psicologia da saúde, no campo do trabalho e das organizações e sobretudo na educação. A educação, segundo a logoterapia, deve caminhar na contramão dos reducionismos biológicos, sociais e psíquicos, a fim de possibilitar a formação de cidadãos críticos e conscientes das potências de sentido e realização existentes na sua vida. Segundo Frankl, o sentimento de vazio e falta de sentido é reforçado pelo modo reducionista como a educação em muitos momentos se comporta. Esta visão que enxerga o estudante além das suas contingências tem o papel de formar a sua consciência pautada sobretudo na liberdade e na responsabilidade, assim, os estudantes são despertados numa atitude singular de sentido e realização existencial (Aquino, 2011).

Desta forma, a educação nos pressupostos da logoterapia tem a proposta de formar o ser humano em sua totalidade, no seu ser biopsicoespiritual e encontra eco em Paulo Freire (2017) quando defende uma educação crítica e problematizadora da realidade, compreendendo o ser humano para além dos seus reducionismos, biológicos, psíquicos e sociais. Freire (2021) descreve que seres humanos em uma situação concreta de opressão são proibidos de ser, o que fere a ontológica e histórica vocação dos seres humanos - a do ser mais. Dessa forma, a luta para realizar valores e preencher o sentido na vida é uma ação notável, não só de ação do campo da psicologia, mas também da ação educacional, que deve abranger especialmente os jovens estudantes.

Posto isso, este trabalho segue tecendo as relações e considerações entre a logoterapia e o contexto educacional no âmbito da profissão docente que assume centralidade no papel promotor de vida da educação. Educar para o Sentido na Vida é antes de tudo despertar nos estudantes a capacidade de conscientemente escolher adentrar na dinâmica da existência humana, a noodinâmica, de forma transcendente em direção a um dever-ser no mundo. Neste

sentido, as(os) professoras(es) assumem protagonismo neste processo que se dá também nelas(es) em seus entraves existenciais e profissionais.

## **IV. METODOLOGIA**

### **PERCURSO METODOLÓGICO**

Esta pesquisa seguirá um enfoque quantitativo no que tange sua abordagem metodológica, o que segundo Sampieri, Collado e Lúcio (2013) implica em uma pesquisa que se baseia na coleta de dados objetivos, por vezes numéricos, que tem o objetivo de inferir sobre variáveis e medir relações existentes entre diferentes construtos, neste sentido Chizzotti (2000 p. 52) também define que este enfoque de pesquisa “consiste na mensuração de variáveis preestabelecidas, procurando verificar a explicar a sua influência sobre outras”. A escolha por esta abordagem se baseia na natureza dos nossos construtos e na possibilidade de enxergar estes fenômenos de maneira mais sistematizada, para respondermos aos objetivos da nossa pesquisa e inferir caminhos que atendam aos nossos problemas de pesquisa. A partir dos dados e das conclusões advindas das análises estatísticas, poderemos construir reflexões robustas, problematizadoras e articuladas com a literatura.

Por se tratar de uma pesquisa na pesquisa, os nossos dados foram coletados durante a fase de coleta da pesquisa nacional intitulada: “*Relação entre saúde e sentido de vida durante a pandemia de covid-19 no brasil: uma pesquisa nacional*” conduzida por um grupo de pesquisadores da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS e que foi aprovada pelo comitê de ética da mesma instituição (C.A.E.E. 43225521.7.0000.0053).

A coleta dos dados se deu numa amostragem não probabilística bola de neve e contou com participantes de todo território nacional que responderam aos instrumentos desta pesquisa por meio de formulários viabilizados pela internet via Google Forms.

O convite foi enviado para os respondentes por meio de grupos de aplicativos de comunicação como o Whatsapp, pelas mídias sociais dos pesquisadores e de seus colaboradores e ainda por meio dos e-mails institucionais de profissionais dos Institutos Federais de Educação, Ciências e Tecnologia, disponíveis no site das instituições. Todos que

receberam o formulário também foram convidados a enviar a pesquisa para outras pessoas, amigos e familiares que se encaixavam no perfil desejado.

O perfil dos participantes seguiu alguns critérios como idade (maiores de 18 anos) e residentes no Brasil. Em seguida, todos os participantes respondiam a um termo de consentimento para continuar a responder os questionários. Todos os dados foram coletados no período de 2 de maio e 18 de julho de 2021, período em que o Brasil vivia a segunda onda da pandemia da covid-19, e havia iniciado, de maneira discreta, a vacinação da população com prioridade no grupo de risco – que incluía os trabalhadores da educação, conforme a resolução 073 de 22 de dezembro de 2022 do CNE (Brasil, 2022a). Os resultados coletados foram devidamente arquivados em banco de dados e posteriormente disponibilizados para as finalidades desta pesquisa e contou ainda com a inserção dos novos pesquisadores, ao registro da pesquisa supracitada.

Um total de 4.261 pessoas responderam à pesquisa, mas 4.084 foram selecionadas para a amostra final, sendo excluídas 177 respostas pelas seguintes razões: residentes em outro país (3), menores de 18 anos (5), respostas em branco (2) e falhas no teste de atenção (118) ou respostas incongruentes e incompatíveis (49).

Com relação ao público de professoras(es), foco de nosso estudo, o banco de dados apresenta um total de 2.075 pessoas respondentes, sendo 1.722 de professoras(es) universitárias(os) e 319 de professoras(es) da educação básica e outros 34 respondentes que se declararam professores, mas que optaram pelo descritor “outros” do questionário e sinalizaram alguma particularidade.

Destas(es) professoras(es) oito (8) não especificaram se atuam na educação formal, por exemplo “professor de arte”; 18 indicaram outro exercício profissional além do magistério, por exemplo “Psicólogo e Professor universitário” e por fim, oito (8) são professores da formação técnica que não especificaram se atuam nesse segmento ligado às escolas da educação básica com ensino técnico ou se apenas em cursos profissionalizantes.

Diante da particularidade da amostra, optamos por não excluir do banco de dados nenhuma das pessoas que se identificaram como pertencentes ao grupo de professores. Entendemos que, dada as particularidades às quais todos foram submetidos (contexto pandêmico) e levando em consideração o número muito pequeno (34 pessoas) que é incapaz de influenciar significativamente nos resultados, optamos por seguir com a análise de grupo geral incluindo todas as pessoas que se autodeclararam como professores.

Assumimos ainda que a construção da identidade social docente é entendida como um fator de construção social multifatorial, não sendo obrigatoriamente vedada ao nível de ensino como o único aspecto relativo à formação desta identidade. Segundo Garcia, Hypolito e Vieira (2005) é resultado de uma série de representações que as(os) professoras(es) fazem de si mesmas(os) e de suas funções, levando em conta as inúmeras negociações relativas às condições de trabalho, a história de vida de cada pessoa, os hábitos, a formação e certamente os discursos que vigoram nas sociedades acerca da profissão docente (Garcia, Hypolito e Vieira, 2005).

Outra particularidade diz respeito aos grupos que foram utilizados nas análises e comparações. Optamos por realizar as nossas comparações entre os dois principais grupos da nossa amostra, o grupo da população em geral (N= 2009) e o grupo de professoras(es) (N= 2075). Não realizaremos análises obedecendo a heterogeneidade própria do grupo dos professores, levando em conta também a assimetria no valor da média entre os grupos de professores.

Como os grupos possuem um número de participantes muito diferentes entre si – Professoras(es) Universitárias(os) N=1722; Educação básica N= 319 – assumimos com Dancey e Reidy (2019) que a comparação entre médias, cujo o número de participantes é muito diferente, pode comprometer a leitura mais fidedigna do fenômeno. Para tal, outras técnicas estatísticas, como testes não paramétricos, deveriam ser utilizadas. No entanto, os autores defendem a conveniência de se trabalhar com médias menos assimétricas, portanto optamos por agrupar todas(os) as(os) professoras(es) em um único grupo amostral reduzindo a grande diferença nas médias de participantes da pesquisa (Dancey e Reidy, 2019).

## **INSTRUMENTOS DE COLETA**

Para vias de atender aos objetivos deste estudo, convém esclarecer que para a realização da pesquisa da UEFS foram utilizados três instrumentos de medidas para a coleta dos dados, que nos forneceram informações que foram posteriormente submetidas a metodologias estatísticas de análise. Vale ressaltar que, os dados sociodemográficos também apresentam informações pertinentes ao contexto da pandemia da covid-19, o que assumirá relevância quando os resultados da pesquisa forem apresentados. Assim, os instrumentos utilizados foram:



- a. Questionário sociodemográfico, contendo dados sobre idade, sexo biológico, cidade, estado, escolaridade, número de pessoas com quem reside, profissão, situação do trabalho, se contraiu ou não covid, se perdeu algum familiar ou não durante a pandemia e situação da vacinação.
- b. Questionário Sentido na Vida (MLQ) (Aquino *et al.*, 2015), composto de 10 itens a serem avaliados em uma escala de 7 pontos, de 1 (totalmente falso) a 7 (totalmente verdadeiro). Concentra dois fatores com cinco itens cada: busca de sentido, que avalia a motivação das pessoas para encontrar ou aprofundar o sentido na suas vidas; e presença de sentido, que avalia o quanto as pessoas percebem que suas vidas têm sentido. A pontuação de cada fator é calculada somando as respostas dos seus respectivos itens. O alfa de Cronbach<sup>8</sup> desse questionário foi 0,75 para a amostra do presente estudo.
- c. Questionário de saúde mental positiva - forma abreviada (MHC-SF) ; um instrumento elaborado para avaliar a saúde mental positiva dos indivíduos (Keyes, 2005; 2006). O instrumento, validado para o português em versão brasileira por Machado e Bandeira (2015) consiste em uma escala de 14 perguntas que são respondidas no formato de escala likert, variando de “nunca” (1) a “todos os dias” (6) e contemplam áreas subdivididas com 3 perguntas que avaliam o bem-estar emocional, 6 que correspondem ao bem-estar psicológico e 5 ao bem-estar social. Neste sentido, o MHC-SF representa uma medida satisfatória, válida e confiável para a saúde mental positiva. (Machado e Bandeira, 2015; Keyes, 2005)

## ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram analisados no *software* SPSS versão 18.0 (SPSS Inc, 2009). O primeiro passo consistiu na análise descritiva dos dados sociodemográficos, bem como dos escores obtidos nas variáveis estudadas. O segundo passo contemplou o emprego de regressões lineares simples com o objetivo de investigar em que medida os níveis de sentido na vida explicavam os níveis de bem-estar tanto para a população em geral, quanto para o

---

<sup>8</sup> Índice de confiabilidade de um instrumento estatístico.

grupo de professoras(es). Em função das variáveis estudadas serem multifatoriais, cada fator foi analisado separadamente nas análises de regressão.

A regressão linear simples é um método estatístico que consiste em medir o efeito de uma variável sobre outra. Diferente de um teste de correlação, ela não mede apenas a magnitude e a direção da correlação, mas apresenta o nível de variação na pontuação de determinada variável, causada por fluência de uma outra variável. Por exemplo, quantos pontos a variável  $x$  irá aumentar se a variável  $y$  aumentar ou diminuir em determinado número? Assim, se pretende perceber com maior detalhe os níveis de influência das variáveis (Dancey e Reidy, 2019).

O terceiro passo envolveu a condução de testes  $t$  de Student para amostras independentes com o objetivo de investigar em que medida os níveis de sentido na vida e de qualidade de vida eram diferentes entre a população geral e o grupo de professores.

Adicionalmente, foi realizado um segundo conjunto de testes  $t$  para se constatar se os dados sociodemográficos relativos especificamente à pandemia contribuíram para as diferenças nos níveis de sentido na vida e de qualidade de vida especificamente no grupo de professores. O tamanho do efeito das diferenças entre as médias foi interpretado diante dos critérios de Cohen (1988): efeito pequeno (0,20 a 0,49), médio (0,50 a 0,79) e grande ( $\geq$  0,80).

A utilização dos testes  $t$  como metodologia estatística tem o objetivo de avaliar se existe diferença significativa entre as médias de duas condições, ou seja, busca-se compreender se as diferenças entre as médias ocorrem devido a influência e relação das amostragens entre si. Neste caso em que os participantes tomam parte em apenas uma das condições, foi utilizado o teste  $t$  para amostras independentes (Dancey e Reidy, 2019).

Além disso, foram verificados os tamanhos de efeitos das diferenças entre as médias, este dado busca explicar a “medida do grau do qual diferenças de uma variável dependente são atribuídas à variável independente” (Dancey e Reidy, 2019 p. 2020). Desta forma, buscou-se uma maior confiança nos níveis de relação e influência entre os resultados apresentados.

Por último, foram realizadas análises de variância de uma via (ANOVA-*One Way*) com o objetivo de identificar se existiam diferenças nos níveis de sentido na vida e de qualidade de vida entre os professores de diferentes faixas etárias (jovens adultos, adultos e terceira idade).

Os testes tipo ANOVA são utilizados quando se procura verificar se existem diferenças entre médias de grupos, ou seja, com esta técnica é possível a comparação entre mais de dois grupos. Isso é feito a partir da obtenção da média geral e da comparação de cada grupo com este valor atribuído (Dancey e Reidy, 2019).

A normalidade dos dados foi avaliada por meio dos testes Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk.<sup>9</sup> O pressuposto de homogeneidade de variância foi avaliado por meio do teste de Levene.<sup>10</sup> Foram realizados procedimentos de *bootstrapping*<sup>11</sup> (1000 re-amostragens; 95% IC BCa) para se obter uma maior confiabilidade dos resultados, para corrigir desvios de normalidade da distribuição da amostra e diferenças entre os tamanhos dos grupos e, também, para apresentar um intervalo de confiança de 95% para as diferenças entre as médias (Haukoos & Lewis, 2005). Considerando a heterogeneidade de variância, foi realizada a correção de Welch e avaliação de post-hoc por meio da técnica de Games-Howell nas análises de variância (Field, 2013).

A linha cronológica apresentada para a realização das análises não será a mesma utilizada na descrição dos resultados. Para o bom êxito de cada um dos nossos objetivos, foi necessário o emprego de mais uma técnica de análise. Neste sentido, os resultados foram organizados de acordo com os nossos interesses de investigação respondendo a cada uma das questões de pesquisa oriundas dos nossos objetivos. O quadro a seguir busca sintetizar o nosso percurso metodológico apresentado as nossas questões de pesquisa que partem dos objetivos específicos e os respectivos passos utilizados para obtenção dos resultados.

## QUADRO METODOLÓGICO

Quadro 01: Descrição da Metodologia a partir das Questões de Pesquisa.

Questão de Pesquisa	Categoria de análise	Instrumento para coleta de dados	Método de análise de dados
1.O quanto que, os níveis de Sentido na Vida são capazes de influenciar a Saúde	Correlação entre SV e SM.	Questionário de sentido na vida.	Estatística Descritiva

<sup>9</sup> Os testes de Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk são utilizados para determinar se uma amostra segue uma distribuição normal.

<sup>10</sup> Teste utilizado para verificar a homogeneidade de variância. Esse teste compara a variância das amostras com a variância geral.

<sup>11</sup> Técnica de reamostragem que obtém as amostras finais via reposição da amostra original.

Mental dos grupos investigados?		Questionário de saúde mental positiva	Regressões lineares simples
2.Quais as diferenças entre o grupo de professoras e a população em geral para os índices de SV e SM	Diferenças das médias entre os grupos.	Questionário de sentido na vida. Questionário de saúde mental positiva	Testes-T ANOVAS
3.Em que medidas as diferenças sociodemográficas influenciam nos níveis de sentido na vida e saúde mental especificamente na população de professoras/es?	Diferenças entre os dados sociodemográficos e os níveis de SV e SM.	Questionário de sentido na vida. Questionário de saúde mental positiva. Questionário Sociodemográfico.	Testes-T ANOVAS
4.Em que medidas as diferenças sociodemográficas relacionadas à pandemia influenciaram nos níveis de sentido na vida e saúde mental especificamente na população de professoras/es?	Influência dos dados sociodemográficos da pandemia sobre SV e SM.	Questionário de sentido na vida. Questionário de saúde mental positiva. Questionário Sociodemográfico.	Testes-T

FONTE: Elaborado pelo autor.

## V. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados desta pesquisa foram organizados em quatro sessões a fim de orientar as discussões de acordo com os nossos interesses de investigação, como descrito no quadro 1, responder às nossas questões de pesquisa e atender aos nossos objetivos específicos. Primeiramente, apresenta-se uma análise geral a partir dos resultados obtidos nas análises descritivas e regressões lineares simples, verificando as relações entre as médias de SV e SM. Em seguida, apresentam-se os resultados das comparações entre as médias de SV e SM do grupo de professoras(es) com a população em geral. Todas essas análises foram feitas tomando como base a variável dependente Sentido na Vida em relação aos parâmetros de

bem-estar emocional, psicológico e social que são os indicadores de segunda ordem que medem a saúde mental positiva (Keyes, 2005; 2006).

Num terceiro momento, apresenta-se uma discussão acerca dos dados relativos aos dados sociodemográficos para os níveis de SV e SM e por fim, apresentam-se os resultados relativos aos dados sociodemográficos específicos da pandemia da covid-19. Com relação aos dados sociodemográficos gerais e específicos da pandemia, serão apresentados os dados que foram selecionados a partir das análises estatísticas realizadas e que demonstraram significância estatísticas, ou seja, nem todas as informações sociodemográficas coletadas provocaram alterações nos níveis dos construtos de interesse, logo, estas análises foram desconsideradas. Os detalhes destas análises serão demonstrados em cada sessão.

## **1. DA SAÚDE EXISTENCIAL AO BEM ESTAR GERAL.**

### **1.1 O SENTIDO NA VIDA E A SAÚDE MENTAL DAS(OS) PROFESSORAS(ES).**

A tabela 1 apresenta os resultados da análise descritiva dos dados e a tabela 2 traz os resultados dos testes de normalidade, médias e desvio padrão das variáveis, valor de *t* e tamanho do efeito na população geral, não professoras(es), e no grupo de professoras(es). Nesta análise, ressalta-se a prevalência majoritária de mulheres na amostra na população em geral (PG - 69,1% Feminino) e também na população de professoras(es) (PP - 59,0% Feminino), com relação a idade, o grupo da PG apresentou uma variação entre de 18 a 78 anos (*M*: 37,78; *DP*: 12,80; 49,0% adultos); já com a PP, a diferença foi de 20 a 84 anos (*M*: 46,06; *DP*: 10,16; 76,5% adultos). Com relação a região de origem, na PG a maioria se concentrou nas regiões sudeste e nordeste (43,0% Sudeste, 25,1% Nordeste) já na PP a maior parte dos respondentes são das regiões sudeste e sul (39,5% Sudeste 32,1% Sul).

Os níveis de escolaridade na PG apresentaram maior variação, sendo a maioria das(os) participantes pessoas com ensino superior completo (52,9% ensino superior completo) já na PP, esse número aumenta consideravelmente (96,5% ensino superior completo). Dados incongruentes apontam que 3% dos respondentes não apresentam nem o ensino básico completo, o que descaracteriza à priori, as condições mínimas aceitáveis para o exercício da profissão docente no Brasil – que exige ao menos o ensino médio completo

com complementação pedagógica (Brasil, 1996) – neste sentido, acredita-se que esses dados sejam oriundos de erro de coleta<sup>1</sup>.

Os resultados relacionados à saúde mental positiva descritos na tabela 1 são extraídos das médias do diagnóstico de qualidade de vida fornecidos pelo MHC-SF que apresenta três níveis de diagnóstico: Flourishing, Languishing e Moderate. Na PG e também na PP, a maior parte dos respondentes apresentou um diagnóstico moderado para qualidade de vida (PG - 55,2% Moderate e PP 52,2% Moderate). Na PG os demais resultados foram de 29,6% Flourishing, 15,2% Languishing e na PP 38,6% Flourishing, 9,2% Languishing.

Tabela 1.  
Características sociodemográficas da amostra estudada

	População geral	Professores
Idade	Entre 18 e 78 anos ( <i>M</i> : 37,78; <i>DP</i> : 12,80)	Entre 20 e 84 anos ( <i>M</i> : 46,06; <i>DP</i> : 10,16)
Faixa etária	17,8% Jovem	0,3% Jovem
	27,1% Jovem adulto	12,5% Jovem adulto
	49,0% Adulto	76,5% Adulto
	6,2% Terceira idade	10,7% Terceira idade
Sexo	69,1% Feminino	59,0% Feminino
	28,5% Masculino	39,8% Masculino
Região brasileira	3,8% Norte	3,8% Norte
	25,1% Nordeste	18,8% Nordeste
	6,4% Centro-Oeste	5,8% Centro-Oeste
	43,0% Sudeste	39,5% Sudeste
	21,7% Sul	32,1% Sul
Escolaridade	20,7% Ensino básico incompleto	0,3% Ensino básico incompleto
	26,1% Ensino básico completo	3,2% Ensino básico completo
	52,9% Ensino superior completo	96,5% Ensino superior completo
	0,2% Pós-graduação completa	

Pessoas na residência	25,9% 1 pessoa	29,9% 1 pessoa
	25,3% 2 pessoas	25,5% 2 pessoas
	24,4% 3 pessoas	20,4% 3 pessoas
	11,1% 4 pessoas	8,8% 4 pessoas
Isolamento social	34,3% Sim, mas saio duas a três vezes na semana de casa	41,5% Sim, mas saio duas a três vezes na semana de casa
	22,6% Sim, apenas saio algumas vezes durante o mês	24,7% Sim, apenas saio algumas vezes durante o mês
	19,7% Sim, praticamente não tenho saído de casa	23,2% Sim, praticamente não tenho saído de casa
	23,4% Não	10,6% Não
Trabalho	46,7% Sim, em <i>home office</i>	82,5% Sim, em <i>home office</i>
	2,3% Sim, na linha de frente da covid-19	0,6% Sim, na linha de frente da covid-19
	16,9% Sim, presencialmente	4,0% Sim, presencialmente
	17,2% Sim, em modo híbrido	11,5% Sim, em modo híbrido
	16,8% Não	1,4% Não
covid-19	20,8% Sim, eu tive	16,7% Sim, eu tive
	0,5% Sim eu estou	0,4% Sim eu estou
	78,7% Não	82,9% Não
Vacina	23,0% Sim, eu tomei a primeira dose	42,4% Sim, eu tomei a primeira dose
	15,1% Sim, já tomei as duas doses	13,6% Sim, já tomei as duas doses
	61,9% Ainda não	43,9% Ainda não
Diagnóstico da qualidade de vida	29,6% Flourishing	38,6% Flourishing
	15,2% Languishing	9,2% Languishing
	55,2% Moderate	52,2% Moderate
Casos	2009	2075

Fonte: Elaborada pelo autor.

Tabela 2.

Testes de normalidade, médias e desvio padrão das variáveis na população geral e no grupo de professores, valor de *t* e tamanho do efeito

	Kolmogorov- Smirnov (G1)	Shapiro- Wilk (G1)	População geral (N = 2009)	Professores (N = 2075)	<i>t</i>	Tamanho do efeito ( <i>d</i> )
Presença de sentido	0,13(2075)*	0,92(2075)*	23,71 (8,21)	26,40 (7,04)	-11,23*	0,35 - pequeno
Busca de sentido	0,07(2075)*	0,96(2075)*	23,31 (8,07)	20,78 (8,52)	9,78*	0,30 - pequeno
Bem-estar emocional	0,17(2075)*	0,93(2075)*	12,44 (3,61)	13,09 (3,47)	-5,92*	0,18 - muito baixo
Bem-estar social	0,06(2075)*	0,98(2075)*	14,69 (5,71)	15,61 (5,37)	-5,36*	0,17 - muito baixo
Bem-estar psicológico	0,12(2075)*	0,96(2075)*	24,41 (6,66)	26,09 (6,01)	-8,49*	0,27 - pequeno

Nota. \* $p < 0,001$ .

Fonte: Elaborada pelo autor.

Com a finalidade de se perceber as tendências na pontuação de sentido na vida e saúde mental, apresentam-se nas tabelas 3 e 4 dados detalhados para os construtos presença e busca de sentido, oriundos da escala de sentido MLQ e os três fatores secundários relacionados à saúde mental fornecidos pelo instrumento de coleta MHC-SF. Na tabela 3, estão os dados da PG e na tabela 4 os dados da PP. As tabelas trazem o percentual de pessoas que se encontram acima ou abaixo da média para cada um dos fatores analisados. Assim pretende-se perceber as tendências gerais da nossa amostra.

Tabela 3.

Porcentagem de respondentes da população geral acima e abaixo da média

	População geral (N = 2009)	Até a média	Acima da média
Presença de sentido	23,71 (8,21)	45,0%	55,0%
Busca de sentido	23,31 (8,07)	45,5%	54,5%



Bem-estar emocional	12,44 (3,61)	46,0%	54,0%
Bem-estar social	14,69 (5,71)	51,8%	48,2%
Bem-estar psicológico	24,41 (6,66)	45,2%	54,8%

Fonte: Elaborada pelo autor

Tabela 4.

Porcentagem de respondentes do grupo de professores acima e abaixo da média

	Professores		
	(N = 2075)	Até a média	Acima da média
Presença de sentido	26,40 (7,04)	43,2%	56,8%
Busca de sentido	20,78 (8,52)	45,7%	54,3%
Bem-estar emocional	13,09 (3,47)	45,8%	54,2%
Bem-estar social	15,61 (5,37)	51,5%	48,5%
Bem-estar psicológico	26,09 (6,01)	45,5%	54,5%

Fonte: Elaborada pelo autor

Nos fatores analisados, apenas os níveis de bem-estar social apresentaram a maior parte dos respondentes estando localizados no intervalo até a média — na PG 51,8% dos respondentes e na PP 51,5% — ou seja, a maior parte das pessoas destes grupos estão com níveis baixos de bem-estar social. Nota-se o fato de apenas este fator apresentar esta tendência, ou seja, para os demais (bem-estar emocional e bem-estar psicológico) a maioria dos respondentes encontra-se no intervalo acima da média. Vale ressaltar que o período de coleta dos dados tem como forte marcador social o isolamento social provocado pela pandemia da covid-19 em que os vínculos sociais foram fortemente prejudicados. Mais à frente, apresentaremos as relações causadas pelo isolamento social e pretendemos discutir mais detalhadamente este ponto.

Seguida a análise descritiva foram realizadas regressões lineares simples, para se verificar em que nível as medidas de sentido na vida explicam os níveis de saúde mental

positiva nos dois grupos analisados, primeiramente no grupo da população em geral e em seguida no grupo de professoras(es).

Os dados foram analisados tomando como variável dependente o construto sentido na vida e como variáveis independentes, cada um dos fatores de saúde mental positiva apresentados pelo MHC (bem-estar emocional, social e psicológico) e pode-se verificar as influências do SV sobre cada um dos aspectos considerados relevantes pelo instrumento de coleta.

Na população geral, foi identificado que a presença de sentido na vida apresentou influência estatisticamente significativa no bem-estar emocional ( $F(1, 2007) = 1539,101, p < 0,001; R^2_{ajustado} = 0,434$ ). O coeficiente de regressão  $B$  ( $B = 0,290, 95\% [IC = 0,275 - 0,304]$ ) indicou que, em média, o aumento de um ponto nos níveis de presença de sentido na vida repercutiu no aumento de 0,290 pontos nos níveis de bem-estar emocional.

Posteriormente, a presença de sentido na vida também apresentou influência estatisticamente significativa no bem-estar social ( $F(1, 2007) = 1152,658, p < 0,001; R^2_{ajustado} = 0,364$ ). O coeficiente de regressão  $B$  ( $B = 0,420, 95\% [IC = 0,396 - 0,444]$ ) indicou que, em média, o aumento de um ponto nos níveis de presença de sentido na vida repercutiu no aumento de 0,420 pontos nos níveis de bem-estar social.

Por fim, a presença de sentido na vida apresentou influência estatisticamente significativa no bem-estar psicológico ( $F(1, 2007) = 2244,576, p < 0,001; R^2_{ajustado} = 0,528$ ). Quanto ao coeficiente de regressão  $B$  ( $B = 0,589, 95\% [IC = 0,565 - 0,614]$ ), o aumento de um ponto nos níveis de presença de sentido na vida repercutiu no aumento de 0,589 pontos nos níveis de bem-estar psicológico.

No que se refere à variável busca de sentido na vida, somente foram identificadas influências estaticamente significativas para o bem-estar emocional ( $F(1, 2007) = 17,451, p < 0,001; R^2_{ajustado} = 0,008$ ). Quanto ao coeficiente de regressão  $B$  ( $B = -0,042, 95\% [IC = -0,061 - -0,022]$ ), o aumento de um ponto nos níveis de busca de sentido na vida repercutiu na diminuição de 0,042 pontos nos níveis de bem-estar psicológico.

No grupo de professores, a presença de sentido na vida influenciou de forma estaticamente significativa o bem-estar emocional ( $F(1, 2075) = 1217,246, p < 0,001; R^2_{ajustado} = 0,369$ ). O coeficiente de regressão  $B$  ( $B = 0,300, 95\% [IC = 0,283 - 0,317]$ ) indicou que, em média, o aumento de um ponto nos níveis de presença de sentido na vida repercutiu no aumento de 0,300 pontos nos níveis de bem-estar emocional.

Em seguida, foi identificado que a presença de sentido na vida também influencia o bem-estar social ( $F(1, 2075) = 946,771, p < 0,001; R^2_{\text{ajustado}} = 0,313$ ). Numa análise pormenorizada do coeficiente de regressão  $B$  ( $B = 0,427, 95\% \text{ [IC} = 0,400 - 0,454\text{]}$ ) foi possível analisar que o aumento de um ponto nos níveis de presença de sentido na vida repercute no aumento de 0,427 pontos nos níveis de bem-estar social.

Por fim, a presença de sentido na vida influencia o bem-estar psicológico ( $F(1, 2075) = 1786,868, p < 0,001; R^2_{\text{ajustado}} = 0,462$ ). O coeficiente de regressão  $B$  ( $B = 0,581, 95\% \text{ [IC} = 0,554 - 0,608\text{]}$ ) sugeriu que o aumento de um ponto nos níveis de presença de sentido na vida repercute no aumento de 0,581 pontos nos níveis de bem-estar psicológico.

Adicionalmente, a busca de sentido na vida influenciou significativa e negativamente os níveis de qualidade de vida do grupo de professores. O bem-estar emocional foi influenciado por essa variável ( $F(1, 2075) = 42,755, p < 0,001; R^2_{\text{ajustado}} = 0,020$ ). Considerando o coeficiente de regressão  $B$  ( $B = -0,058, 95\% \text{ [IC} = -0,075 - -0,041\text{]}$ ), foi identificado que o aumento de um ponto nos níveis de busca de sentido na vida provoca a diminuição de 0,058 pontos nos níveis de bem-estar emocional.

O bem-estar social também foi negativamente influenciado pela busca de sentido na vida ( $F(1, 2075) = 8,040, p < 0,005; R^2_{\text{ajustado}} = 0,003$ ). O coeficiente de regressão  $B$  ( $B = -0,039, 95\% \text{ [IC} = -0,066 - -0,012\text{]}$ ), sugeriu que o aumento de um ponto nos níveis de busca de sentido na vida provoca a diminuição de 0,039 pontos nos níveis de bem-estar social.

Por fim, o bem-estar psicológico foi negativamente influenciado pela busca de sentido na vida ( $F(1, 2075) = 18,993, p < 0,001; R^2_{\text{ajustado}} = 0,009$ ). A análise do coeficiente de regressão  $B$  ( $B = -0,067, 95\% \text{ [IC} = -0,098 - -0,037\text{]}$ ), apontou que o aumento de um ponto nos níveis de busca de sentido na vida diminui 0,067 pontos dos níveis de bem-estar psicológico.

Cabe ressaltar que foram identificados altos índices de resíduos nas análises de regressão da variável busca de sentido na vida sobre a qualidade de vida nos dois grupos analisados. Tal condição resultou num baixo índice de variância explicada pela variável independente sobre a variável dependente, apontando para outras variáveis capazes de influenciar negativamente a qualidade de vida desses grupos e que devem ser alvo de estudos futuros.

## **1.2. O QUE O SENTIDO TEM A DIZER SOBRE A SAÚDE MENTAL DAS PROFESSORAS?**

O conceito de Sentido na Vida (SV), amplamente desenvolvido na filosofia e em diferentes abordagens da psicologia, encontra diversos desdobramentos teóricos e tem sido afirmado por pesquisadores como um importante construto que deve ser pormenorizado e analisado a fim de fornecer para os indivíduos uma vida mais significativa e feliz (Vieira e Dias, 2021). Neste sentido, por se tratar de um construto a ser observado de maneira multidimensional, adotamos nesta análise a perspectiva teórica evidenciada pelo nosso instrumento de coleta, ou seja, da busca de sentido na vida (BS) e da presença de sentido na vida (PS) (Steger *et al.*, 2006).

Este modelo adota uma perspectiva mais relativística frente aos recursos que as pessoas utilizam para percepção de SV. Na dimensão BS, pretende-se compreender a direção e a forma como as pessoas buscam realizar sentido na vida, já a dimensão PS, busca perceber se as pessoas possuem uma clara noção de seu sentido na vida (Vieira e Dias, 2021).

Os estudos que tomam por base esse modelo teórico de SV partem da hipótese geral de que as pessoas que apresentam altos índices de SV tendem a apresentar baixos índices de BS, o que vem se confirmando em boa parte dos achados de pesquisa, porém o estudo de Steger *et al.* (2008) evidencia um limite teórico advindo da abordagem mais relativista do conceito que não é capaz de pormenorizar as influências cognitivas, psíquicas, culturais e motivacionais de determinadas variações.

O estudo comparou índices de BS e PS entre jovens americanos e japoneses e revelou que nos jovens americanos os resultados foram ao encontro das hipóteses prévias — de que há uma correlação negativa entre PS e BS — já as análises, na população de jovens japoneses demonstrou que os jovens com índices de BS elevados também apresentavam índices elevados de PS (Steger *et al.*, 2008; Vieira e Dias, 2021). Neste sentido, os autores sugerem que BS e SV não são fatores opostos ou excludentes, mas que podem ser complementares dentro daquilo que se entende como construto geral de sentido na vida e que fatores culturais podem influenciar diretamente na percepção que as pessoas têm de sentidos de vida (Steger *et al.*, 2008).

Uma vez compreendida esta variação teórica do construto adotado em nosso estudo, vale ressaltar que, no Brasil, carecemos de pesquisas que aprofundem e problematizem essa

dimensão na população brasileira, no entanto os estudos existentes buscam validar o instrumento psicométrico para esta medida e apontam resultados que confirmam a hipótese geral (Aquino *et al.*, 2015; Damásio & Koller, 2015).

Partindo desta compreensão acerca do sentido na vida, entendemos também o conceito de saúde mental positiva anteriormente abordado. Neste contexto, a saúde mental positiva parte da uma análise dos fatores secundários de bem-estar (emocional, psicológico e social) e a nossa análise comparou os resultados de cada um destes fatores em relação aos construtos analisados, desta forma, ao longo da apresentação dos resultados poderemos constatar que para diferentes análises, o comportamento destes fatores de segunda ordem foi particular e relacionada a cada dimensão específica.

Desse modo, os nossos resultados demonstraram que na população geral e no grupo de professores, a noção de Presença de Sentido se relaciona e influencia positivamente todos os aspectos da saúde mental positiva. De maneira geral, em ambos os grupos amostrais, as pessoas que desenvolvem uma maior percepção de sentido na vida, apresentam melhores níveis de bem-estar emocional, social e psicológico, caracterizando o que se pode chamar de saúde mental positiva.

Isso se confirma com resultados encontrados por Damásio, Melo e Silva (2013), Silva, Damásio e Melo (2009), Aquino *et al.*, (2015), Santos e Silva (2022), Taş e İskender, (2018), Tomic e Tomic (2008) e Li (2018) que, em pesquisas conduzidas com grupos de professores, demonstraram igualmente as influências positivas do SV nos níveis de SM. Além disso, outros estudos também confirmam essa tendência positiva na promoção da saúde mental, inclusive no que diz respeito aos quadros psicopatológicos (Kleftaras & Psarra, 2012; Pacciolla, Cancellieri e Aquino, 2019).

Com relação à noção de busca de sentido (BS) para o grupo de professoras(es), os resultados sugerem uma leve correlação negativa com as variáveis analisadas, ou seja, as pessoas que estão num momento de maior busca por sentido na vida possuem níveis menos satisfatórios de saúde mental. Na população em geral, a única medida que apresentou significância estatística foi a de bem-estar emocional, apresentando igualmente correlação negativa. Como citado anteriormente, essa diferenciação entre presença e busca de sentido é válida pois nos aponta caminhos de reflexão acerca deste construto, porém não há um consenso acerca das razões que levam as pessoas a apresentarem diferenças significativas nos níveis encontrados (Schutte *et al.*, 2023).

Num estudo realizado por Schutte *et al.* (2023), em que os autores também utilizaram uma escala de sentido na vida (QSV), foram analisados dados de 3.867 participantes de diferentes idades em 17 países. Neste estudo é apresentada uma distinção desenvolvida por Wong (2018) em que a noção de busca de sentido aparece numa perspectiva negativamente orientada ou positivamente orientada. Os indivíduos que buscam sentido numa perspectiva negativamente orientada o fazem como meio para solucionar seus problemas pessoais, já as pessoas que buscam sentido de maneira positivamente orientada o fazem numa tentativa de buscar seu verdadeiro significado na vida, ou seu propósito (Wong, 2018). No entanto, Schutte *et al.* (2023) defende também a necessidade de se analisar de maneira mais aprofundada este conceito com relação a outras condicionantes, como por exemplo às diferenças culturais (Schutte *et al.*, 2023).

Segundo os autores, perspectivas culturais mais individualistas tendem a apresentar correlação negativa entre presença de sentido e busca de sentido, ou seja, quanto maiores os níveis de percepção de sentido na vida, menores os níveis de busca por sentido, enquanto que, culturas mais coletivistas (como em alguns países asiáticos) essa correlação se apresenta de maneira positiva ou é ausente para as duas dimensões (Schutte *et al.*, 2023).

Os autores sugerem ainda que, dada a dinamicidade própria destes conceitos, eles podem sofrer diferentes influências individuais e coletivas. Existe então a necessidade de se verificar com mais precisão a validação dos instrumentos que se propõem a medir tais construtos. Por exemplo, as pessoas podem apresentar duas noções distintas entre “presença de sentido”, em primeiro lugar “ter sentido” como uma noção mais abstrata de ter um significado geral na vida, que está num âmbito mais cognitivo de percepção de valores pessoais e fontes de significado; em segundo lugar, “experimentar sentido” que se relaciona a uma noção mais construtiva e experiencial da vida (Schutte *et al.*, 2023).

O nosso estudo não contemplou como interesse específico medir ou identificar as orientações positivas ou negativas dos participantes no que tange a variável busca de sentido (BS), o que não nos dá condições de afirmar as direções ou motivações que fazem com que os nossos respondentes ainda busquem sua realização existencial. Estas limitações não invalidam a possibilidade de se perceber as nuances valorativas de se analisar separadamente estas variáveis (SV e BS), porém sugerem a necessidade e a possibilidade de se tecer novas investigações com a finalidade de refinar o instrumento e aprimorar nossa compreensão sobre essa particularidade.

Contudo, é consenso entre os autores que a autotranscendência na dinâmica de elaboração da noção de sentido na vida é fundamental e colabora neste processo. Isso é algo que aparece nos diferentes estudos sobre este tema (Damásio, Melo e Silva, 2013; Schutte *et al.*, 2023; Sanagiotto e Pacciolla, 2022). Esta tendência se explica também pela clareza com que Viktor Frankl sinaliza que o ser humano é profundamente autotranscendente e que a natureza própria da construção e elaboração desta noção de sentido na vida traz como característica essencial a autotranscendência (Sanagiotto e Pacciolla, 2022).

O aspecto da autotranscendencia humana é profundamente defendido por Frankl como uma resposta frente ao reducionismo psicologista que resulta numa visão monadológica do ser, em que a relação do ser humano com o mundo e seus objetos não é visto de maneira essencialmente objetiva e sim como mera consequência da busca por uma equilíbrio interna, das pulsões ou da satisfação pessoal perdida. Neste campo, adota-se como premissa uma psicologia que Frankl chamou de “psicologia sem logos” (Pereira, 2020). Sobre isso Frankl (1978) afirma:

"Tão logo aderimos a um modelo antropológico fechado, perdemos de vista, quanto à motivação, tudo o que de fora chama o homem, e nos concentramos naquilo que de dentro o impulsiona, a força motriz do instinto e os estímulos instintivos. O sentido e os valores constituem o logos, em cuja diferença a psique se lança, transcendendo-se a si mesma. Se a psicologia quiser fazer jus à sua denominação, tem de reconhecer ambas as metades que a constituem, logos e psyche." (Frankl, 1978, p. 181).

A desvalorização do logos, num movimento conjunto de supervalorização de uma visão reducionista e monadológica do ser, sustenta a manifestação axiológica do ser humano como uma atitude meramente responsiva à busca por equilíbrio e homeostase do aparelho psíquico do sujeito, ao passo que para Frankl, o logos sugere exatamente o contrário, supõem um sadio movimento de tensão, de saída, de ruptura com o fechamento em si e abertura ao outro, ao mundo dos valores que encontra-se fora de si (Pereira, 2020; Frankl, 2011).

“Na medida em que o homem é essencialmente um ser espiritual (transcendendo, portanto, a physis e a psyche) logos (sentido) representa o aspecto objetivo, enquanto existência (o especificamente humano)

representa o aspecto subjetivo dessa espiritualidade.” (Frankl, 1978, p. 197).

A Logoterapia de Viktor Frankl, recupera a intencionalidade da consciência, que significa sua abertura constitutiva ao universo do *logos*, este fundamento, foi abandonado pela psicanálise, porém já havia sido retomado pela fenomenologia e é recuperado pela logoterapia e análise existencial (Miguez, 2014).

Assume-se, portanto, a transsubjetividade do *logos* que assume que o sentido não é fruto de autoexpressão ou autoprojeção, mas dirige-se para além do sujeito, está posto em perspectiva – do latim *perspectum* significa “ver através de”; “olhar através”; “penetrar com o olhar” – o sentido, portanto, não deve ser dado pelo ser humano, ele é percebido, apreendido, realizado. Não obstante a subjetividade do sujeito, o sentido (e o mundo dos valores) se manifesta como imperativo, não é derivado do interior do ser humano, caracteriza-se ao contrário, como uma força que está acima dele, para além dele (Miguez, 2014; Pereira, 2020).

Ao que se percebe, os dados encontrados nesta investigação acerca das relações entre sentido na vida e saúde mental na população de professoras(es) nos revelam a importância de se cultivar e rememorar alguns aspectos que são fundamentais na educação como o encontro com os outros, a valorização do conhecimento que é mútuo e a cooperação entre os agentes envolvidos no processo educacional (Nóvoa, 2023, p.15). Porém, estes aspectos podem estar em grande ameaça pelas lógicas mercadológicas e tecnicistas que imperam no cenário atual.

A educação segundo Frankl tem por finalidade resgatar a responsabilidade da pessoa humana frente às inúmeras condicionantes que surgem em seu cotidiano. Para as(os) professoras(es) não é diferente, a eles é dada a missão de despertar em cada um dos seus estudantes esta tarefa que é promotora de realização existencial. E ao que se percebe, ao professor também é resguardada a possibilidade de, a partir do sentido existencial que realiza, proteger-se das contendas que lhe são impostas pelos desafios da docência.

Alinhadas(os) ao caráter elevado da profissão, as(os) professoras(es) seguem com a possibilidade de realizar sentido no seu trabalho, baseado talvez na definição própria da docência, como defendida por Tardif e Lessard (2005), uma profissão de relações humanas. Ou seja, é na relação profundamente humana e autotranscendente que professoras e professores realizam sentido na vida e valores existenciais.



Como tal, a dimensão da relação humana está no centro da vivência docente, neste sentido, o aspecto da autotranscendência — como enunciado anteriormente — surge não somente como estratégia de manejo das pressões psicológicas internas, mas como imperativo que se impõem aos cotidianos que se estabelecem no interior das escolas e instituições de ensino regular. O docente, em sua prática, está sempre em movimento de saída. Sem cometer a irresponsabilidade de não levar em conta as reais pressões limítrofes da profissão, estas por sua vez, podem ser meios e caminhos que fazem com que os docentes sejam despertados nos seus aspectos mais elevados de autotranscendência, favorecendo, como demonstrado, melhores níveis de bem-estar e saúde mental, afinal, as ocasiões de sofrimento, também guardam oportunidade de realização de sentido, como afirma Frankl, 1997, p. 76:

Não devemos esquecer nunca que também podemos encontrar sentido na vida quando nos confrontamos com uma situação sem esperança, quando enfrentamos uma fatalidade que não pode ser mudada. Porque o que importa, então, é dar testemunho do potencial especificamente humano no que ele tem de mais elevado, e que consiste em transformar uma tragédia pessoal num triunfo, em converter nosso sofrimento numa conquista humana. Quando já não somos capazes de mudar uma situação - podemos pensar numa doença incurável, como um câncer que não se pode mais operar - somos desafiados a mudar a nós próprios (Frankl, 1997 p. 76).

Posto isso, esta seção buscou evidenciar as relações que se estabelecem entre o sentido na vida e a saúde mental a partir dos dados analisados dos respondentes da nossa pesquisa. Não há aqui a pretensão de afirmar que o grupo de professoras(es) possui melhores ou piores níveis de saúde mental do que o grupo da população em geral, esta análise comparativa está descrita a seguir. Nesta primeira seção, nosso intuito foi demonstrar empiricamente aquilo que é proposto pela base teórica da Logoterapia e Análise Existencial.

## **2. OS IMPACTOS DA PROFISSÃO DOCENTE NOS NÍVEIS DE SAÚDE MENTAL E SENTIDO NA VIDA**

## 2.1 COMPARAÇÕES ENTRE O GRUPO DE PROFESSORAS(ES) E A POPULAÇÃO EM GERAL

Quando se fala de profissão docente no Brasil, inúmeras são as particularidades existentes nas vivências daquelas e daqueles que se dedicam a este laborioso intento. As jornadas exaustivas, a desvalorização social e salarial e tantos outros desafios já citados neste trabalho, nos levam a considerar de maneira particular os respondentes desta pesquisa que se enquadram especificamente nesse grupo.

Neste tocante, ressaltamos que há grande heterogeneidade no grupo investigado, por isso não nos propomos aqui a fazer uma pesquisa entre as diferenças que existem entre as profissões, pois o que nesta pesquisa consideramos como o grupo “população em geral” abarca uma série de profissões, o recorte feito aqui diz respeito a dois grupos, o de “não professoras(es)” e de “professoras(es)”.

Portanto, os resultados que seguem revelam a nossa intenção de discutir sobre o impacto da profissão docente sobre os construtos investigados. O fato de se dedicarem ao ofício da docência em específico implica em maiores níveis de sentido na vida e bem-estar? Esta questão, longe de ser definida em termos pormenorizados, é antes problematizada e posta em evidência pelos dados que seguem. A seguir, apresentamos na Tabela 5, os resultados desta análise.

Tabela 5.

Resultados do teste de diferença nos níveis de sentido na vida e saúde mental positiva entre a população geral e o grupo de professores

		Escore		Estatística do teste <i>t</i> ( <i>Bootstrapping</i> )					
		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>Gl</i>	Valor- <i>p</i>	Diferença de Média	IC da Diferença de Média (95%)	
								Limite inferior	Limite superior
Presença de sentido	Pop. Geral	23,71	8,21	-11,23	3947,383	<0,001	-2,70	-3,14	-2,21
	Professores	26,40	7,04						
Busca de sentido	Pop. Geral	23,31	8,07	9,78	4080,154	<0,001	2,54	2,02	3,02
	Professores	20,78	8,51						
	Pop. Geral	12,44	3,61						

Bem-estar emocional	Professores	13,10	3,47						
Bem-estar social	Pop. Geral	14,69	5,71	-5,36	4046,701	<0,001	-0,93	-1,27	-0,60
	Professores	15,62	5,37						
Bem-estar psicológico	Pop. Geral	24,41	6,66	-8,49	4008,780	<0,001	-1,69	-2,08	-1,28
	Professores	26,10	6,01						

Fonte: Elaborada pelo autor.

Conforme podemos verificar na tabela 3, no que se refere à variável sentido na vida, os resultados demonstraram que a população geral apresentou escore estatisticamente menor ( $M = 23,71$ ;  $DP = 8,21$ ) do que os professores ( $M = 26,40$ ;  $DP = 7,04$ ) nos níveis de presença de sentido na vida ( $t(3947,383) = -11,23$ ,  $p = 0,001$ ). Apesar disso, o tamanho de efeito dessa diferença foi pequeno ( $d$  de Cohen = 0,35).

Posteriormente, foi identificado que a população geral apresentou escore estatisticamente maior ( $M = 23,31$ ;  $DP = 8,07$ ) do que os professores ( $M = 20,78$ ;  $DP = 8,51$ ) nos níveis de busca de sentido na vida ( $t(4080,154) = 9,78$ ,  $p < 0,001$ ). Entretanto, o tamanho de efeito dessa diferença foi pequeno ( $d$  de Cohen = 0,30).

Considerando a variável saúde mental positiva, a população geral apresentou escores estatisticamente menores ( $M = 12,44$ ;  $DP = 3,61$ ) do que os professores ( $M = 13,10$ ;  $DP = 3,47$ ) nos níveis de bem-estar emocional ( $t(4082,000) = -5,92$ ,  $p < 0,001$ ). Contudo, o tamanho de efeito dessa diferença foi muito baixo ( $d$  de Cohen = 0,18).

Os níveis de bem-estar social ( $t(4046,701) = -5,36$ ,  $p < 0,001$ ) também foram menores para a população geral ( $M = 14,69$ ;  $DP = 5,71$ ) do que para o grupo de professores ( $M = 15,61$ ;  $DP = 5,37$ ), porém o tamanho de efeito dessa diferença foi muito baixo ( $d$  de Cohen = 0,17). Por fim, os níveis de bem-estar psicológico foram estatisticamente menores ( $t(4008,780) = -8,49$ ,  $p < 0,001$ ) para a população geral ( $M = 24,41$ ;  $DP = 6,66$ ) do que para o grupo de professores ( $M = 26,10$ ;  $DP = 6,01$ ), ainda que o tamanho de efeito dessa diferença tenha sido pequeno ( $d$  de Cohen = 0,27).

Como demonstrado pelos resultados, o grupo de professores apresentou níveis maiores de Sentido na Vida quando comparado ao grupo de população em geral. Apesar de em todas as variáveis analisadas, o tamanho de efeito ser pequeno ou muito pequeno podemos perceber que o fato de estar ligado a docência implica em níveis maiores de

realização existencial, o que vem a ser fator de prevenção ao adoecimento psíquico e promotor de bem-estar geral.

Estudo com finalidade semelhante realizado por Damásio, Melo e Silva (2013) demonstrou que no seu grupo de professores analisados (n= 517) uma média de 18,6% estavam com níveis baixos de sentido na vida e que 20,3% apresentaram baixos índices de qualidade de vida, isso significa que cerca de 80% dos professores analisados encontravam-se com índices satisfatórios de sentido na vida e que aproximadamente 80% também apresentavam níveis elevados de qualidade de vida. Esse achado empírico também se verifica em nossa pesquisa e merece ser levado em consideração, ou seja, apesar de todos os entraves e sofrimentos relatados nas vivências docentes, uma boa parcela desta população apresenta níveis satisfatórios promotores de bem-estar.

É claro que, como evidenciado na tabela 3, 43,2% das(os) docentes investigadas(os) em nossa pesquisa encontram-se abaixo da média – da nossa amostragem – para os níveis de sentido na vida. Isso corresponde a aproximadamente 895 pessoas e para os níveis de bem-estar psicológico, cerca de 45,5% estão abaixo da média, o que corresponde a cerca de 945 pessoas. Por isso, não podemos jamais ignorar os fatores que levam estas pessoas a sofrerem com níveis mais baixos, que podem significar sofrimentos e adoecimento nos mais diferentes níveis, porém há de se levar em conta também, as possibilidades de realização de sentido intrínsecas à profissão docente que, de alguma forma, estão guarnecendo as(os) professoras(es) em níveis relativamente satisfatórios de saúde e bem-estar.

Trata-se aqui, portanto, não de desvalorizar aqueles que estão em sofrimento e não considerar as causas que os levaram a sofrer tais adversidades, trata-se, no entanto, de sugerir vias e caminhos possíveis de, por meio da realização existencial latente nas vivências docentes, multiplicar práticas de ensino e estratégias educacionais que sejam promotoras de sentido e realização existencial na vida dessas professoras(es).

Outro dado de relevância e particularidade da nossa pesquisa é o fato de uma grande parcela das(os) professoras(es) investigadas(os) terem como seguimento de trabalho o ensino superior (cerca de 80%). É notório que, no contexto da educação brasileira, as condições de trabalho e sobretudo o reconhecimento salarial é igualmente proporcional ao crescimento no nível de ensino (OCDE, 2021; INEP 2022). Partindo das condições de trabalho na educação infantil até o ensino superior, percebem-se grandes diferenças nos mais variados aspectos que valorizam e dão mais condições de trabalho àquelas(es) professoras(es) que atuam nos níveis superiores de ensino (OCDE, 2021).

Destarte, pesquisas realizadas especificamente com grupo de professoras(es) do ensino superior não deixam de evidenciar que neste segmento também existe um número considerável de pessoas que são acometidas pelas mais variadas formas de adoecimento e de sofrimentos relacionados ao fazer educacional. As elevadas demandas de trabalho, o acúmulo de funções e a cobrança excessiva são fatores considerados promotores de grande desgaste para este grupo profissional (Araújo *et al.*, 2020; Shigemura *et al.*, 2020; Silva *et al.*, 2020). Ainda com relação a este grupo em específico, as grandes e aceleradas mudanças geradas no formato de trabalho nas Instituições de Ensino Superior durante a pandemia foram extremamente agressivas e geraram impactos diversos na vida das(os) professoras(es).

Não obstante aos inúmeros desafios que se revelam na prática docente, as(os) professoras(es) ainda são capazes de manter uma sadia noção acerca do valor do seu ofício. Estudo realizado por Ribeiro e Silva (2020) com um grupo de professoras(es), revelou que 80,3% das(os) entrevistadas(os) eram felizes no seu trabalho e sentiam orgulho de ser professora/professor. A realização no trabalho docente revela ainda que as(os) professoras(es) avaliam com aspectos positivos o trabalho que fazem, se identificam com a profissão e com as tarefas que desenvolvem, o que gera uma percepção de gratificação pessoal e bem-estar (Ribeiro e Silva, 2020; Garcia e Vieira, 2023).

O avanço nas pesquisas científicas em Psicologia Positiva despertara um interesse maior nos aspectos positivos relacionados ao desenvolvimento das atividades de trabalho. Aspectos como a felicidade, o bem-estar e a satisfação nos ambientes organizacionais gerou uma maior preocupação e a percepção dos efeitos benéficos destas vivências nos ambientes de trabalho (Ribeiro e Silva, 2020).

Com relação à felicidade, existem duas noções desenvolvidas na literatura clássica sobre o tema, uma perspectiva chamada de hedônica e uma outra de eudaimônica. Estas se baseiam nas ideias do filósofo Aristóteles que defende, em suma, que todas as atividades do ser humano possuem como finalidade a obtenção da felicidade. Esta busca, por sua vez, pode estar orientada à obtenção do prazer e a satisfação imediata (hedônica) ou ainda, ligada a satisfação a longo prazo e relacionada aos aspectos valorativos que conduzem as atitudes do ser humano (eudaimônica) (Ribeiro e Silva, 2020; Huta e Ryan 2010).

Existe um consenso de que estas duas dimensões da felicidade não estão em total oposição, na verdade elas vão se articulando de maneira complementar. As pesquisas na área revelam que ser feliz é desfrutar o presente, com vivências ligadas ao prazer mais imediato

e também realizar algo com objetivos futuros, que tenham sentido a longo prazo (Ribeiro e Silva 2018; 2020; Dolan, 2015; Ben-Shazar 2007; Silva et al. 2017).

Neste tocante, vale retomar o pensamento de Viktor Frankl sobre a felicidade. Para este autor, a felicidade tende a se afastar de quem a busca como finalidade primeira. Para a logoterapia, a dimensão eudaimônica da felicidade é primordialmente provedora de bem-estar, pois assume contornos de autotranscendência (Frankl, 2011). Ao se direcionar para objetivos além da obtenção de prazer em curto prazo, a pessoa está aberta ao outro, ao que está para além de si. Neste sentido, é inegável o valor intrínseco que há na profissão docente para se alcançar esta vivência, ademais, ela resguarda ainda, momentos e experiências que orientam a vida para resultados a longo prazo.

Grande parte das(os) professoras(es) só poderão contemplar os resultados do seu trabalho na vida dos seus educandos ao longo de um processo de desenvolvimento educacional e/ou profissional, por vezes essa constatação nem se torna possível, dada as dinâmicas próprias da vida. No entanto, a crença nesta prerrogativa pode ser suficiente para garantir essa percepção de um resultado a longo prazo.

A profissão docente, em seu caráter profundamente relacional, é engajada e pode vir a ser promotora de valores de criação, atitude e experiência. De atuação privilegiada na escola, na universidade e na sociedade como um todo, reserva aos que se dedicam ao seu exercício inúmeras formas de se envolverem em atividades que se direcionam para além de si, e ao que parece, mesmo os desafios encontrados no exercício da docência não são capazes de esvaziar de sentido e significado cada uma dessas atividades.

A prática docente pode ainda assumir contornos profundamente libertadores. Às professoras(es) que se dedicam a pedagogia engajada, problematizada, crítica e como prática da liberdade, provam - mesmo em meio aos grandes desafios - de uma profunda realização que somente as comunidades de aprendizagem podem trazer, isso não se restringe apenas à escola básica ou ao ensino superior, e até mesmo aos espaços formais de educação. Educar para a liberdade é uma tarefa que pode ser assumida por qualquer professora/professor e em qualquer tempo ou espaço (bell hooks, 2017).

Essa liberdade apoia-se no que Frankl (1997) vai chamar de a última liberdade do homem, a de sempre poder escolher pelo sentido intrínseco e oculto em cada realidade, em cada experiência. Assim como com bell hooks (2017) que aponta a academia - que aqui podemos entender como a escola ou o lugar do fazer docente - como um lugar oportuno para a liberdade e porque não para o sentido. bell hooks, 2017 p. 273 afirma:

“A academia não é o paraíso, mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade.” (bell hooks, 2017 p. 273)

Apoiar-se nas oportunidades intrínsecas à docência, de engajamento e promoção da liberdade, a partir de uma proposta emancipatória, parece ser garantia de um bom desenvolvimento emocional, afetivo e psíquico para as(os) professoras(es). O que sem tem demonstrado e percebido por meio das abordagens teórico-metodológicas orientadas a pedagogia engajada pode ser verificado também empiricamente – inclusive por meio desta pesquisa – que a prática docente que por si só, se configura como promotora de liberdade e responsabilidade, é também meio para a realização existencial daquelas e daqueles que nela se envolvem de corpos, mentes e espíritos livres e responsáveis (Frankl, 2011; bell hooks, 2017).

### **3. AS DOCÊNCIAS NO TEMPO E NO CORPO**

Os dados sociodemográficos coletados durante a pesquisa por meio do questionário enviado aos participantes, como demonstrado na tabela 1, gerou informações pertinentes a faixa etária, o sexo biológico, a região do país e a escolaridade dos respondentes, no entanto, no momento das análises, apenas a faixa etária e o sexo biológico demonstraram significância estatística em relação aos conceitos analisados em nossa pesquisa, portanto apresenta-se a seguir os resultados pertinentes a estes dados.

### 3.1 AS DOCÊNCIAS FEMININAS E A SAÚDE EM TEMPOS DE PANDEMIA

Considerando o sexo biológico, foram realizados testes *t* de Student para amostras independentes, os resultados indicaram diferenças estatisticamente significativas somente nos níveis de bem-estar emocional e de bem-estar social.

As professoras apresentaram escore estatisticamente menor ( $M = 12,89$ ;  $DP = 3,41$ ) do que os professores ( $M = 13,40$ ;  $DP = 3,51$ ) nos níveis de bem-estar emocional ( $t(2049) = -3,29$ ,  $p < 0,001$ ). Contudo, o tamanho de efeito dessa diferença foi muito baixo ( $d$  de Cohen =  $0,15$ ). As professoras também apresentaram escore estatisticamente menor ( $M = 15,39$ ;  $DP = 5,21$ ) do que os professores ( $M = 15,88$ ;  $DP = 5,54$ ) nos níveis de bem-estar social ( $t(2049) = -2,07$ ,  $p = 0,048$ ). Entretanto, o tamanho de efeito dessa diferença foi muito baixo ( $d$  de Cohen =  $0,09$ ). Para os demais construtos, presença de sentido, busca de sentido e bem-estar psicológico, não foram encontradas relações estatisticamente significativas, ou seja, o sexo biológico não influenciou negativamente ou positivamente estas medidas em nossa amostra.

Os resultados sugerem que, para duas das três variáveis secundárias utilizadas para inferir sobre os níveis de saúde mental, as mulheres apresentaram níveis mais baixos do que os homens. Para os índices de bem-estar emocional e social, as professoras apresentaram prejuízo em comparação aos professores. Para compreendermos as facetas que se revelam por trás desses dados, precisamos de um recorte que demonstre a natureza da docência feminina, os atravessamentos e impactos históricos da feminização da profissão e ainda, os efeitos específicos da pandemia sobre a vida das professoras.

Por se tratar de um dado historicamente comprovado, a feminização do ensino, sobretudo da educação básica, não é questionada. Seus contornos se evidenciam e chegam a se confundir com o próprio estabelecimento do que conhecemos como profissionalização da docência. Também se relaciona com os processos de expansão e consolidação do espaço escolar (Hypolito, 2020). No Brasil a consolidação da presença feminina na educação, sobretudo nos anos iniciais da escolarização, se observa no início do século XIX com as escolas de improviso, contexto este relacionado aos processos de industrialização, expansão comercial e crescimento econômico, intensificando-se com as escolas seriadas da república e a expansão das escolas públicas avançando por meados do século XX (Vianna, 2013).



Segundo Hypolito (2020), a mensuração da feminização da educação não é uma tarefa simples quando se fala de Brasil, apenas a partir de 1930 é que se tem dados que podem se considerar mais confiáveis com relação ao cenário nacional (Hypolito, 2020). No entanto, segundo Vianna (2013) já em 1920, o censo demográfico demonstrou um total de 75,5% de mulheres no grupo dedicado à docência. Há, portanto, um consenso entre os autores de que este período da história do Brasil é crucial para se estabelecer esta noção da presença majoritária de mulheres, principalmente no ensino básico.

Muitas foram as razões que conduziram a feminização do ensino, os processos históricos próprios que deram contornos à profissão docente contribuíram muito para a imagem da professora como vocacionada ao magistério, sobretudo infantil (Nóvoa, 1991, Hypolito, 2020). Visto por lentes sexistas, as características femininas foram consideradas aptas à prática docente, os atributos maternos como o cuidado, a amorosidade e a paciência foram sendo tomados como atributos fundamentais e indicadores de que as mulheres foram “feitas” para essa função (Hypolito, 2020; Vianna, 2013).

Além disso, desde os tempos do Império, vigora essa tendência que foi sendo socialmente aceita e legitimada até mesmo pelas mulheres como um recurso de resistência, pois lhes oferecia a chance de ascender a níveis educacionais para além da escola básica. A criação das escolas normais - que primeiramente eram para homens e depois foram se tornando também femininas - tornou-se fonte de acesso à educação para além do primário para as mulheres da época (Hypolito, 2020).

Esse recorte da história continua a se verificar nos dias atuais em que dados do censo escolar de 2020 revelam que para os diferentes níveis de ensino na educação básica esse fato ainda se confirma. Na educação infantil 96,4%, no ensino fundamental 88,1% e no ensino médio 57,8% das(os) professoras(es) são mulheres (INEP, 2021).

Essa variação, conforme o aumento gradual do nível de ensino, é confirmado ainda no ensino superior, em que os dados do censo da educação superior demonstram que as mulheres são minoria, somando 46,81% (INEP, 2022). Estes dados confirmam o que Vianna (2013) sugere ao demonstrar que as diferenças de gênero na profissão docente também revelam as assimetrias relacionadas aos status de privilégio e diferenças salariais entre os gêneros. Nos níveis de ensino mais elevados há predominância de homens, há também maior prestígio social, melhores condições de trabalho e reconhecimento salarial (Vianna, 2013).

Estes dados seguem se replicando no censo de 2022 publicado em 2023, em que apesar de haver um discreto aumento no número de homens na educação básica, a grande

maioria continua sendo de mulheres em todos os níveis da educação básica. Na educação infantil 96,3%, no ensino fundamental 77,5% e no ensino médio 57,5% (INEP, 2023). No ensino superior, o cenário também se confirma com maioria de homens exercendo a função docente e o número de mulheres chegando a um percentual de 45,81% (INEP 2023). Nota-se ainda, que foram utilizados dados do censo da educação de três anos consecutivos (INEP, 2020; 2022; 2023), deste modo pode-se perceber mudanças muito discretas no cenário geral acerca da presença feminina no contexto da educação.

A feminização do ensino, principalmente na educação básica, reflete os efeitos ambíguos dos diversos processos de feminização das profissões. Àquelas vistas como femininas, sustentadas por lógicas higienistas e moralistas do século XIX (magistério, enfermagem, serviço social) trouxeram às mulheres a possibilidade de ascensão à setores da sociedade, mas também revela contornos de resistência e submissão à divisão sexual do trabalho que foi sendo legitimada e historicamente construída. (Araújo e Yannoulas, 2020; Vianna, 2013).

Se na vida cotidiana este cenário de desigualdade reforça assimetrias e atinge as mulheres nos seus mais variados contextos, durante o período da pandemia, estas distâncias se agravaram e as mulheres foram radicalmente atingidas, pois estavam na linha de frente de setores profissionais que foram muito impactados pela pandemia de covid-19, a área da saúde e a educação, e também lidando com os impactos na família (Jaskin e Lopes, 2020; Araújo e Yannoulas, 2020).

Assumindo esta noção construída dos serviços de cuidado como algo ligado à figura feminina, temos desde as profissionais dedicadas a estes ofícios até às donas de casa sofrendo com a invisibilidade e o não reconhecimento destas práticas em toda a sua importância social, além de todo desgaste próprios destas atividades. Assumimos ainda o desafiante papel das mulheres professoras que assumem essa dupla característica em suas jornadas, de cuidadoras no seu exercício profissional e cuidadoras nos seus contextos domésticos (Jaskin e Lopes, 2020; Araújo e Yannoulas, 2020).

O trabalho remoto, sustentado pelas orientações acerca do isolamento social, obrigaram as professoras a executarem suas funções laborais no mesmo espaço antes resguardado aos afazeres domésticos. Além disso, durante a pandemia foram registrados aumentos na sobrecarga de cuidados a seres humanos nas famílias, com cuidados aumentados à idosos e crianças. Este cenário, somado aos esforços oriundos do trabalho

remoto, impactaram mais as mulheres do que os homens (Jaskin e Lopes, 2020; Araújo e Yannoulas, 2020)

Araújo e Yannoulas (2020) trazem dois pontos que na visão das autoras assumem grande relevância no momento em que pensamos sobre o papel profissional das mulheres, primeiro, o fato das mulheres entre 30 e 60 anos assumirem ao mesmo tempo, os cuidados de crianças e idosos. Com a maior expectativa de vida dos idosos, associada à maternidade das novas gerações, está ocorrendo uma intensificação dos duplos cuidados dentro de casa, essas mulheres cuidam ao mesmo tempo de seus filhos e dos seus idosos; segundo, o cenário pandêmico que reuniu todos os membros de uma mesma família dentro de casa sem que houvesse uma divisão igualitária de tarefas, devida à visão do papel feminino do cuidado, sobrecarregando as mulheres (Araújo e Yannoulas, 2020).

Outro ponto relacionado ao isolamento social, foram os fatores de insegurança doméstica. Durante a pandemia, verificou-se um aumento no número de casos de violência doméstica contra mulheres. O lar, como lugar de proteção contra o vírus, tornou-se para muitas mulheres um lugar de profundo sofrimento e angústia (Araújo e Yannoulas, 2020; Souza e Farias, 2022).

“No caso em pauta aqui, cabe que nos questionemos se o isolamento social protege ou apenas confina às mulheres, coletivamente, a que elas sofram em solidão pelas tarefas de cuidados, ao mesmo tempo em que precisam criar e reinventar vários avatares para que participem dos diversos trabalhos remotos (aulas, reuniões etc.), fingindo ignorar os estragos da violência doméstica, seja física ou simbólica, representando ou atuando um avatar eficiente, concentrado e eternamente disponível para os e as outras, através de uma tela de computador ou celular.” (Araújo e Yannoulas, 2020 p. 758).

Este cenário, soma-se às condições extenuantes de trabalho às quais foram submetidas as professoras no período da pandemia. No dia 6 de outubro de 2020, foi aprovada resolução do Conselho Nacional de Educação - CNE/CP nº 15/2020, que autorizou em todo território nacional a manutenção do ensino (da educação básica à superior) de maneira remota. A resolução servia ao intento de minimizar os efeitos do distanciamento social sobre os dispositivos educacionais e os processos de formação dos estudantes, porém não foi capaz de garantir equidade nas condições de manutenção deste trabalho dentro do contexto doméstico (Brasil, 2020c).

Um estudo realizado pelo Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente da Universidade Federal de Minas Gerais (GESTRADO/UFMG), em parceria com a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), pode evidenciar as assimetrias causadas pelo trabalho remoto entre professores e professoras. O estudo demonstrou que as professoras foram mais impactadas pela migração repentina para as aulas remotas, demonstrando que 90,1% delas não tinham experiências prévias com este modelo, as professoras respondentes consideram mais difícil o uso das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) do que os professores participantes da pesquisa (GESTRADO, 2020).

Além disso, é maioria também o número de professoras que dizem ter que compartilhar seus aparelhos eletrônicos com outros membros da família, sinalizando uma menor disponibilidade dos recursos para as mulheres do que para os homens. Outro dado aponta para o tempo gasto na preparação das aulas, 83,3% das mulheres entrevistadas responderam que houve um aumento na demanda e no tempo gasto com a elaboração de aulas, enquanto que, para os professores esse aumento foi sentido por 79,6% dos respondentes (GESTRADO, 2020).

Com relação aos fatores emocionais, as professoras também sinalizaram maior sofrimento quando comparadas aos professores, 80,2% das professoras relataram sentimento de insegurança com relação ao retorno à normalidade, 74,5% sentiam apreensão sobre a perda das garantias e direitos e 77,6% relataram angústia em relação ao futuro. Em contraste, 19,9% dos homens relataram angústia com relação ao retorno à normalidade, 25,5% apreensão sobre a perda das garantias e direitos e 22,4% angústia em relação ao futuro. Estes apontamentos demonstram uma elevada sobrecarga de trabalho em contextos de insegurança sobre as mulheres, fator que é promotor de maior desgaste emocional, o que se verifica também nos dados da nossa pesquisa (GESTRADO, 2020).

Diante do exposto, fica evidente que o cenário que se apresenta é extremamente contraditório. Sendo as professoras, o grupo mais representativo em números dentro da classe docente não deveria ser este o que que mais se encontra em desvantagem do ponto de vista laboral. Ao que sugerem os dados, ser mulher e professora encerram motivos suficientes para que o bem-estar esteja afetado e este prejuízo com relação ao bem-estar é o que se confirma também em nossos dados.

No entanto, os nossos resultados não apresentam a mesma relação de influência do sexo sobre o sentido na vida. Os resultados sugerem que o fato de ser mulher ou homem não

é capaz de influenciar os aspectos relacionados ao sentido na vida, tanto para presença quanto para busca de sentido, assumindo também a possibilidade de limites em nossa amostra, este dado confirma o que também foi encontrado em dois estudos semelhantes de Silva, Damásio e Melo (2009) e Damásio, Melo e Silva (2013). A literatura, porém, não apresenta um consenso sobre as influências do gênero sobre o sentido na vida, de maneira geral as pesquisas em diferentes contextos ao redor do mundo sinalizam que ainda não é possível estabelecer um parâmetro claro para este tema (García-Alandete, 2014, Schutte *et al.*, 2023).

O que se pode afirmar é que as relações entre sentido na vida e gênero são um campo pouco explorado e que as pesquisas em logoterapia podem se apropriar mais desta temática para que se estabeleçam parâmetros mais claros que expliquem quais as outras influências existentes. Por exemplo, Kiang e Fuligni (2010) demonstraram uma interação entre gênero e etnia em relação a busca e presença de sentido. As mulheres de origem latino-americanas tinham níveis mais baixos de busca de sentido do que os homens, enquanto que a tendência contrária foi observada com mulheres europeias (Kiang e Fuligni, 2010). Ou seja, o fator cultural parece ter influenciado na diferença da percepção de sentido entre mulheres e homens.

Em contrapartida, os estudos de Crumbaugh e Maholick (1964), Salle e Casciani (1976) não encontraram relação estatisticamente significativa entre homens e mulheres, por outro lado Crumbaugh (1968), Mak e Shek (1990), Nygren *et al.*, (2005) e Jonsén *et al.* (2010) encontraram diferenças que apontaram os homens com medidas mais altas do que as mulheres, ao contrário dos trabalhos de Doerries (1970) e Molasso (2006) onde as mulheres apresentam níveis mais elevados.

Assumindo o diálogo com a literatura atual, partimos deste pressuposto de que a variável gênero (sexo biológico) merece ser mais bem investigada em vias de conclusões futuras. O que se percebe hoje é que diante do quadro social ao qual as mulheres e professoras são submetidas, existem inúmeros fatores sociais que são condicionantes e limítrofes podendo sim afetar o bom despertar existencial das professoras. No entanto, a logoterapia como a psicologia do sentido na vida convida toda pessoa humana a um voo além de si, a elevar-se acima das condicionantes, sejam elas quais forem. Os sociologismos nunca serão capazes de esvaziar a potência geradora de sentido na vida e realização espiritual (Frankl, 2011; Pereira 2010).

### 3.2 AS DOCÊNCIAS ATRAVÉS DOS TEMPOS E DOS SENTIDOS

**“O que passou, passou;  
O que é passado, está presente.”**

**Martin Heidegger**

O grupo de professoras(es) da nossa amostra apresenta uma ampla distribuição etária, varia de 18 a 84 anos. Isso ascende a necessidade de se perceber aspectos relacionados ao sentido na vida e ao bem-estar nas diferentes faixas etárias correspondentes. As análises foram divididas em três grupos de faixas etárias distintas de acordo com a classificação adotada por Aquino *et al.*,(2017). Os grupos foram de Jovens Adultos, com pessoas entre 18 e 34 anos; Adultos, com pessoas entre 35 e 59 anos e Terceira Idade com pessoas entre 60 e 84 anos.<sup>12</sup>

Para realizar a análise comparativa entre as diferentes faixas etárias, foram conduzidos testes do tipo ANOVA e os testes de distribuição de normalidade de Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk demonstraram que as variáveis não apresentavam distribuição normal. O teste de homogeneidade de variância de Levene demonstrou que os grupos não apresentam homogeneidade de variância para as variáveis de presença de sentido na vida (Levene (2, 2021) = 8,905,  $p < 0,001$ ), busca de sentido na vida (Levene (2, 2021) = 6,614,  $p < 0,001$ ), bem-estar emocional (Levene (2, 2021) = 3,803,  $p = 0,022$ ) e bem-estar psicológico (Levene (2, 2021) = 6,809,  $p < 0,001$ ). Os resultados descritivos das diferenças entre os grupos encontram-se na Tabela 6.

Tabela 6.

Estatísticas descritivas das variáveis para amostra total e separada por grupos

Estatísticas	Estimativas de <i>Bootstrapping</i>
Descritivas	Intervalo de Confiança da Média

---

<sup>12</sup> Aquino et al. (2017) faz uma outra distinção incluindo uma separação para um grupo de jovens com faixa etária entre 18 e 24 anos, em nossa amostra este grupo era minoria e dada a natureza do estudo com um grupo profissional específico, optamos por unificar o grupo de jovens ao de jovens adultos.

				(95% IC Bca)			
				Erro Padrão	Limite Inferior	Limite Superior	
Presença de sentido	Jovem adulto	Média	24,95	0,45	24,03	25,85	
		Desvio- Padrão	7,04	0,28	6,52	7,52	
	Adulto	Média	26,31	0,18	25,95	26,64	
		Desvio- Padrão	7,08	0,13	6,81	7,34	
	Terceira idade	Média	28,78	0,41	27,90	29,61	
		Desvio- Padrão	5,97	0,40	5,51	6,60	
	Amostra total	Média	26,40	0,16	26,08	26,72	
		Desvio- Padrão	7,02	0,12	6,80	7,23	
	Busca de sentido	Jovem adulto	Média	21,68	0,48	20,80	22,59
			Desvio- Padrão	7,90	0,29	7,34	8,43
		Adulto	Média	20,77	0,22	20,32	21,17
			Desvio- Padrão	8,50	0,11	8,27	8,75
Terceira idade		Média	19,77	0,65	18,57	20,93	
		Desvio- Padrão	9,29	0,29	8,72	9,77	
Amostra total		Média	20,77	0,19	20,41	21,13	
		Desvio- Padrão	8,52	0,09	8,33	8,74	
Bem-estar emocional		Jovem adulto	Média	13,31	0,21	12,92	13,71
			Desvio- Padrão	3,24	0,13	2,97	3,48
		Adulto	Média	12,93	0,09	12,74	13,13
			Desvio- Padrão	3,51	0,57	3,40	3,61
	Terceira idade	Média	14,09	0,22	13,61	14,58	
		Desvio- Padrão	3,30	0,16	3,00	3,57	

Bem-estar social	Amostra total	Média	13,10	0,08	12,93	13,28	
		Desvio- Padrão	3,47	0,05	3,37	3,55	
	Jovem adulto	Média	14,80	0,32	14,10	15,42	
		Desvio- Padrão	5,19	0,19	4,84	5,51	
	Adulto	Média	15,39	0,14	15,10	15,72	
		Desvio- Padrão	5,33	0,80	5,16	5,48	
	Terceira idade	Média	18,08	0,36	17,36	18,82	
		Desvio- Padrão	5,17	0,19	4,82	5,46	
	Amostra total	Média	15,60	0,12	15,36	15,87	
		Desvio- Padrão	5,37	0,07	5,23	5,50	
	Bem-estar psicológico	Jovem adulto	Média	25,29	0,38	24,48	26,09
			Desvio- Padrão	6,09	0,23	5,65	6,46
Adulto		Média	25,89	0,15	25,58	26,23	
		Desvio- Padrão	6,00	0,10	5,82	6,17	
Terceira idade		Média	28,60	0,35	27,82	29,29	
		Desvio- Padrão	5,18	0,28	4,71	5,58	
Amostra total		Média	26,10	0,14	25,82	26,38	
		Desvio- Padrão	6,00	0,09	5,84	6,14	

Fonte: Elaborada pelo autor.

Com relação à variável presença de sentido na vida, os resultados da ANOVA demonstraram que haviam diferenças entre os grupos [Welch's  $F(2, 415,88) = 22,62, p < 0,001$ ; Welch's  $\omega^2 = 0,02$ ]. O teste post-hoc de Games-Howell, interpretado por meio de procedimentos de *bootstrapping*, demonstrou que os escores do grupo de jovens adultos foram menores do que os escores do grupo de adultos (tamanho de efeito médio, Glass' delta = 0,51), e do que os escores do grupo da terceira idade (tamanho de efeito muito baixo, Glass' delta = 0,20). Para mais, os escores do grupo de adultos foram menores do que os escores do grupo da terceira idade (tamanho de efeito pequeno, Glass' delta = 0,41).



No que concerne à variável busca de sentido na vida, os resultados da ANOVA demonstraram que haviam diferenças entre os grupos [Welch's  $F(2, 398,63) = 2,96, p = 0,053$ ; Welch's  $\omega^2 = 0,00$ ]. O teste post-hoc de Games-Howell, interpretado por meio de procedimentos de *bootstrapping*, demonstrou que os escores do grupo de jovens adultos foram maiores do que os escores do grupo da terceira idade (tamanho de efeito pequeno, Glass' delta = 0,21).

A análise dos níveis de bem-estar também sugeriu diferenças estatisticamente significativas. Os resultados da ANOVA demonstraram que haviam diferenças entre os grupos [Welch's  $F(2, 410,68) = 12,04, p < 0,001$ ; Welch's  $\omega^2 = 0,01$ ] nos níveis de bem-estar emocional. O teste post-hoc de Games-Howell, interpretado por meio de procedimentos de *bootstrapping*, demonstrou que os escores do grupo da terceira idade foram maiores do que os escores do grupo de jovens adultos (tamanho de efeito pequeno, Glass' delta = 0,23) e do que o grupo de adultos (tamanho de efeito pequeno, Glass' delta = 0,34).

Posteriormente, os resultados da ANOVA também sugeriram que haviam diferenças entre os grupos [Levene's  $F(2, 2021,00) = 0,25, p = 0,78$ ; Levene's  $\omega^2 = 0,026$ ] nos níveis de bem-estar social. O teste post-hoc de Hochberg, interpretado por meio de procedimentos de *bootstrapping*, demonstrou que os escores do grupo da terceira idade foram maiores do que os escores do grupo de jovens adultos (tamanho de efeito médio, Glass' delta = 0,64) e do que o grupo de adultos (tamanho de efeito médio, Glass' delta = 0,52).

Por fim, os resultados da ANOVA apontaram para a existência de diferenças entre os grupos [Welch's  $F(2, 411,97) = 28,11, p < 0,001$ ; Welch's  $\omega^2 = 0,03$ ] nos níveis de bem-estar psicológico. O teste post-hoc de Games-Howell, interpretado por meio de procedimentos de *bootstrapping*, demonstrou que os escores do grupo da terceira idade foram maiores do que os escores do grupo de jovens adultos (tamanho de efeito médio, Glass' delta = 0,64) e do que o grupo de adultos (tamanho de efeito médio, Glass' delta = 0,52). Os resultados dessas análises encontram-se descritos na tabela 7.

Tabela 7.

Resultados dos testes de post-hoc com *Bootstrapping* (95% IC Bca)

Comparações entre grupos	$\Delta M$	Estimativas de Bootstrapping (95% IC BCa)	Tamanho de Efeito
--------------------------	------------	--	----------------------

			Erro- padrão	Limite inferior	Limite Superior	(Glass' Delta)	
Presença de sentido	Jovens adultos	Adultos	-1,35	0,48	-2,32	-0,42	0,51 - médio
		Terceira idade	-3,82	0,61	-5,02	-2,63	0,20 - muito baixo
	Adulto	Terceira idade	-2,47	0,44	-3,23	-1,68	0,41 - pequeno
Busca de sentido	Jovens adultos	Adultos	0,92	0,53	-0,03	1,96	0,11 - muito baixo
		Terceira idade	1,91	0,81	0,26	3,55	0,21 - pequeno
	Adulto	Terceira idade	1,00	0,70	-0,44	2,38	0,11 - muito baixo
Bem-estar emocional	Jovens adultos	Adultos	0,39	0,22	-0,07	0,81	0,11 - muito baixo
		Terceira idade	-0,77	0,30	-1,35	-0,21	0,23 - pequeno
	Adulto	Terceira idade	-1,16	0,24	-1,62	-0,71	0,34 - pequeno
Bem-estar social	Jovens adultos	Adultos	-0,59	0,35	-1,35	0,08	0,11 - muito baixo
		Terceira idade	-3,28	0,48	-4,23	-2,39	0,64 - médio
	Adulto	Terceira idade	-2,69	0,38	-3,40	-1,95	0,52 - médio
Bem-estar psicológico	Jovens adultos	Adultos	-0,60	0,41	-1,46	0,20	0,10 - muito baixo
		Terceira idade	-3,30	0,50	-4,26	-2,34	0,64 - médio
	Adulto	Terceira idade	-2,71	0,38	-3,37	-2,00	0,52 - médio

Nota. <sup>1</sup> Teste de post-hoc de Games-Howell; <sup>2</sup> Teste de post-hoc de Hochberg.  
Fonte: elaborada pelo autor.

A análise dos dados nos possibilitou perceber que os níveis de Presença de Sentido (PS) foram mais elevados nas pessoas da terceira idade e que os níveis de Busca de Sentido (BS) foram maiores na população mais jovem. Este dado vai ao encontro do que Aquino *et al.*, (2017) encontrou numa pesquisa conduzida com N=766 participantes na cidade de João Pessoa - PB, cuja amostra contava com estudantes universitários e população em geral. No estudo também foi encontrado que as pessoas mais idosas tinham uma maior percepção de Presença de Sentido.

Para a variável BS, esta noção se inverte. As pessoas mais jovens tendem a apresentar uma maior noção de BS. Em teoria, isso pode se relacionar com o fato de as pessoas mais jovens estarem num momento oportuno de busca e exploração de oportunidades. Para os jovens, a vida ainda se apresenta cheia de possibilidades e é comum que nesta etapa do desenvolvimento humano a pessoa se encontre em processo ativo de busca por seu lugar no mundo. Naturalmente se espera que as pessoas idosas tenham tido mais oportunidades ao longo da vida e que, agora, se encontrem mais satisfeitas com a vida que tiveram.

Com relação à saúde mental, os níveis de bem-estar foram todos eles (psicológico, emocional e social) mais elevados nas pessoas idosas. Tomando por base apenas o que já foi demonstrado neste estudo acerca da relação entre sentido na vida e saúde mental, fica nítido, que na medida em que as(os) professoras(es) são mais idosas e possuem maior percepção de sentido na vida, elas também estarão munidas de mais bem-estar geral e saúde mental.

Essa relação da temporalidade com a percepção de sentido na vida é teorizada por Viktor Frankl no que ele chama de ontologia do tempo. Empiricamente, poucas são as pesquisas em logoterapia que abordam esta temática (Aquino *et al.*, 2017; Zannata, Campos e Coelho, 2021; Vieira, 2014; Vieira e Aquino, 2016). Outrossim, leva-se em conta também as dimensões relacionadas ao desenvolvimento humano e as facetas que surgem em cada etapa da vida.

Outra vertente aponta para a compreensão dos Projetos de Vida (Damon, 2009; Araújo, Arantes e Pinheiro, 2020) que corresponde a um outro importante conceito da psicologia e que se relaciona com estes aspectos da temporalidade e do desenvolvimento humano, o que nos leva a dialogar com outros autores a fim de compreender este fenômeno da temporalidade e do sentido na vida.

Ao nos depararmos com a transitoriedade da vida, diferentes reações podem emergir frente às incertezas futuras. Por vezes, o ser humano se vê numa busca por seguranças presentes querendo construir o seu futuro. No entanto, não seria mais interessante se

pudéssemos mudar a nossa percepção sobre os fatos e compreender que o que podemos construir de fato é o nosso passado? É partindo desta mudança paradigmática que Viktor Frankl desenvolve a sua abordagem teórica sobre o tempo, a ontologia do tempo.

Muitas foram as reflexões e abordagens, na sua maioria filosóficas, acerca do tempo. Esta força que nos assola a todos, incontrolável e por vezes irascível, torna-nos inertes frente ao seu poder devastador de nos apontar inevitavelmente para a certeza última de tudo que vive: a sua finitude. A finitude é por vezes interpretada como promotora de desespero, porém na visão da logoterapia, a certeza última do fim da vida pode ser uma oportunidade de realização de sentido, desde que o ser humano se volte em contemplação para o monumento que ergueu ao longo de sua existência, encontrando nele as facetas de realização de sentido (Frankl, 2005; 2011).

Diante do tempo, temos duas vertentes que podem nos auxiliar na compreensão do fenômeno da temporalidade segundo Frankl. A filosofia existencial assume o heroísmo trágico como a possibilidade de o ser humano realizar sentido em sua vida apesar da transitoriedade da vida humana. Segundo o existencialismo, o futuro é “nada” e o passado também, logo está no presente (por mais passageiro que ele seja) a única possibilidade de o ser humano transpor os limites do seu “nada” perante o futuro e o passado (Aquino et al., 2017; Frankl, 2005).

Em contrapartida, o quietismo - oriundo de fontes platônicas - assume que não é o presente mas sim a eternidade a verdadeira realidade. O tempo não existe, é uma mera projeção da consciência daquilo a que todos estão destinados, a eternidade. Ela é entendida como uma realidade simultânea em que passado, presente e futuro coexistem. Portanto, o platonismo nega a possibilidade da existência da temporalidade, entende que o tempo não é fluido mas fixo, está posto, dado, imutável. Esta noção está muito ligada à crença num ser superior detentor de todos os poderes e forças (Aquino et al., 2017; Frankl, 2005).

Essas duas visões estão postas em evidência e se contrapõem no aspecto do fatalismo e do pessimismo. Se para o quietismo o tempo não existe – passado, presente e futuro coexistem e produzem um “já é”, um “está feito” em todas as coisas. No mundo das ideias, do ser superior imutável, todas as coisas “já são” – para o existencialismo ao contrário, nada é, o passado e o futuro não existem, e no presente tudo é instável e mutável, gerando como consequência, o que pode se chamar de pessimismo do existencialismo (Frankl, 2005).

A logoterapia assume, então, uma visão que tenciona este cabo de forças, dando um novo olhar para a temporalidade. Para explicar, Frankl usa uma analogia simbólica, a da ampulheta, que em Frankl (2005, p.107) descreve assim:

“A parte superior da ampulheta representa o futuro – o qual ainda está para acontecer, como a areia na parte superior que deve passar pela abertura estreita e que representa o presente. E a parte inferior da ampulheta representa o passado – a areia que já passou pela abertura estreita. O existencialismo vê apenas a passagem estreita do presente, sem dar atenção à parte superior e à inferior, o futuro e o passado. O quietismo, no outro lado, vê a ampulheta em sua totalidade, mas considera a areia como uma massa inerte que não “escorre”, mas simplesmente é.” (Frankl, 2005 p. 107).

A logoterapia assume uma posição de equilíbrio diante das duas visões, se em parte assume que o futuro “não é” (como creem os existencialistas), entende também que o passado é a pura realidade, é de fato o que existe. Os limites dessa analogia devem ser respeitados, é claro que numa ampulheta, o tempo se tornaria totalmente manipulável, porém isso não pode ser feito, no entanto o que se pode extrair de compreensão é que a areia é móvel e fluida até o momento que cruza a barreira estreita do presente. Quando ela passa para a parte de baixo, ela se torna fixa. No passado, todas as coisas estão postas e colocadas como num monumento que se ergue e nada pode destruir (Frankl, 2005).

Nestes termos, temos uma compreensão singular acerca da transitoriedade da vida. Esta só se entende desta forma – transitória – na medida das possibilidades de realização de sentido que são oportunizadas pela própria vida. No ponto em que as possibilidades de criação, experiência e atitude são realizadas, elas são eternizadas no passado e mesmo a finitude da vida não é capaz de apagar o que de fato existiu, foi realizado, experimentado ou vivenciado, o valor não se esgota, ganha contornos de eternidade. O sentido, portanto, não morre (Frankl, 2005).

Neste sentido, a ontologia do tempo de Viktor Frankl nos ajuda a compreender como que de fato a vida adulta ou a terceira idade é um momento privilegiado para que as pessoas possam contemplar os seus monumentos. A juventude se torna um momento oportuno para se construir passados, para que os jovens sejam despertados na educabilidade do ser e

despertados na busca por sentido, pautando-se na liberdade e na responsabilidade dos seus atos, pois a areia do tempo que cruza o presente se fixará no eterno que se chama passado.

Em termos de aplicação prática, essa noção pode ser um auxílio para os momentos de grande sofrimento. No contexto educacional, por exemplo, é muito comum que exista uma sazonalidade nas equipes diretivas e gestoras das escolas – no setor público isso é ainda mais comum graças ao recorte político – o que por vezes pode modificar por completo a dinâmica escolar, infringindo sofrimento para as(os) professoras(es). No entanto, nada pode apagar ou destruir o que foi vivido no momento anterior a este contexto de maior sofrimento, ninguém pode apagar o que foi eternizado no passado e o bem feito aos alunos e aos colegas jamais poderá ser apagado.

A ontologia do tempo de Viktor Frankl e toda esta reflexão acerca da temporalidade deve também nos impelir a refletir acerca das mentiras contadas sobre a maneira como habitamos neste mundo ao contemplarmos um futuro que é ilusório, mas que nos é a todo tempo vendido em oposição a fruição de vida do aqui e do agora.

Emerge, aqui, uma viragem epistemológica que pode nos dar a compreensão de um futuro que na verdade é ancestral. Na medida em que nossa projeção de futuro se baseia na naquilo que contemplamos em nosso passado, paramos de cair em armadilhas sorrateiras de vendilhões do templo e de cartéis capitalistas que querem nos convencer e nos fazer viver uma vida falsa, uma vida mentirosa.

Ailton Krenak, importante pensador indígena brasileiro, nos apresenta esta reflexão sobre o futuro e desenvolve esta noção de que o Futuro é Ancestral. O autor esclarece que essas lógicas, relacionadas a um futuro que nos são vendidas pelo capitalismo, são responsáveis por inúmeros contextos de adoecimento e sofrimento mental, sobretudo dos mais jovens, que sofrem com a ansiedade de alcançar um pódio, um prêmio, um “lugar”. Sobre isso Krenak (2022, p. 97-107) afirma:

“Olhar sempre para o futuro e não para o que está sempre ao nosso redor, está diretamente associado ao sofrimento mental que tem assolado tanta gente, inclusive os jovens [...] Educação não tem nada a ver com futuro, afinal, ele é imaginário, e a educação tem que ser real.” (Krenak, 2022 p. 97-107).

Essa noção de realidade, podemos muito bem compreender como a objetividade do sentido que sempre se realiza fora do ser humano por meio da adesão aos valores que se realizam em sua livre decisão por buscar um sentido existencial (Frankl, 1987; 2011). Essa objetividade pode ser entendida também em termos de projetos vitais bem consolidados, que se operacionalizam num profundo engajamento social, significativo e benéfico para o sujeito e para além dele próprio, estas na verdade são condições fundamentais para se compreender este projeto de vida como promotor de mais sentido na vida e de bem-estar (Damon, 2009).

O Projeto de Vida é uma espécie de farol que conduz a vida da pessoa. Por definição é uma “intenção estável e generalizada de acompanhar algo que é ao mesmo tempo significativo para o eu e consequência para o além do eu” (Damon, 2009 p. 53). “Os projetos de vida são como uma bússola que orienta os indivíduos durante o seu desenvolvimento integral na busca de um sentido na vida” (Araújo, Arantes e Pinheiro, 2020 p. 6).

O conceito de projeto de vida encontra profundo respaldo nas ideias da logoterapia, e bebe das fontes da psicologia do desenvolvimento e da psicologia positiva, em que se relacionam aspectos centrais do desenvolvimento humano e das diferentes maneiras com que cada um e cada uma podem encontrar sentido e serem verdadeiramente felizes (Moran, 2009).

Por exemplo, a temática do projeto de vida foi abordada pelo psicanalista alemão Erik Erikson, que se dedicou a compreender a formação da identidade humana. Para o autor, a resolução da dita crise da adolescência no jovem e no adulto se dá com o estabelecimento de um plano de vida. Para ele, ter um plano de vida é considerado tarefa crucial para o plano de desenvolvimento humano (Araújo, Arantes e Pinheiro, 2020).

No campo da psicologia positiva, a partir dos estudos sobre a felicidade, excelência e funcionamento ótimo de Martin Seligman e Mihaly Csikszentmihalyi, desenvolveu-se um novo campo de estudos na psicologia que passou a ter maior interesse no âmbito positivo da psicologia humana e seus benefícios para os indivíduos, nestes estudos, a dimensão dos projetos de vida começou a emergir como promotores de bem-estar (Araújo, Arantes e Pinheiro, 2020).

Destas noções anteriormente apresentadas emergem duas reflexões. Num primeiro momento, segundo o que sugerem os nossos dados, as(os) professoras(es) da nossa amostra que são mais idosas apresentam uma maior percepção de sentido, o que pode sugerir também que seus projetos de vida foram bem desenvolvidos e elaborados. Este aspecto pode ter relação com a profissão docente, fato que também se revela num estudo conduzido por

Arantes e Seixas (2021) no período da pandemia e que evidenciou um certo contraste nas vivências e nos projetos de vida das(os) professoras(es).

Segundo as autoras, muitas(os) professoras(es) se sentiram afetadas(os), desmotivadas(os) e com desejos de desistir diante dos desafios da docência, outras(os) viam na aposentadoria a esperança de “dias melhores”, pois estariam livres da rotina exaustiva que levavam no trabalho. Porém, muitos foram as(os) que afirmaram com atitude firme um profundo sentimento de realização, de que a docência e os motivos que as(os) fizeram permanecer nela continuavam a ser mais fortes e mais elevados que os desafios que se apresentavam. De alguma forma, a orientação profissional ligada a uma percepção apurada dos valores - para o além do eu - que rodeiam a profissão docente, são suficientes para gerar um maior bem-estar nestas/nestes profissionais (Arantes e Seixas, 2021).

Em segundo lugar, fica a nossa reflexão acerca de quais têm sido as diretrizes ou os caminhos que a formação da nova geração de professoras(es) tem seguido. Se nossos novos professores não forem despertados na capacidade de ver a profissão docente para além de si mesmos e buscarem criativamente maneiras de se erguerem acima de seus próprios condicionamentos, teremos uma geração cada vez mais adoecida e necessitada de atenção especializada. A logoterapia, neste sentido, pode emergir como uma medida preventiva para auxiliar as novas gerações de professoras(es) que se formam.

Com isso, percebe-se que ao longo da vida, do desenvolvimento humano e das carreiras docentes, muitas serão as condicionantes de ordem biológica, psicológica ou sociológica que poderão emergir. Mas em todas elas, a capacidade de enxergar um sentido na vida, de resgatar os valores e colocar-se em movimento de saída sempre estarão reservadas à dimensão espiritual que não se abala, mas que necessita ser acessada.

## **4. OS IMPACTOS RELATIVOS À PANDEMIA.**

### **4.1. AS DOCÊNCIAS E OS EFEITOS DO CONFINAMENTO.**

No que se refere ao isolamento social em decorrência da covid-19, como demonstrado nas tabelas 8 e 9, os resultados apontaram para diferenças estatisticamente significativas em todas as variáveis, exceto para a variável busca de sentido. Os professores que não fizeram isolamento social apresentaram escore estatisticamente maior ( $M = 28,15$ ;



$DP = 6,67$ ) do que os professores que fizeram o isolamento ( $M = 26,20$ ;  $DP = 7,05$ ) nos níveis de presença de sentido ( $t(2069) = 3,91, p < 0,001$ ). Contudo, o tamanho de efeito dessa diferença foi pequeno ( $d$  de Cohen = 0,28). Além disso, os professores que não fizeram isolamento social apresentaram escore estatisticamente maior ( $M = 14,15$ ;  $DP = 3,29$ ) do que os professores que fizeram o isolamento ( $M = 12,97$ ;  $DP = 3,47$ ) nos níveis de bem-estar emocional ( $t(280,402) = 5,00, p < 0,001$ ). Apesar disso, o tamanho de efeito dessa diferença foi pequeno ( $d$  de Cohen = 0,34).

Ainda considerando o efeito do isolamento social, os professores que não fizeram isolamento social apresentaram escore estatisticamente maior ( $M = 17,24$ ;  $DP = 5,62$ ) do que os professores que fizeram o isolamento ( $M = 15,42$ ;  $DP = 5,31$ ) nos níveis de bem-estar social ( $t(2069) = 4,77, p < 0,001$ ). Entretanto, o tamanho de efeito dessa diferença foi pequeno ( $d$  de Cohen = 0,34). Por fim, os professores que não fizeram isolamento social apresentaram escore estatisticamente maior ( $M = 27,55$ ;  $DP = 5,78$ ) do que os professores que fizeram o isolamento ( $M = 25,91$ ;  $DP = 6,02$ ) nos níveis de bem-estar psicológico ( $t(2069) = 3,83, p < 0,001$ ), ainda que o tamanho de efeito dessa diferença tenha sido pequeno ( $d$  de Cohen = 0,27).

Tabela 8.  
Estatísticas descritivas das variáveis para os participantes que realizaram o isolamento social

	Estatísticas Descritivas	Estimativas de <i>Bootstrapping</i>			
		Intervalo de Confiança da Média (95% IC Bca)			
		Erro Padrão	Limite Inferior	Limite Superior	
Presença de sentido	Média	26,20	0,17	25,87	26,51
	Desvio-Padrão	7,05	0,12	6,84	7,28
Busca de sentido	Média	20,89	0,20	20,51	21,24
	Desvio-Padrão	8,36	0,11	8,15	8,55

Bem-estar emocional	Média	12,97	0,08	12,80	13,13
	Desvio-Padrão	3,47	0,05	3,37	3,57
Bem-estar social	Média	15,42	0,13	15,18	15,66
	Desvio-Padrão	5,31	0,08	5,17	5,45
Bem-estar psicológico	Média	25,91	0,14	25,62	26,20
	Desvio-Padrão	6,02	0,09	5,84	6,19

Fonte: Elaborada pelo autor.

Tabela 9.  
Estatísticas descritivas das variáveis para os participantes que não realizaram o isolamento social

	Estatísticas Descritivas	Estimativas de <i>Bootstrapping</i>			
		Intervalo de Confiança da Média (95% IC Bca)			
		Erro Padrão	Limite Inferior	Limite Superior	
Presença de sentido	Média	28,15	0,47	27,23	28,98
	Desvio-Padrão	6,67	0,39	5,89	7,42
Busca de sentido	Média	20,06	0,65	18,77	21,33
	Desvio-Padrão	9,67	0,30	9,08	10,20

Bem-estar emocional	Média	14,15	0,22	13,70	14,57
	Desvio-Padrão	3,29	0,18	2,93	3,59
Bem-estar social	Média	17,24	0,40	16,40	18,05
	Desvio-Padrão	5,62	0,21	5,21	6,00
Bem-estar psicológico	Média	27,55	0,41	26,78	28,32
	Desvio-Padrão	5,78	0,31	5,21	6,35

Fonte: Elaborada pelo autor.

Os resultados encontrados demonstram os efeitos do isolamento social sobre a dimensão noética e psíquica das(os) professoras(es) respondentes. No aspecto noético, percebe-se uma influência nos níveis de sentido na vida e no âmbito psíquico nos aspectos relativos ao bem-estar emocional, social e psicológico. Para todos estes construtos, as medidas foram mais baixas nas pessoas que fizeram isolamento social.

Com relação ao Sentido da Vida, podemos dialogar diretamente com a experiência vivenciada por Viktor Frankl nos campos de concentração. Dada a natureza impositiva das medidas de isolamento e distanciamento social, as pessoas se viram verdadeiramente obrigadas a cumprir com tais orientações, e os tempos de isolamento ganhavam contornos de cárcere e prisão.

O confinamento relatado por Frankl (1987) nos campos de concentração deu ao autor a capacidade de descrever etapas da reação psicológica dos prisioneiros que impactaram diretamente na maneira como estes vivenciaram aquela experiência, influenciando também nas experiências relativas ao sentido na vida. Segundo o autor, o prisioneiro no campo de concentração passa por três fases: o estado de choque, a apatia e a adaptação e a última fase depois de libertados (Frankl, 1987).

O estado de choque se reflete como aquela primeira sensação de entrada no campo, o que no contexto analisado aqui, pode se traduzir como aquela sensação de impotência perante os decretos que foram sendo feitos ao redor do mundo a partir de janeiro de 2020. Era comum o sentimento de espanto e incredulidade na medida em que as notícias eram veiculadas sobre cada país que adotava o fechamento compulsório de todas as atividades que não eram consideradas essenciais (Medeiros, *et al*, 2020a).

Dada a natureza inesperada da pandemia, não foi imediata a compreensão dos contornos práticos das medidas de isolamento social, elas geram grande de espanto e choque, o que segundo Frankl (1987) vem unido a um forte sentimento de liberdade/ solução iminente, o que chamou de ilusão ao indulto. Para o autor, neste primeiro momento as pessoas são munidas de uma esperança, quase cega mediante aos fatos, de que as coisas irão bem. No caso dos campos de concentração, o sentimento de que “nada demais nos acontecerá” e “logo seremos libertos” pode ser observado na pandemia como “é só uma gripe”, “não demora teremos um remédio”, “isso não vai chegar aqui” (Medeiros, *et al.*, 2020a).

No início do confinamento – iniciado no Brasil a partir da recomendação nº 036 do Conselho Nacional da Saúde, de 11 de Maio de 2020 (Brasil, 2020b) – ninguém imaginava a dimensão do que estava acontecendo. Para boa parte da população, existia uma noção de que em alguns dias as coisas voltariam ao normal. Foi comum a interpretação do início do confinamento como um momento curto de férias, um momento a mais com a família, ou uma oportunidade de breve descanso. Porém na medida em que os dias iam passando, a realidade ia se apresentando mais complexa e os desafios se multiplicando. (Medeiros, *et al.*, 2020a).

Um outro desafio descrito por Frankl (1987) nessa fase inicial no contexto do confinamento é o desejo pela solidão. Imersos no estresse cotidiano e agora forçados a viver 24h por dia com as mesmas pessoas não é de se espantar que se sinta este desejo por cultivar o recolhimento, possibilidade perdida para muitos no cenário do isolamento social em família. Sobre isso Frankl 1987, p. 70 afirma.

“Naturalmente existem ocasiões em que é necessário é também possível distanciar-se da massa. É fato notório que a companhia ininterrupta de tantos parceiros de sofrimento, a toda hora, em todos os atos triviais do cotidiano, cria muitas vezes uma ânsia irresistível de escapar dessa permanente comunhão compulsória, ao menos por algum tempo. A gente é tomado pelo desejo profundo de ficar sozinho consigo mesmo e com os próprio pensamentos, pela saudade de um lugar de recolhimento e solidão.” (Frankl, 1987, p. 70)

Seguido a este momento de maior impacto inicial e primeiros sentimentos oriundos da nova realidade, surge a segunda fase do confinamento do campo de concentração: a

apatia. Nos termos do isolamento social durante o período pandêmico, esta apatia pode ser interpretada como uma reação frente aos inúmeros motivos de agudos sofrimentos, vivenciados e experimentados pela população em geral.

Viver a pandemia no cenário particular das tecnologias de mídia e informação nos deu a possibilidade de acompanhar e compartilhar o sofrimento do mundo inteiro. As atualizações no número de mortos, as ameaças à vida em todas as instâncias, a morte com perdas e lutos reais, significaram uma enxurrada de sentimento em cada click no celular, em cada mensagem compartilhada (Medeiros, *et al.*, 2020a).

Para Frankl (1987), durante esta segunda fase no campos de concentração, emerge uma necessidade vital, a de preservar a própria vida, e essa apatia torna-se portanto uma espécie de mecanismo necessário de autoproteção da psique. “Toda atenção e, portanto, também os sentimentos, se concentram em torno de um único objetivo: pura e simplesmente salvar a vida – a própria e a do outro” (Frankl, 1987, p. 44).

Neste sentido, o autor ainda apresenta algumas atitudes que foram observadas no confinamento do campo de concentração e que sugerem vivências que podem ser promotoras de sentido na vida, por se traduzir como vivências de valores criativos e de experiência (Frankl, 2011). Como dito anteriormente, o isolamento social foi capaz de interferir nos níveis de sentido na vida, tornando-o menor em comparação àquelas pessoas que não fizeram o isolamento, porém existe uma máxima logoterapêutica muito simples, mas muito eficaz que nos ajuda a refletir sobre o sofrimento como, também ele, uma oportunidade de realização de sentido.

Se é certo que a vida tem sentido, e se é certo que o sofrimento também faz parte da vida, então também o sofrimento pode ser oportunidade de realização de sentido na vida. Quando a logoterapia olha para os sofrimentos como uma oportunidade, não está negligenciando os danos e os problemas que dele são decorrentes. Porém, fica sempre a possibilidade de se perguntar: como poderemos atravessar esta tempestade? Se não posso mudar essa situação, posso mudar a mim mesmo? (Frankl, 2011). Tomando a experiência dos campos de concentração como referência, temos por exemplo, a arte e o humor, a política e a religião como formas encontradas pelos prisioneiros para atravessarem aqueles contextos desafiadores (Medeiros, *et al.*, 2020a; Frankl, 1987).

Viktor Frankl afirma que a arte e o humor são duas ferramentas eficazes para a superação de grandes desafios e a luta pela sobrevivência. Elas são excelentes promotoras

de autodistanciamento e oferecem ao ser humano a capacidade de, por um instante que seja, se distanciar daquela situação de sofrimento no qual está inserido (Frankl, 1987).

Neste sentido, estudos realizados no período da pandemia afirmam também a importância e a eficaz contribuição da arte como auxílio no enfrentamento das consequências da pandemia. Por exemplo, a arte como uma estratégia de coping foi evidenciada num estudo com estudantes e professores de um curso de medicina durante o isolamento social (Medeiros *et al.*, 2020b). Um estudo Chileno revelou a capacidade da arte como promotora de resiliência no período da pandemia, por mobilizar forças interiores que influenciam na mediação de conflitos e problemas, e em mecanismos necessários para se atravessar contextos de crise (Llanos Zuloaga, 2020).

Durante o isolamento social, foram muitas as manifestações artísticas que emergiram num transbordamento de criatividade. Neste sentido, as redes sociais contribuíram para a propagação de vídeos e imagens caseiras de diferentes expressões de arte. Também para que artistas profissionais pudessem realizar *live* (transmissões ao vivo pela internet) que ofereciam alento e conforto num momento de grande desafio. No contexto das escolas, as professoras – sobretudo da educação infantil – encontraram na arte uma forma de conseguir a atenção das crianças para o desafiante contexto do ensino remoto (Fialho e Neves, 2022).

Outro elemento identificado por Frankl nos campos de concentração foram as rodas de discussões políticas, vale ressaltar que o contexto político que rondava no período da Segunda Guerra era, sem dúvidas, muito controverso. A guerra mundial travada no contexto de uma pandemia é outra, porém os contextos políticos ao redor do mundo e sobretudo no Brasil serviram de base para manifestações, posicionamentos e discussões de todas as ordens, sobretudo no tocante às medidas de enfrentamento dos governos em relação à covid-19 (Frankl, 1987; Medeiros *et al.*, 2020a).

Nessas manifestações, emergem sentimentos profundos, ligados aos valores da ética e da cidadania que são importantes para o sujeito. Não foram poucas as organizações políticas – partidárias ou não – que protagonizaram importantes debates em torno de temas sensíveis à população e ao contexto da pandemia, como por exemplo a vacinação, o fechamento do comércio e o respeito às instituições. Estes temas são capazes de servir ao intento de promover sentido na vida nos sujeitos a partir da valorização dos coletivos e da vida de todas as pessoas.

Junto da política emerge a religião, Frankl (1987) sinaliza que no campo de concentração, era muito percebido uma diminuição do interesse dos prisioneiros por diversos

assuntos, sobretudo de cunho cultural. Ele atribui esse comportamento a uma desvalorização de tudo aquilo que não serve ao interesse mais primitivo de preservação da vida. No entanto, o aspecto político e religioso parece emergir de dimensões para além daquela instintiva.

E quanto à religiosidade, durante a pandemia não foram poucas as manifestações de cultos diversos, transmitidas pelos meios de comunicação. Igrejas, templos e grupos religiosos de diferentes denominações começaram a fazer lives de reuniões e encontros. Essas vivências no âmbito da religiosidade são confirmadas pela literatura como fontes provocadoras de sentido na vida e saúde mental, servindo ao intento de favorecer melhores condições de vida no período pandêmico (Moreira-Almeida, Neto e Koenig, 2006; Marukai e Campos, 2012; Martins *et al.*, 2023; Aquino, 2021).

Nos aspectos relacionados ao bem-estar e da saúde mental, inúmeros estudos encontram a mesma tendência em perceber que a principal medida emergencial para conter as mortes causadas por covid-19 foi também responsável direta ou indiretamente pelo acometimento de diversas enfermidades de cunho emocional e psicológico.

Nos momentos de estresse, aos quais todos estamos sujeitos, a rede de apoio e a possibilidade de experimentar da vida em sua totalidade se torna uma importante ferramenta psicossocial para o enfrentamento do estresse, outrossim, o sentido na vida também surge como suporte para o enfrentamento de situações de grande estresse e ansiedade, no entanto no contexto da pandemia, ambas as coisas foram afetadas e as pessoas se viram imersas em rotinas de grande angústia e sofrimento.

Na sua maioria, os dados revelam que as pessoas foram afetadas em sua saúde mental e apresentaram grande oscilação de humor e sintomas psicossomáticos de ansiedade. Além disso, destaca-se ainda outros sinais relacionados ao medo, elevados níveis de estresse, frustração, solidão, raiva e distúrbio do sono (Rocha et al., 2021).

Todos os esforços do poder público no âmbito da saúde estavam concentrados no sentido de salvar a vida das pessoas e controlar as infecções pelo vírus, ao que parece, o cuidado com a saúde mental da população precisou ficar em segundo plano, tendo o isolamento como uma das medidas possíveis para tal controle, mesmo que ninguém ignorasse as suas consequências.

Neste sentido, os estudos realizados durante o período da pandemia também associam outros fatores que, somados ao distanciamento social, impactam na saúde mental das pessoas. O aspecto financeiro por exemplo foi determinante, pois inúmeras famílias

viram seus meios de sustento interrompidos, dentre outras coisas, pelas medidas de isolamento e distanciamento social (Lei, *et al.*, 2020).

Lidar com sentimentos de medo e angústia frente à possibilidade iminente de contágio e altíssimo risco de morte, unidas as incertezas acerca do tempo de duração da quarentena, também foram fatores que potencializam os efeitos do isolamento (Wan *et al.*, 2020). No Brasil, fomos ainda inseridos num desafiante contexto político que potencializou problemáticas vigentes e colocou em evidência narrativas de discurso anticiências, *fake news* e ataque à democracia (Rocha *et al.*, 2020).

No contexto da educação, o fechamento das escolas, por exemplo, foi evidenciado pela Associação Pan Americana de Saúde (OPAS) como um fator determinante para o aumento nos casos de adoecimento mental nos adolescentes (OPAs, 2020). Mediante os estudos, a mesma afirmação pode ser feita com relação as(os) professoras(es) que se viram imersas(os) nas problemáticas relacionadas ao isolamento social e toda particularidade da profissão docente (Fialho e Neves, 2022).

No curso dos acontecimentos que levaram ao fechamento das escolas e interrupção das atividades de maneira geral, emergiu o contexto do trabalho remoto, o que para as professoras(es) se traduziu no Ensino Remoto Emergencial (ERE). Instituído pelo Ministério da Educação (MEC) mediante a Portaria nº 343/2020, a medida autorizou – primeiramente para o ensino superior e depois para os demais níveis de ensino – o ensino remoto no Brasil durante o período de emergência sanitária causada pela pandemia.

Um dos grandes desafios evidenciados no contexto do ERE está na natureza mesma da sua implementação, que apesar das semelhanças não é o mesmo que o ensino a distância. A metodologia do ensino a distância é resultado de pesquisas em processos de implementação com uma dinâmica muito particular de desenvolvimento da prática educacional por ela proposta. E vem sendo implementada e acompanhada no Brasil desde a sua regulamentação em 2017 pelo Decreto nº 9.057/2017 (Brasil, 2017). Já o ERE veio como uma medida de urgência, a fim de sanar as lacunas da aprendizagem como consequência do fechamento das instituições de ensino (Fialho e Neves, 2022).

A natureza própria dos contextos de isolamento social somaram-se às preocupações advindas da prática docente dentro de casa. Fialho e Neves (2022) conseguiram extrair falas de professoras(es) no auge da pandemia, por meio de entrevistas feitas durante o ERE. Por meio da categorização dessas falas, fica nítido que os processos relativos ao trabalho das(os)



professoras(es) no momento do isolamento social foram determinantes e puderam influenciar no bem-estar deste grupo.

A classe temática de maior relevância no estudo teve relação com a preocupação das(os) professoras(es) com os estudantes que não tinham acesso à internet para participarem das aulas, ou seja, os aspectos da tecnologia como única ferramenta de mediação dos processos de aprendizagem deixaram as(os) professoras(es) apreensivos. Em segundo lugar, apareceram os aspectos relativos à saúde das(os) professoras(es). As falas foram no sentido de evidenciar os desafios e sofrimentos que sentiam naquele momento, caracterizando ainda a grande desassistência governamental em relação à educação.

Neste sentido, se evidencia ainda essa particularidade da profissão docente no que toca à relação com os alunos. O distanciamento social impossibilitou o contato físico, o que gerou algumas perdas que se tentou de todas as formas amenizar pelo ensino remoto. A força das relações de afeto não é perdida, apesar de impactadas, elas se restabelecem mediante as tecnologias digitais de comunicação. Porém, é notório que, assumindo que a docência é uma profissão de relações humanas (Tardif e Lessard, 2005), as medidas de distanciamento foram determinantes para afetar a vida e o trabalho das(os) professoras(es).

As oportunidades de realização de sentido na vida que foram anteriormente apresentadas, mesmo que não excluídas durante o isolamento, foram impactadas, visto que os níveis de sentido na vida e bem-estar foram mais baixos nas pessoas que estavam em isolamento, o que nos sugere uma maior necessidade de promover e propagar o pensamento e as estratégias de enfrentamento da logoterapia. Se o sentido não pode ser tirado das situações em objetivo, toda e qualquer circunstância é capaz de promover sentido na vida, e por consequência colaborar para o bem-estar.

#### **4.2. OS EFEITOS DA VACINAÇÃO NO CORPO E NO ESPÍRITO**

No que se refere à vacinação, os resultados apontaram para diferenças estatisticamente significativas somente nos níveis de bem-estar social e bem-estar psicológico. Como demonstrado nas tabelas 10 e 11, os professores que não haviam se vacinado apresentaram escore estatisticamente menor ( $M = 15,15$ ;  $DP = 5,40$ ) do que os professores que haviam se vacinado parcialmente ou completado o ciclo vacinal ( $M = 15,97$ ;  $DP = 5,32$ ) nos níveis de bem-estar social ( $t(2072) = -3,45$ ,  $p = 0,001$ ). Contudo, o tamanho

de efeito dessa diferença foi muito baixo ( $d$  de Cohen = 0,15). Para mais, os professores que não haviam se vacinado apresentaram escore estatisticamente menor ( $M = 25,62$ ;  $DP = 6,03$ ) do que os professores que haviam se vacinado parcialmente ou completado o ciclo vacinal ( $M = 26,45$ ;  $DP = 5,98$ ) nos níveis de bem-estar psicológico ( $t(2072) = -3,14$ ,  $p = 0,002$ ). Apesar disso, o tamanho de efeito dessa diferença foi muito baixo ( $d$  de Cohen = 0,14).

Tabela 10.  
Estatísticas descritivas das variáveis para os professores que haviam se vacinado

		Estatísticas Descritivas	Estimativas de <i>Bootstrapping</i>		
			Intervalo de Confiança da Média (95% IC Bca)		
			Erro Padrão	Limite Inferior	Limite Superior
Presença de sentido	Média	26,68	0,20	26,15	27,22
	Desvio-Padrão	6,96	0,15	6,73	7,18
Busca de sentido	Média	20,77	0,25	20,39	21,20
	Desvio-Padrão	8,61	0,13	8,38	8,83
Bem-estar emocional	Média	13,20	0,10	12,92	13,47
	Desvio-Padrão	3,45	0,07	3,35	3,55
Bem-estar social	Média	15,97	0,16	15,73	16,22

	Desvio-Padrão	5,32	0,09	5,17	5,45
Bem-estar psicológico	Média	26,45	0,18	26,02	26,92
	Desvio-Padrão	5,98	0,12	5,77	6,18

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 11.  
Estatísticas descritivas das variáveis para os professores que não haviam se vacinado

	Estatísticas Descritivas	Estimativas de <i>Bootstrapping</i>			
		Intervalo de Confiança da Média (95% IC Bca)			
		Erro Padrão	Limite Inferior	Limite Superior	
Presença de sentido	Média	26,02	0,23	25,41	26,59
	Desvio-Padrão	7,14	0,17	6,68	7,58
Busca de sentido	Média	20,79	0,28	20,25	21,35
	Desvio-Padrão	8,41	0,15	8,17	8,61
Bem-estar emocional	Média	12,95	0,12	12,78	13,12
	Desvio-Padrão	3,50	0,07	3,32	3,68
	Média	15,15	0,18	14,90	15,40

Bem-estar social	Desvio-Padrão	5,40	0,11	5,15	5,61
Bem-estar psicológico	Média	25,62	0,20	25,25	25,98
	Desvio-Padrão	6,03	0,13	5,80	6,25

Fonte: Elaborada pelo Autor.

No que tocam os dados da nossa pesquisa, percebe-se que a vacinação não foi capaz de influenciar os níveis de Sentido na Vida das professoras(es) da amostra analisada, no entanto os construtos relativos à saúde mental a partir dos níveis de bem-estar psicológico e social sofreram influência, o que nos leva a afirmar que as pessoas que se vacinaram gozaram de maiores índices de bem-estar. Neste sentido, faz-se necessário uma percepção ampliada sobre os contextos relativos à vacinação no Brasil no período da pesquisa, seus efeitos sobre os indivíduos e ainda, considerar alguns aspectos à luz da logoterapia para reflexões acerca do tema.

Sobre o contexto da vacinação no período da pandemia da covid-19, não foi a primeira vez, pelo menos no Brasil, em que essa temática ganhou contornos políticos e sociais além dos interesses médicos e sanitários. Ainda no século XX, o episódio que ficou conhecido como a revolta da vacina foi palco de disputas políticas acirradas no combate à epidemia de varíola. Na ocasião, o médico sanitarista Oswaldo Cruz ganhou destaque assumindo o cargo de diretor-geral de saúde e colocando em evidência a prática da governança em saúde consolidando o domínio da ciência e da medicina como parte da estrutura estatal de poder (Fleury e Fava, 2022).

A experiência advinda desse episódio da nossa história colocou em evidência a necessidade de um pacto federativo na gestão em saúde, o que se tornou realidade mais tarde com a criação do Sistema Único de Saúde (SUS) e os respectivos organismos de integração dos entes federativos, como o Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass), o Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde (Conasems) e o Conselho Nacional de Saúde (CNS) (Fleury e Fava, 2022). No âmbito das vacinas, a criação do Plano Nacional de Imunização (PNI), advindo da experiência com a erradicação da varíola, colocou o Brasil como sendo um país de referência mundial no que diz respeito à vacinação da população,

sendo um importante programa no contexto do controle e erradicação de doenças graves (Fleury e Fava, 2022; Oliveira *et al.*, 2023; Matos *et al.*, 2023).

No entanto, não se pode deixar de notar a grande influência dos contextos políticos e ideológicos na elaboração de um discurso antivacina. Discurso este que já vinha num crescente e foi determinante no cenário da pandemia da covid-19, sendo capaz de influenciar inclusive o PNI na sua concretude em relação às outras vacinas já muito consolidadas no território nacional (Oliveira, *et al.*, 2023). Esse discurso foi promotor de grande desinformação entre as pessoas das mais variadas idades e também sobre os grupos prioritários e de maior vulnerabilidade, como por exemplo os idosos (Laurenti *et al.*, 2023).

O contexto da desinformação e a elevada disseminação de *fake news* levou a OMS a declarar a existência de uma infodemia, termo que coloca em evidência a grande circulação de desinformação causando problemas ao combate do vírus (Marques *et al.*, 2023). Os motivos que levaram a essa problemática são variados, com raízes político-ideológicas, religiosas, socioeconômicas, etárias e nos diferentes níveis de instrução (Fleury e Fava, 2022; Matos *et al.*, 2023; Nascimento *et al.*, 2023; Viggiano Lauretti *et al.*, 2023). Esta variedade de implicações repercutiu ainda na discussão acerca da não obrigatoriedade da vacina, evidenciando disputas no campo teórico e empírico, tensionando aspectos como liberdade e autonomia dos sujeitos (Fraporti e Schneider, 2021; Ferro *et al.*, 2023).

Com relação a este aspecto da liberdade, nos interessa compreender este fenômeno à luz da logoterapia a partir de um dos seus alicerces teóricos, a liberdade da vontade. Para esta abordagem teórica, a vontade livre do ser humano aponta para o fato de o ser humano estar sempre num estado *a priori* de liberdade frente a toda e qualquer contingência ou condicionamento (Frankl, 2011). No entanto, ao postular e defender esta prerrogativa, a logoterapia aponta para um outro aspecto que se revela como um tema fulcral na análise existencial frankliana, a responsabilidade (Miguez, 2014).

Não se pode objetivamente compreender este aspecto da liberdade da vontade sem uma postura essencialmente responsável diante das contingências da vida. A vontade livre não exime o ser humano de sua necessária e comprometida ação responsável perante a existência. É ela, que inevitavelmente, colocará em prumos aquilo que se pode colher como sentido na existência, partindo ainda da noção da temporalidade – já anteriormente mencionada neste texto – o ser humano percebe que no curso retilíneo do tempo suas atitudes livres serão eternizadas e terão consequências infinitas, o que faz emergir, em condição *sine qua non*, o aspecto da responsabilidade (Miguez, 2014).

Se a pandemia da covid-19 nos colocou em inevitáveis condicionantes de ordem biológica, social e psicológica, é parte essencialmente vital do espírito humano, uma resposta livre de sua vontade que, guiada pela responsabilidade, fará as escolhas mais ricas em sentido, objetivando o bem comum e das coletividades. Os discursos antivacina podem ser interpretados como um recurso dos sujeitos individuais que aderem à sua liberdade e recorrem à chamada autonomia do paciente, que se sustenta na noção de que todo paciente pode, se quiser, recusar tratamento (Ferro *et al.*, 2023).

No entanto, saindo da esfera individual e ampliando nossa visão para o coletivo e para as vozes discursivas que emergem no tecido social, é importante perceber uma outra noção. Como advogam as prerrogativas da logoterapia e análise existencial, esta visão da liberdade supõem uma negação da responsabilidade, que cada ser humano possui sobre a sua própria existência e a de seus semelhantes. Neste sentido, a adesão ao recurso da vacina com meio de prevenção a transmissão do vírus pode ser interpretada como uma atitude livre e responsável perante as contingências causadas pela pandemia da covid-19, a atitude contrária – mesmo que justificada por anseios individuais – pode ser considerada irresponsável e vazia de sentido.

Neste tocante, nossos dados não nos apontam para relações entre a vacinação e o sentido na vida nos grupos da nossa amostra, apontamos para este entendimento teórico a fim de ampliar nossa percepção sobre o tema. Outrossim, o que se percebe são os benefícios ao bem-estar gerados pela vacinação. Diante dos elevados níveis de estresse, medo e insegurança causados pelo isolamento social no contexto pandêmico (Rocha *et al.*, 2021) é de se esperar que a chegada da vacina possa causar uma melhora nos níveis de bem-estar, pois a vacina é sinal de esperança e de sucesso no combate à pandemia.

É notório o impacto negativo da pandemia sobre o bem-estar das(os) professoras(es), neste sentido temos na vacina um símbolo da oportunidade de superação e retorno a uma vida normal. Se durante o período pandêmico os níveis de depressão, ansiedade e sofrimentos diversos foram aumentados, a partir do momento em que a vacina começa a ser aplicada, os sentimentos de cunho positivo podem voltar a emergir, melhorando de maneira geral a percepção de bem-estar e saúde mental.

Neste tocante, a fator biopsíquico está em evidência, a esperança de melhoria no corpo oportuniza uma melhora também no aspecto mental. No que toca o aspecto noético, a partir dos dados, não podemos afirmar quais as suas relações com a vacinação, no entanto assumindo a associação entre os níveis de bem-estar e sentido na vida demonstrados

anteriormente, podemos presumir que a vacina também contribuiu para esta finalidade, para uma vida mais plena de sentido.

## **5. CONSIDERAÇÕES PARCIAIS**

Diante do exposto até aqui, percebe-se que na amostra analisada com um N= 4.084 respondentes, dos quais N= 2.075 professoras e professores, podemos perceber grande prevalência de mulheres que exercem a profissão docente em contornos de grande resistência. Neste sentido, assumimos que este caráter de resistência dos docentes (professoras e professores) se revela pelos dados positivos de sentido na vida e saúde mental que foram encontrados em nosso estudo, de maneira geral, o grupo de professoras(es) (N= 2.075), em comparação com a população em geral (N= 2009) apresentou melhores índices para estes construtos.

Também levamos em conta, a forte influência dos níveis de sentido na vida, que influenciaram positivamente os níveis de saúde mental para ambas as populações e ainda o fato de a população de professoras(es) apresentar melhores índices de sentido na vida do que a população em geral. Assim, contempla-se dois dos objetivos desta pesquisa, o de encontrar as correlações e diferenças existentes entre sentido de vida e saúde mental na população de professoras(es) investigadas(os).

Com relação aos dados sociodemográficos analisados – aspecto também presente em nossos objetivos – percebeu-se que as diferenças entre homens e mulheres puderam revelar, que as assimetrias de gênero são aspectos importantes e causadores de inúmeros sofrimentos de diferentes ordens para as professoras. Também as diferenças entre as faixas etárias demonstraram que o avanço da idade das(os) professoras(es) é um fator que revela uma maior percepção de sentido na vida e por conseguinte melhor nível de saúde mental. Este dado pode revelar que a docência encerra também um valor de realização existencial para as professoras e professores.

Em se tratando dos resultados relativos à pandemia da covid-19, os resultados vão ao encontro das tendências gerais que nos apontam para os benefícios à saúde mental relacionados a vacinação e também para os impactos negativos do isolamento social sobre a saúde mental e o sentido na vida das pessoas. Para o grupo da nossa pesquisa, os aspectos relativos à docência no contexto do isolamento social podem ter se tornado um reforçador para níveis baixos de saúde mental e sentido na vida nesse grupo.

Posto isso, assumimos ao fim das proposições dos resultados desta pesquisa, os limites próprios de um estudo desta magnitude. Primeiramente, levamos em conta que esse recorte não é capaz de revelar em totalidade o que se vivem em todo território brasileiro, o que nos aponta para a necessidade de análises que considerem outros fatores sociodemográficos como região geográfica, classe social, raça, etnia etc. Outrossim, compreendemos as possíveis lacunas com relação a aplicação e interpretação dos instrumentos de coleta, que apesar de consolidados, também não podem assumir a totalidade da complexidade dos construtos que medem. Neste sentido, assumimos o compromisso e a proposição de novas investigações que se empenhem em compreender os aspectos reveladores dos conceitos da logoterapia aplicados à educação e a saúde docente.

## **VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O percurso trilhado até aqui, experimentado e vivenciado nos contornos desta pesquisa de mestrado, está longe de seguir os parâmetros básicos de uma pesquisa que se propõe acadêmica. Quando me debruço sobre estas poucas mais de 100 páginas, me deparo com a vida de mais de duas mil professoras e professores que dispuseram do seu tempo, de suas histórias e vidas para compartilhar suas vivências por meio desses questionários. Espero que, dada as características quantitativas necessárias à pesquisa, não tenhamos perdido, ao longo do percurso, a sensibilidade e responsabilidade necessárias ao tocarmos a vida de outras pessoas.

Essa talvez seja a primeira e importante consideração a ser feita acerca dos frutos deste trabalho. A responsabilidade é uma força capaz de mover sistemas irresponsáveis, medidas políticas irresponsáveis e um reconhecimento salarial irresponsável. Na responsabilidade pelo ofício desempenhado, fui capaz de tocar com a minha vida e testemunhar professoras e professores que exaustivamente se empenham nas suas duplas, triplas ou quádruplas jornadas de trabalho apoiados naquilo que se propuseram a fazer com suas vidas.

Graças a esta responsabilidade coletiva, este trabalho pôde se concretizar, anunciando contornos de liberdade, de uma liberdade gerada e gestada na responsabilidade. A liberdade é outra consideração fundamental, juntamente com a responsabilidade, ela forma uma importante estrutura que baliza os fundamentos teóricos da logoterapia e, mais do que



isso, deve ser um importante luzeiro que nos aponta para a realização do que somos e daquilo que devemos ser. Sem liberdade, uma semente jamais se tornará uma árvore frondosa.

Vivemos sob a égide de um sistema que oprime, que segrega, que separa, que dita regras sobre corpos, maneiras de se expressar, ser e viver. Os contornos desta pesquisa, além de evidenciar aquilo que os dados (sempre repletos de limites) podem nos mostrar, escondem o que se experimenta por trás das vivências que se evidenciam nos bastidores da escrita, que entregam em cada vírgula, em cada ponto e vírgula um pouco de si, um pouco de tantos, consigo – pausa para uma lágrima que ousou se apresentar.

As definições acerca da profissão docente apresentadas ao longo deste trabalho, com Nóvoa, Tardif e Lessard, bell hooks e o próprio Viktor Frankl nos apontaram uma característica comum ao fazer docente: a coletividade. Ninguém se educa sozinho, ninguém educa ninguém sozinho, ninguém faz nada sozinho – Paulo Freire é quem nos convoca – o fazer-sozinho supõe fechamento em si, supõe paralisia em si, um voltar-se para si. Isto, além de em demasia revelar-se extremamente angustiante, servirá a que intento?

Nos coletivos, as professoras e professores se realizam, se edificam, se constroem, se reconstróem e se curam. Também se ferem, também se entristecem, também sofrem. Respirar o ar da coletividade docente não é se blindar daquilo que é próprio ao ser humano (o sofrer), mas o que se fere na gira da vida, na gira mesmo há de se curar. A circularidade expressa nas danças e nas vivências dos nossos povos originários pode nos ajudar a entender que quando um grupo de professoras e professores faz roda, ali, naquele lugar, nasce uma infinidade de possibilidades, de encontros e confluências. A sabedoria está, de certo, na possibilidade de se ver além.

Enxergar além do sofrimento que se impõem é uma tarefa que parece ser inerente à prática docente. Ao longo deste trabalho, fomos evidenciando as inúmeras contrariedades e adversidades que atravessam a vida das professoras e dos professores. Porém, ficou nítida também a nossa intenção em evidenciar as possibilidades escondidas na força opositora do espírito humano. Essa terminologia, muito utilizada por nós que trabalhamos com a logoterapia, se baseia na noção que o espírito humano não pode se limitar ou se fechar a absolutamente nada, pois as suas possibilidades de apreensão de sentido são infinitas (Lukas, 1989).

Queremos sim, a partir deste trabalho, pôr em maior evidência o triunfo sobre a tragédia, que diariamente vivem as professoras e os professores no Brasil. Queremos sim, colocar em evidência a resistência sobre a opressão e a morte. Queremos sim, com todo

respeito que nos é necessário, reverenciar aquelas e aqueles que bravamente sobreviveram ao período mais desalumiado da nossa história recente, a pandemia. E aos que não puderam sobreviver, como feito na introdução deste texto, queremos mais uma vez prestar nossa homenagem e a nossa reverência.

A iniciativa de pôr em evidência os aspectos valorativos e opostos do espírito humano, assume também contornos sociais e políticos. Durante um tempo no contexto social brasileiro, valores básicos que sustentam o que entendemos por humanidade e civilidade foram colocados em questionamento por pautas ultraconservadoras. Gritar pelo sentido na vida, em toda e qualquer condição humana, é também gritar num eco que ganha volume com a voz daqueles que foram esquecidos e ainda mais postos às margens e massacrados no sul da pandemia.

Onde os governos não chegaram, por incapacidade ou por escolha leviana, certamente havia uma professora, um professor, pensando uma prática pedagógica, ou assumindo o protagonismo na transformação social necessária para cada localidade. Não foram poucos os exemplos de escolas em que diretoras e diretores assumiram a responsabilidade por minimizar os impactos da fome de sua comunidade. Enquanto os governos (os desgovernos) se calavam pela omissão irresponsável, professoras e professores livres, responsáveis, transgressores, mobilizaram seus coletivos em vista de fazer a vida se perpetuar.

Diante deste cenário, como podemos garantir que estes agentes transformadores e profundamente necessários – que podem ser considerados verdadeiros paraquedas coloridos (Krenak, 2020) – sejam guarnecidos de sua saúde plena? Guardar a vida e a saúde mental das professoras e dos professores não se trata somente de uma atitude médica ou psicológica, é antes uma atitude política. Apesar de uma mudança significativa nas pautas de governança em nosso país, percebemos ainda inúmeros resquícios de ataques à figura docente, sobretudo nas instituições públicas, da educação básica e do ensino superior.

A propagação do ódio às professoras – e aqui sim, mais um reforço, ódio às professoras – tem sido disseminada por diversos meios, a fim de deslegitimar a autoridade e mais do que isso, descaracterizar a prática docente como promotora de criticidade, em reprodutora de doutrinação. Se desejam que nós sejamos propagadores de ódio às instituições, ódio à liberdade religiosa, repúdio à expressão das diferentes identidades étnicas, ódio às diferenças de gênero e sexualidades, ódio à liberdade; enganaram-se

fortemente, pois se é verdade que as professoras e professores brasileiras(os) estão munidos de sentido na vida, é certo lutam para que a vida floresça e prevaleça sobre a morte.

Outrossim, esse ódio, essa cultura de morte que se propaga, encontra raízes numa empreitada histórica que visa homogeneizar o pensamento, padronizar e unificar as vivências. “Somos todos iguais” – eles dizem. No entanto, são as diferenças que nos constituem, são elas que embelezam nossa existência. As professoras e professores, que em suas diferentes práticas e iniciativas, enriquecem o fazer educacional no Brasil e nos recordam que “o fato de podermos compartilhar e esse espaço, de estarmos juntos viajando não significa que somos iguais; significa exatamente que somos capazes de atrair uns aos outros pelas nossas diferenças, que deveriam guiar nosso roteiro de vida.” (Krenak, 2020 p. 33).

As vivências docentes nos obrigam a todo instante a coexistir e colaborar com o diferente, nas salas de aula, as trocas e experiências guiadas, mediadas e orientadas pelas professoras e professores são fontes despertadoras de sentido nas ocasiões particulares em que cada educando se descobre portador de uma riqueza única, de seus sentidos únicos e de suas potencialidades únicas. A unicidade da pessoa humana se revela nos contornos da prática docente, sobretudo na capacidade de cada professora e de cada professor de enxergar o seu aluno na sua unicidade e irrepetibilidade. Dessa forma, transpassa as barreiras de um colonialismo monológico que quer nos colocar, a todas e todos, numa caixa uniforme, vazia de sentido, vazia de vida.

Essa forma de ver e enxergar o mundo, plural e único é uma maneira de suspender o céu que insiste em cair sobre as nossas cabeças (Krenak, 2020). É uma forma de combater o vazio existencial que insiste em lançar as nossas vidas num vácuo que não suporta e não encontra mais a dança, a alegria, o canto, o sentido (Frankl, 1987).

Deixar que a vida das professoras e dos professores floresça em sua total potência existencial é deixar que sejam erguidos paraquedas coloridos que amenizarão a nossa queda. Não quero me permitir jamais pensar num mundo sem as professoras e os professores, não posso me permitir pensar num mundo em que não haja paraquedas coloridos para as futuras gerações.

Ainda não estou certo se nós professores e professoras construímos estes paraquedas ou se a nossa existência, resistente e insistente é por si só, colorida o suficiente para amenizar a queda do mundo. Somos nós estes paraquedas coloridos? Deixo para contribuições futuras essa conclusão, que de todas as possíveis, é a que menos me preocupa, de toda maneira,

teremos sempre professoras e professores coloridos e cheio de vida, resistindo e suspendendo o céu sobre as nossas cabeças.

## VII. REFERÊNCIAS

Albuquerque, G. S. C. de, Lira, L. N. A., Santos Junior, I. dos, Chiochetta, R. L., Perna, P. de O., & Silva, M. J. de S. e. (2018). **Exploração e sofrimento mental de professores: um estudo na rede estadual de ensino do Paraná**. Trabalho, Educação e Saúde, 16(3), 1287–1300. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00145>.

ALVES GIACOMELLO, L. B. et al. **Teletrabalho Na Pandemia De Covid-19**. Trabalho (En)Cena, v. 7, p. e022029, 2022.

ANDRADE, Lindinalva de Souza. **Burnout e estressores ocupacionais durante a pandemia do Covid-19: avaliação de professores da educação básica**. 2022. 90 f. Dissertação (Programa Stricto Sensu em Psicologia) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2022.

AQUINO, T. A. A. de et. al. **Logoterapia e Educação: Fundamentos e Prática**. Thiago A. Avellar de Aquino, Bruno F. Damásio, Joilson P. da Silva (org.). São Paulo: Paulus, 2010.

AQUINO, T. A. A. de et al. **Questionário de Sentido de Vida: Evidências de sua Validade Fatorial e Consistência Interna**. Psicologia: Ciência E Profissão, 35(1), 4–19, 2015. <https://doi.org/10.1590/1982-3703001332012>.

AQUINO, T. A. A. de; GOUVEIA, V. V.; GOMES, E. S.; SILVA, L. B. da. **La percepción de sentido de la vida en el ciclo vital: una perspectiva temporal**. Avances en Psicología Latinoamericana, v. 35, n. 2, p. 375-386, 2017. DOI: 10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.3728.

AQUINO, T. A. A. DE. **Religião, espiritualidade e saúde: um olhar da logoterapia.** HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 19, n. 60, p. 1041, 31 dez. 2021.

ARANTES, V. & SEIXAS, de G. B. **Educação, escola e pandemia: experiências e discussões sobre professores, alunos e gestores.** Denise D'Auria-Tardeli - organizadora. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. 331p.. ISBN: 978-65-5939-310-7.

ARAÚJO, F. J. DE O. et al. **Impact Of Sars-Cov-2 And Its Reverberation In Global Higher Education And Mental Health.** Psychiatry Research, v. 288, n. March, p. 112977, 2020.

Araujo, Sâmara & Yannoulas, Silvia. **Trabalho docente, feminização e pandemia.** 14. 754-771, 2020. 10.22420/rde.v14i30.1208.

ARAÚJO, Ulisses F. **Projetos de vida: fundamentos psicológicos, éticos e práticas educacionais.** São Paulo: Summus, 2020. ISBN 978-65-5549-000-8.

BATISTELLA, C. et al. **Abordagens contemporâneas do conceito de saúde in: O território e o processo saúde-doença.** Coleção Educação Profissional e Docência em saúde: a formação e o trabalho do agente comunitário de saúde, 1, p. 51–86, 2007.

BEM-SHAHAR, T. **Happier: Learn the secrets to daily joy and lasting fulfillment.** 2007 New York: Mcgraw-Hill.

BRASIL 2023. **Painel de casos de doença pelo coronavírus 2019 (COVID-19) no Brasil pelo Ministério da Saúde,** disponível em <https://covid.saude.gov.br/>. ACESSO EM 04/2023. BRASIL. 8\_Conferencia\_Nacional\_Saude\_Relatorio\_Final.Pdf. , 1986.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da educação básica 2020 : resumo técnico.** Brasília: Inep, 2021. 70 p. : il. ISBN: 978-65-5801-012-8 1. Educação brasileira. 2. Educação básica. 3. Censo escolar. I. Título.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Recomendação nº 073, de 22 de dezembro de 2020a, Conselho Nacional de Saúde. Brasil 2020a.** Disponível em:

<https://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/1557-recomendacao-n-073-de-22-de-dezembro-de-2020>, acesso em 30 de novembro de 2023.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Recomendação nº 036, de 11 de maio de 2020b, Conselho Nacional de Saúde. Brasil 2020b.** Disponível em:

<https://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/1163-recomendac-a-o-n-036-de-11-de-maio-de-2020>, acesso em 14 de dezembro de 2023.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parecer CNE/CP nº: 15/2020, Conselho Nacional de Educação. Brasil 2020c.** Disponível em:

[https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE\\_PAR\\_CNECPN152020.pdf?query=2020](https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_PAR_CNECPN152020.pdf?query=2020), acesso em 14 de dezembro de 2023.

BROOKS, S. K. et al. **The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence.** *The Lancet*, v. 395, n. 10227, p. 912–920, 2020.

CANDAU, V. M. F. **Ser professor/a hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas.** *Educação*, [S. l.], v. 37, n. 1, p. 33–41, 2014. DOI: 10.15448/1981-2582.2014.1.15003. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/15003>. Acesso em: 4 jan. 2024.

CAPONI, S. **Georges Canguilhem y el estatuto epistemológico del concepto de salud.** *História, Ciências e Saúde – Manguinhos*, IV(2): 287-307, jul-out., 1997.

CARLOTTO, M. S. **Síndrome de Burnout em Professores: Prevalência e Fatores Associados.** *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 27, n. 4, p. 403–410, 2011.

CARLOTTO, M. S. **Síndrome de Burnout: diferenças segundo níveis de ensino.** *Psico*, v. 41, n. 4, p. 495–502, 2010.

CARLOTTO, M. S.; DOS SANTOS PALAZZO, L. **Factors associated with burnout's syndrome: An epidemiological study of teachers.** Cadernos de Saude Publica, v. 22, n. 5, p. 1017–1026, 2006.

CHERNISS, C. (1980). **Professional burnout in human service organizations.** New York: Praeger.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 4 ed. – São Paulo: Cortez, 2000. – Biblioteca da Educação. Série 1. Escola ; v.16.

COHEN, J. (1988). **Statistical power analysis for the behavioral sciences.** New York: Lawrence Erlbaum Associates.

CRUMBAUGH, J. C., & MAHOLICK, L. T. (1964). **An experimental study in existentialism: The psychometric approach to Frankl's concept of noogenic neurosis.** Journal of Clinical Psychology, 20(2), 200–207. [https://doi.org/10.1002/1097-4679\(196404\)20:2<200::AID-JCLP2270200203>3.0.CO;2-U](https://doi.org/10.1002/1097-4679(196404)20:2<200::AID-JCLP2270200203>3.0.CO;2-U).

CRUMBAUGH, J. C. (1968). **Crossvalidation of Purpose in Life Test based on Frankl's concepts.** Journal of Individual Psychology, 24(1), 74-81.

DAMÁSIO, B. F.; MELO, R. L. P. DE .; SILVA, J. P. DA . **Sentido de Vida, Bem-Estar Psicológico e Qualidade de Vida em Professores Escolares.** Paidéia (Ribeirão Preto), v. 23, n. 54, jan. 2013.

DAMÁSIO, B.F.; KOLLER, H. S.; **Meaning in Life Questionnaire: Adaptation process and psychometric properties of the Brazilian version,** Revista Latinoamericana de Psicología, Volume 47, Issue 3, 2015, Pages 185-195, ISSN 0120-0534. <https://doi.org/10.1016/j.rlp.2015.06.004>.

DAMON, William. **O que o jovem quer da vida? – como pais e professores podem orientar e motivar os adolescentes.** São Paulo: Summus, 2009.

DANCEY, C. P.; REIDY, J. **Estatística sem matemática para psicologia: Usando SPSS para Windows**. 7. ed. Porto Alegre: Penso, 2019.

DIENER, E. (1984). **Subjective well-being**. *Psychological Bulletin*, 95(3), 542-575.

DOLAN, P. **Felicidade construída: Como encontrar prazer e propósito no dia a dia**. 2015. Rio de Janeiro, Objetiva.

DOERRIES, L. E. (1970). **Purpose In Life and social participation**. *Journal of Individual Psychology*, 26(1), 50-53.

Fundação Carlos Chagas. **Educação escolar em tempos de pandemia**. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/fcc/educacao-pesquisa/educacao-escolar-em-tempos-de-pandemia/>. Acesso em 03/2023.

Edwards, M. J., & Holden, R. R. (2001). **Coping, meaning in life, and suicidal manifestations: Examining gender differences**. *Journal of Clinical Psychology*, 57(12), 1517-1534. doi:10.1002/jclp.1114.

ESTEVE, J.M. **Mudanças sociais e função docente**. In: NÓVOA, A.(org.) *Profissão professor*. Portugal: Porto Editora, 2ª edição, 1999, p. 93-124.

Ferrari de Lima, D., Anguera Lima, L., Sampaio, A. A., & Dieter Stobaus, C. **Revisão sistemática de revisões da literatura sobre a síndrome de burnout em docentes do ensino superior no Brasil**. *Perspectivas em Diálogo: revista de educação e sociedade*, v. 9, n. 19, p. 159–174, 2022.

Ferro, G. B., Morais, C. A. da S., Mendes, E. A. R., Pinto, F. G., & Neder, P. R. B.. (2023). **Autonomia do paciente ante a vacinação contra covid-19**. *Revista Bioética*, 31, e3410PT. <https://doi.org/10.1590/1983-803420233410PT>.

Fleury, S., & Fava, V. M. D.. (2022). **Vacina contra Covid-19: arena da disputa federativa brasileira**. *Saúde Em Debate*, 46(spe1), 248–264. <https://doi.org/10.1590/0103-11042022E117>.



Field, A. (2013). **Discovering statistics using IBM SPSS statistics** (4a ed.). Sage.

Fialho, L. M. F., & Neves, V. N. S.. (2022). **Professores em meio ao ensino remoto emergencial: repercussões do isolamento social na educação formal**. Educação E pesquisa, 48, e260256. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202248260256por>.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**.

Tradução de Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

\_\_\_\_\_. **A Vontade de Sentido - Fundamentos e aplicações da Logoterapia**.

Tradução: Ivo Studart Pereira. São Paulo, 2011.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia**. Tradução Renato Bitencourt.

Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. **La Voluntad de Sentido**. Tradução: fundación Arché. Herder Editorial.

Barcelona, 2002.

\_\_\_\_\_. **Psicoterapia e sentido da vida**. São Paulo: Quadrante, 2003.

\_\_\_\_\_. **Um Sentido para a Vida: Psicoterapia e Humanismo** / Trad.(Victor Hugo Silveira Lapenta) Aparecida-SP: Ideias e Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **A questão do sentido em psicoterapia**. Tradução Jorge Mitre. Campinas, SP: Papirus, 1990.

\_\_\_\_\_. **O homem em busca de um sentido**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 79 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FRAPORTI, R.; SCHNEIDER, G. **A (não) obrigatoriedade da vacinação contra a covid-19: uma colisão entre a liberdade e autonomia dos indivíduos versus o direito à**

**saúde coletiva.** Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc São Miguel do Oeste, [S. l.], v. 6\*, p. e27759, 2021.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. **Educação escolar em tempos de pandemia na visão de professoras/es da Educação Básica.** Fundação Carlos Chagas, p. 1–5, 2020.

Garcia, M. M. A., Hypolito, Á. M., & Vieira, J. S.. (2005). **As identidades docentes como fabricação da docência.** Educação E Pesquisa, 31(1), 45–56.

<https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000100004>.

García-Alandete, Joaquín. (2014). **Análisis factorial de la versión española del Purpose-In-Life Test en función del género y edad (SPANISH).** Pensamiento Psicológico. 12. 83-98. 10.11144/Javerianacali.PPSI12-1.afve.

GESTRADO. **Trabalho docente em tempos de pandemia: relatório técnico.** Belo Horizonte: UFMG, 2020.

GLAW, X. et al. **Meaning in Life and Meaning of Life in Mental Health Care: An Integrative Literature Review.** Issues in Mental Health Nursing, v. 38, n. 3, p. 243–252, 2017.

GRANDISOLI, E.; JACOBI, P. R.; MARCHINI, S. **Educação e pandemia: desafios e perspectivas.** Jornal da USP, 2020.

GOELZER, D.; DA ROCHA, C.; BERLESE, D. B. **Preventive measures of stress and Burnout syndrome in teachers: a bibliographic review : Medidas preventivas de estresse e síndrome de Burnout em professores: uma revisão bibliográfica.** Concilium, [S. l.], v. 23, n. 18, p. 564–571, 2023. DOI: 10.53660/CLM-1980-23N47.

Han, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço** / Byung-Chul Han; tradução de Enio Paulo Giachini.\* 2ª edição ampliada – Petrópolis, RJ : Vozes, 2017.

Haukoos, J. S., & Lewis, R. J. (2005). **Advanced statistics: Bootstrapping confidence intervals for statistics with “difficult” distributions.** *Academic Emergency Medicine*, 12(4), 360-365. <https://doi.org/10.1197/j.aem.2004.11.018>.

Heintzelman, S. J., & King, L. A. (2014). **Life is pretty meaningful.** *American Psychologist*, 69, 561-574. <https://doi.org/10.1037/a0035049>.

Henrion, R. (2002). **Alcohol use disorders: Alcohol dependence.** *International Forum for Logotherapy*, 25(1), 30-38.

Ho, M. Y., Cheung, F. M., & Cheung, S. F. (2010). **The role of meaning in life and optimism in promoting well-being.** *Personality and Individual Differences*, 48(5), 658-663. doi:10.1016/j.paid.2010.01.008.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir – A educação como prática da liberdade.** 2a ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

Huta, V., & Ryan, R. M. (2010). **Pursuing pleasure or virtue: The differential and overlapping well-being benefits of hedonic and eudaimonic motives.** *Journal of Happiness Studies: An Interdisciplinary Forum on Subjective Well-Being*, 11(6), 735–762. <https://doi.org/10.1007/s10902-009-9171-4>.

Hypolito, Álvaro Moreira. **Trabalho docente, classe social e relações de gênero, SP: Papirus, 1977.** (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico). 2. ed. [E-book]. / Álvaro Moreira Hypolito. – São Leopoldo: Oikos, 2020. ISBN 85-308-0443-0.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Resumo técnico do Censo da Educação Superior 2020** [recurso eletrônico]. – Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2022.\* 78 p. : il. ISBN: 978-65-5801-056-2 1. Educação – Brasil. 2. Educação Superior. I. Título.

Jakubowski TD, Sitko-Dominik MM. (2021) **Teachers’ mental health during the first two waves of the COVID-19 pandemic in Poland.** *PLoS ONE* 16(9): e0257252. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.025725>.

Jim, H. S., & Andersen, B. L. (2007). **Meaning in life mediates the relationship between social and physical functioning and distress in cancer survivors.** *British Journal of Health Psychology*, 12(Pt 3), 363-381. doi:10.1348/135910706X128278.

JASKIW, E. F. B.; LOPES, C. V. G. **A pandemia, as TDIC e ensino remoto na educação básica: desafios para as mulheres que são mães e professoras.** *SCIAS - Educação, Comunicação e Tecnologia*, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 231–250, 2021. DOI: 10.36704/sciaseducomtec.v2i2.5033.

Jonsén, E., Fagerström, L., Lundman, B., Nygren, B., Vähäkangas, M. y Strandberg, G. (2010). **Psychometric properties of the Swedish version of the Purpose in Life scale.** *Scandinavian Journal of Caring Sciences*, 24(1), 41-48. doi:10.1111/j.1471-6712.2008.00682.x.

KRENAK, A. **O amanhã não está à venda.** São Paulo: Cia das Letras, 2020.

\_\_\_\_\_. **A vida não é útil.** São Paulo: Cia das Letras, 2020.

\_\_\_\_\_. **O Futuro Ancestral.** São Paulo: Cia das Letras, 2022.

Keyes, C.L.M. Shmotkin, D., & Ryff, C.D. (2002). **Optimizing well-being: The empirical encounter of two traditions.** *Journal of Personality and Social Psychology*, 82, 1007-1022.

Keyes, Corey. (2005). **The Subjective Well-Being of America's Youth: Toward a Comprehensive Assessment.** *Adolescent & Family Health*. 4. 3-11.

Keyes, C. L. M. (2006). **Subjective well-being in mental health and human development research worldwide: An introduction.** *Social Indicators Research*, 77,1-10.

Kleftaras, G., & Psarra, E. (2012). **Meaning in Life, Psychological Well-Being and Depressive Symptomatology: A Comparative Study.** *Psychology*, 3, 337-345.

Kiang, L., & Fuligni, A. J. (2010). **Meaning in life as a mediator of ethnic identity and adjustment among adolescents from Latin, Asian, and European American backgrounds.** *Journal of Youth and Adolescence*, 39(11), 1253–1264.

<https://doi.org/10.1007/s10964-009-9475-z>.

Llanos Zuloaga, M. **Arte, criatividade y resiliencia: recursos frente a la pandemia.**

*Avances en Psicología*, [S. l.], v. 28, n. 2, p. 191–204, 2020. DOI:

10.33539/avpsicol.2020.v28n2.2248. Disponível em:

<https://revistas.unife.edu.pe/index.php/avancesenpsicologia/article/view/2248>.

LAKENS, D. (2013). **Calculating and reporting effect sizes to facilitate cumulative science: A practical primer for t-tests and ANOVAs.** *Frontiers in Psychology*, 4.

<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2013.00863>

Lizana, P. A. et al. **Impact of the covid-19 pandemic on teacher quality of life: A**

**longitudinal study from before and during the health crisis.** *International Journal of*

*Environmental Research and Public Health*, v. 18, n. 7, 2021.

Lei L, Huang X, Zhang S, Yang J, Yang L, Xu M. **Comparison of Prevalence and**

**Associated Factors of Anxiety and Depression Among People Affected by versus**

**People Unaffected by Quarantine During the COVID-19 Epidemic in Southwestern**

**China.** *Med Sci Monit.* 2020;26:e924609.

LUKAS, E. A. **Força Desafiadora do Espírito.** *Métodos de Logoterapia*, Edições Loyola,

São Paulo, Brasil, 1989.

Machado, Wagner & Bandeira, Denise. (2015). **Positive Mental Health Scale: Validation**

**of the Mental Health Continuum - Short Form.** *Psico-USF.* 20. 259-274. 10.1590/1413-

82712015200207.

Mascaro, N., & Rosen, D. H. (2006). **The role of existential meaning as a buffer against**

**stress.** *Journal of Humanistic Psychology*, 46(2), 168-190.

doi:10.1177/0022167805283779

MATTA, G.C., REGO, S., SOUTO, E.P., and SEGATA, J. **Os impactos sociais da**

**Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia.** Rio de

Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021, 221 p. Informação para ação na Covid-19 series. ISBN: 978-65-5708-032-0.

Matos, R. B.;Xavier, R. I.; Alto, J. Silva, M. S. T.; Spinassé, D. R. **Causas da Resistência à Vacinação e o Papel da Enfermagem: Revisão Narrativa**. Foz, São Mateus, v.6 n.1, p. 37-48, 2023.

Murakami, R., & Campos, C. J. G.. (2012). **Religião e saúde mental: desafio de integrar a religiosidade ao cuidado com o paciente**. Revista Brasileira De Enfermagem, 65(2), 361–367. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672012000200024>.

Martins, A. M., Soares, A. K. S., Arruda, G. O. de ., & Baptista, C. J.. (2023). **Association between religion, mental health and social distancing during the COVID-19 pandemic**. Psico-usf, 28(1), 79–90. <https://doi.org/10.1590/1413-82712023280107>.

Mak, W. K. y Shek, D. T. L. (1990). **Sex differences in the psychological well-being of Chinese dual-employed parents in Hong Kong**. CUHK Education Journal, 18(2), 115-120.

Melton, A. M. A., & Schulenberg, S. E. (2008). **On the measurement of meaning: Logotherapy's empirical contributions to humanistic psychology**. The Humanistic Psychologist, 36(1), 31-44. doi:10.1080/08873260701828870.

MEDEIROS, A. Y. B. B. V. de; PEREIRA, E. R.; SILVA, R. M. C. R. A.; DIAS, F. A. **Psychological phases and meaning of life in times of social isolation due the COVID-19 pandemic a reflection in the light of Viktor Frankl**. Research, Society and Development, [S. l.], v. 9, n. 5, p. e122953331, 2020a. DOI: 10.33448/rsd-v9i5.3331.

Medeiros, M. S., Barreto, D. M. S., Sampaio, R., Alves, B. C. F. de B., Albino, D. C. M., & Fernandes, I. L. 2020b. **A Arte como Estratégia de Coping em Tempos de Pandemia**. Revista Brasileira De Educação Médica, 44, e130. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.supl.1-20200354>.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 5ª Ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

Moran, S. **Purpose: giftedness in intrapersonal intelligence**, *High Ability Studies*, 2009, 20:2, 143-159, DOI: 10.1080/13598130903358501.

Moreira-Almeida, A., Lotufo Neto, F., & Koenig, H. G.. (2006). **Religiousness and mental health: a review. Brazilian Journal of Psychiatry, 28(3), 242–250.**

<https://doi.org/10.1590/S1516-44462006005000006>.

Molasso, W. R. (2006). **Exploring Frankl's Purpose in Life with college students. Journal of College and Character, 7(1), 1-10.** doi: 10.2202/1940-1639.1502.

MIGUEZ, E. M. **Educação em busca de sentido: pedagogia inspirada em Viktor Frankl** / Eloísa Marques Miguez. – São Paulo: Paulus, 2014. – (Coleção Logoterapia) ISBN 978-85-349-4070-2.

Nascimento VF, Piber RS, Britis RF, Riegel F, Unicovsky MAR, Terças-Tretteç ACP, Luis MAV. **Opiniões de idosos acerca da vacina anticovid e sua possível recusa.** Pers Bioet. 2023; 27(1):e2714. DOI: <https://doi.org/10.5294/pebi.2023.27.1.4>.

NÓVOA, A. **O pasado e o presente dos professores.** In: NÓVOA, A.(org.) Profissão professor. Portugal: Porto Editora, 2ª edição, 1999, p. 93-124.

\_\_\_\_\_. **Escolas e professores proteger, transformar, vaorizar** / António Nóvoa, colaboração Yara Alvim. – Salvador: SEC/IAT, 2022. ISBN 978-65-993687-1-4. 116p.

\_\_\_\_\_. **Professores: Libertar o futuro** / António Nóvoa. – 1. Ed. São Paulo: Diálogos Embalados, 2023. ISBN 978-65-980068-0-8.

\_\_\_\_\_. **Conhecimento profissional docente e formação de professores.** Revista Brasileira de Educação, v. 27, n.\* 2022, 27, 2022.

Nygren, B., Aléx, L., Jonsén, E., Gustafson, Y., Norberg, A. y Lundman, B. (2005).

**Resilience, versión española del purpose-in-life test 97 sense of coherence, purpose in life and self-transcendence in relation to perceived physical and mental health among the oldest old.** Aging and Mental Health, 9(4), 354-362. doi:10.1080/1360500114415.

OCDE (2021), **A educação no Brasil: Uma perspectiva Internacional**, OCDE Publishing, Paris, <https://doi.org/10.1787/60a667f7-en>.

Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la c. y la c. (UNESCO). **Apoyar a los docentes y al personal educativo en tiempos de crisis.** Respuesta educativa de la UNESCO a la COVID-19 Notas temáticas del Sector de Educación, v. 2, n. 2, p. 1–10, 2020.

OLIVEIRA, G. G. de; VARGAS, F. C.; DORE, G. R. N.; LIMA, I. C. R.; COSTA, J. O.; RODRIGUES, M. B. C.; BEZERRA, M. B. L.; SOARES, A. L. F. de H. **The influence of anti-vaccine movements on the children's vaccination schedule: a literature review.** Revista Uningá, [S. l.], v. 60, n. 1, p. eUJ4461, 2023. DOI: 10.46311/2318-0579.60.eUJ4461.

PACHIEGA, Michel Douglas; MILANI, Débora Raquel da Costa. **Pandemia, as reinvenções educacionais e o mal-estar docente: uma contribuição sob a ótica psicanalítica.** *Dialogia, São Paulo, n. 36, p. 220-234, set./dez. 2020.*

PACCIOLLA, A.; CANCELLIERI, U. & AQUINO, T. **Senso della vita, autodirezionalità e ragionamento morale.** *Ricerca di Senso, 17: 117-139, 2019.*

PEREIRA, I. S. **Tratado de Logoterapia e Análise Existencial: filosofia e sentido da vida na obra de Viktor Frankl.** *São Leopoldo: Sinodal, 2021.*

PICADO, L. **Ser Professor: Do mal-estar para o bem-estar docente.** *O portal dos psicólogos, p. 1-32, 2009.*

PLAISANCE, E.; NOVAES, R.; PONTUAL, P. **Educação em tempos de pandemia.** v. 30, n. 2, p. 2-5, 2020.

QUIJANO, A. **Colonialidad y modernidad/racionalidad.** *Perú Indígena, 13(29).*

REIS, E. et al. **Docência e exaustão emocional.** *Educ Soc, v. 27, n. 94, p. 229-253, 2006.*

ROCHA, Daniel de Macêdo; SILVA, Joyce Soares e; ABREU, Ingrid Moura de; MENDES, Priscila Martins; LEITE, Hilda Dandara Carvalho Santos; FERREIRA, Maria do Carmo Santos. **Psychosocial effects of social distancing during coronavirus infections: integrative review.** *Acta Paul Enferm., v. 34, eAPE01141, Mar. 2021.*

Ryff, C. D. **Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being.** *Journal of Personality and Social Psychology, 57(6), 1069-108.*

RIBEIRO, Andresa Darosci Silva Ribeiro; SILVA, Narbal. **Sentido e significado de felicidade no trabalho para professores.** *Navus: Revista de Gestão e Tecnologia, ISSN-e 2237-4558, Nº. 10, 2020.*



Sallee, D. T. y Casciani, J. M. **Relationship between sex drive and sexual frustration and purpose in life.** *Journal of Clinical Psychology*, 32(2), 273-275.

Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lúcio, M. P. B. **Metodologia da Pesquisa.** 5. ed. Penso.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus.** *Edições Almedina, Coimbra, 2020.*

SANTOS, É. C. DOS; GARDIN, T. N. **Perspectivas do campo de Políticas Públicas para a análise da Reforma do Ensino Médio no Distrito Federal.** *Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal*, v. 8, n. 22, p. 74–87, 2020.

SANTOS, Karine David Andrade; SILVA, Joilson Pereira da. **SENTIDO DE VIDA E SAÚDE MENTAL EM PROFESSORES: UMA REVISÃO INTEGRATIVA.** *Rev. SPAGESP, Ribeirão Preto*, v. 23, n. 1, p. 131-145, jun. 2022.

SCHUTTE, L., Brdar, I., Wissing, MP et al. **Questionário de medição da invariância do significado da vida em 17 países.** *Pesquisa Aplicada Qualidade de Vida*, 18, 1491–1519, 2023. <https://doi.org/10.1007/s11482-023-10150-7>.

MORAN, Seana. **Purpose: giftedness in intrapersonal intelligence.** *High Ability Studies*, 20:2, 143-159, 2009. DOI: 10.1080/13598130903358501.

SILVA, Joilson Pereira da; DAMASIO, Bruno Figueiredo; MELO, Suéllen Alencar. **O sentido de vida e o estresse do professorado: um estudo correlacional.** *Cad. psicol. soc. trab.*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 111-122, jun. 2009.

SILVA, N.; RIBEIRO, A.D.S.; BUDDE, C. & TOLFO, S. da R. **Estado del arte, descubrimientos e acciones efectivas referentes a la construcción de la felicidad em las contemporâneas.** In E. E. Pérez (Org.). *Entre lo disciplinar y lo profesional: panoranma y experiências em psicologia organizacional y edl trabajo em iberoamérica.* Cali: Programa Editorial Universida del Valle.

STEGER, M. F. **Meaning in life and wellbeing.** In M. Slade, L. Oades, & A. Jarden (Eds.), *Wellbeing, Recovery and Mental Health* (pp. 75–85). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781316339275.008>.

SANAGIOTTO, V.; PACCIOLLA, A. **A autotranscendecia na logoterapia de Viktor Frankl.** Vagner Sanagiotto, Aureliano Pacciolla (organizadores). – Petrópolis, RJ: Vozes, 2022. Vários Autores. ISBN 978-65-5713-496-2.

SCLIAR, M. **História do Conceito de Saúde.** *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 17(1): 29-41, 2007.*

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Suicide worldwide in 2019: global health estimates.** Geneva: World Health Organization, 2021. Licence: CC BY-NC-SA 3.0 IGO.

SHAW, K. **Colleges expand VPN capacity, conferencing to answer COVID-19.** *Network World (online), Apr 2, 2020.*

SILVA, J. P. DA; DAMÁSIO, B. F.; MELO, S. A. **O sentido de vida e o estresse do professorado: um estudo correlacional.** *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, v. 12, n. 1, p. 111, 2009.*

SILVA, A. F. D., ESTRELA, F. M., LIMA, N. S., & ABREU, C. T. D. A.. (2020). **Saúde mental de docentes universitários em tempos de pandemia.** *Physis: Revista De Saúde Coletiva, 30(2), e300216.* <https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300216>.

SOUZA, L. de J., & FARIAS, R. de C. P.. (2022). **Violência doméstica no contexto de isolamento social pela pandemia de covid-19.** *Serviço Social & Sociedade, (144), 213–232.* <https://doi.org/10.1590/0101-6628.288>.

TARDIF, M. LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas.** Maurice Tardif, Claude Lessard; tradução de Joao Batista Kreuch. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

TARIS, T.W. et al. **From inequity to burnout the role of job stress.** *Journal of Occupational Health Psychology, Florida, v. 4, n. 4, p. 303-323, 2001.*

TAŞ, İbrahim; İSKENDER, Murat. **An Examination of Meaning in Life, Satisfaction with Life, Self-Concept and Locus of Control among Teachers.** *Journal of Education and Training Studies, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 21-31, dec. 2017.* ISSN 2324-8068.

TEIXEIRA, C. F., & SANTOS, J. S.. (2023). **Análise estratégica da atuação do governo federal brasileiro na pandemia de COVID-19: 2020-2021.** *Ciência & Saúde Coletiva, 28(5), 1277–1286.* <https://doi.org/10.1590/1413-81232023285.10502022>.

TIRIBA, Lea. **Educação infantil como direito e alegria: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias.** Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

TOMIC, W., & TOMIC, E. (2008). **Existential fulfillment and burnout among principals and teachers.** *Journal of Beliefs & Values*, 29(1), 11-2  
<https://doi.org/10.1080/13617670801928191>.

VIANNA, Claudia Pereira. **A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente.** In: YANNOULAS, Silvia Cristina (Org.). *Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações.* Brasília, DF: Abaré, 2013. p. 159-180. <http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/44242>.

VIEIRA, G. P., & DIAS, A. C. G. **Sentido de vida: compreendendo este desafiador campo de estudo.** *Psicologia USP*, 32, 2021 e200149. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e200149>.

VIEIRA, D. C. R. (2014). **A velhice em uma dimensão existencial: perspectivas entre sentido de vida, religiosidade, vitalidade e temporalidade.** *Dissertação de Mestrado não publicada.* Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.

VIEIRA, D. C. R., AQUINO, de A. T. Thiago Antonio. **Vitalidade Subjetiva, Sentido na Vida e Religiosidade em Idosos: Um Estudo Correlacional.** *Trends in Psychology/Temas em Psicologia*. 2016, 24(2), 483-494.

VIGGIANO LAURENTI, A.; FELIPE SILVA, A. R.; PEREIRA DOS SANTOS NETO, A.; SILVA FHON, J. R. **Percepção do Idoso sobre a Vacinação contra COVID-19.** *Revista Paulista de Enfermagem*, v. 34, n. 1, 2023. DOI: 10.33159/25959484.repen.2023v34a07.

**Vivir la vida: guía de aplicación para la prevención del suicidio en los países.** *Resumen ejecutivo.* Organización Mundial de la Salud 2021. Licença: CC BY-NC-SA 3.0 IGO.

WANG, J.; WANG, Z. **Strengths, Weaknesses, Opportunities and Threats (SWOT) Analysis of China's Prevention and Control Strategy for the COVID-19 Epidemic.** *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 17, n. 7, p. 2235, 2020.

Wang Y, Di Y, Ye J, Wei W. **Study on the public psychological states and its related factors during the outbreak of coronavirus disease 2019 (COVID-19) in some regions of China.** *Psychol Health Med.* 2020; 30:1–10.

World Health Organization. (2005). **Promoting mental health: Concepts, emerging evidence, practice.** Geneva: WHO.

Wong, P. T. P. (2018). **Two-factor theory of search for meaning.** Disponível em: [<http://www.drpaulwong.com/two-factor-theory-of-search-for-meaning/>](<http://www.drpaulwong.com/two-factor-theory-of-search-for-meaning/>). Acesso em nov 2023.

Yongzhan Li (2018): **Building well-being among university teachers: the roles of psychological capital and meaning in life.** *European Journal of Work and Organizational Psychology*, DOI: 10.1080/1359432X.2018.1496909.

ZACHARIAS, J., Mendes, A. R., Lettnin, C., Dohms, K. P., Mosquera, J. J. M., & Stobäus, C. D. (2011). **Saúde e Educação: do mal-estar ao bem-estar docente.** *Educação Por Escrito*, 2(1).

ZANATTA, Cleia; CAMPOS, Luís Antônio Monteiro; COELHO, Patricia Damiana da Silva. **A pessoa idosa e a busca do sentido. Um olhar de esperança.** \*Rev. abordagem gestalt., Goiânia, v. 27, n. 1, p. 104-113, abr. 2021.